

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

ERNANDES DE OLIVEIRA PEREIRA

**O OLHAR HUMANISTA CULTURAL SOBRE AS
PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES DOS POVOS
RIBEIRINHOS DO FORMATE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia, do Centro Ciências Humanas e Naturais (CCHN), da Universidade Federal do Espírito Santo. Requisito para a obtenção do grau de mestre em Geografia.

Área de Concentração: Natureza, técnica e Território.

Linha de Pesquisa: Dinâmicas da natureza e transformações dos territórios.

Orientadora: Prof. Dr.^a Gisele Girardi

**VITÓRIA
2011**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Pereira, Ernandes de Oliveira, 1975-

P436o O olhar humanista cultural sobre as percepções e representações dos povos ribeirinhos do Formate / Ernandes de Oliveira Pereira. – 2011.

171 f. : il.

Orientadora: Gisele Girardi.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Geografia humana. 2. Fenomenologia. 3. Percepção. 4. Representação mental. I. Girardi, Gisele. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 91

À minha esposa Selma que muito me ajudou a manter a serenidade em todos os momentos dessa pesquisa.

E a minha filha Carina, que mesmo sem saber, foi motivo de força para a continuidade dos meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a DEUS que me deu saúde e muita força para concluir esse trabalho.

À minha orientadora professora Dr.^a Gisele Girardi que com toda a paciência, e mesmo sabendo de minhas limitações metodológicas, soube guiar os meus passos.

Ao carinho de minha família, em especial, a minha amada esposa Selma que soube me dar força e que teve paciência nos momentos mais difíceis da pesquisa.

À secretária do Programa de Pós-Graduação, Izadora, que regou minhas reflexões com os seus maravilhosos cafezinhos.

À professora Dr.^a Amélia Batista Nogueira que mesmo sem saber, iluminou os meus caminhos teóricos nos estudos de percepção e representação da população ribeirinha.

Ao professor Dr.^o Eduardo Marandola Jr. que possibilitou minha inclusão nos caminhos da fenomenologia.

Ao meu grande amigo, o geógrafo do IDAF, Vailson Schineider que me cedeu as imagens de satélites para a confecção dos mapas temáticos.

Aos membros da Associação Intermunicipal Ambiental em Defesa do Rio Formate e seus Afluentes (ASIARFA), em especial à João Neto, que possibilitaram essa pesquisa.

Aos meus colegas do Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAV), em especial Adriano Perrone, Marta Gisela e Edyr Francisco, que me deram o apoio nos momentos finais de minha pesquisa.

Aos meus colegas do Centro Educacional Agostiniano, em especial Irmã Alaíde, Irmã Rita e Lourdes que testemunharam e me deram o apoio e compreensão durante esta pesquisa.

Aos meus colegas do mestrado da turma de 2009, que me acolheram e me deram a força necessária para a realização da minha pesquisa.

E a todas as famílias ribeirinhas do Formate, que vivenciando o drama das enchentes, contribuíram, de forma significativa, para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Trago dentro do meu coração,
Como num cofre que se não pode Fechar de
cheio,
Todos os lugares onde estive,
Todos os portos a que cheguei,
Todas as paisagens que vi através De janelas
ou vigias,
Ou de tombadilhos, sonhando,
E tudo isso, que é tanto, é pouco Para o que eu
quero.

Fernando Pessoa

RESUMO

O mundo é complexo, dinâmico e imprevisível. Esse é o mundo vivido pelos homens. O espaço deixa de ser um mero palco de acontecimentos econômicos, sociais, culturais e naturais, para tornar-se o espaço vivido pelos homens. Esse trabalho tem o objetivo de compreender os lugares vividos, dos povos ribeirinhos do Formate. Suas percepções e suas representações constituem o principal objeto de estudo. A partir da análise das narrativas dos moradores, sob os princípios teóricos da geografia humanista cultural, alicerçada pela fenomenologia, sacramentada por Edmund Husserl, pretende-se compreender as visões de mundo dos moradores ribeirinhos. Dessas análises os sentimentos de medo, espaciosidade e a esperança de um lugar melhor emergem a cada enchente do rio Formate. A partir dessa realidade, identificou-se duas visões de mundo, duas noções de lugar, uma do morador ribeirinho e a outra dos seus representantes dos movimentos ambientais populares. Ambas tem em comum o saber do senso comum, oriundo das experiências da vida cotidiana, muitas vezes ignorado pelo pensamento científico. A abordagem humanista cultural é mais uma possibilidade de entender esse mundo, não como substituta de outras perspectivas do pensamento geográfico, mas como um complemento, para que o geógrafo tenha ferramentas múltiplas para compreender a multiplicidade do mundo.

Palavras-chaves: Geografia Humanista Cultural, Fenomenologia, Percepção, Representação, Narrativas e lugar.

ABSTRACT

The world is complex, dynamic and unpredictable. This is the world lived by people. The space is no longer merely a stage of economic developments, social, cultural and natural to make the space experienced by men. This work aims to understand the places lived, the people bordering the format. Their perceptions and representations are the main object of study. From the analysis of narratives of residents, under the theoretical principles of humanistic cultural geography, supported by phenomenology, sanctified by Edmund Husserl, aims to understand the world views of the river dwellers. Analysis of these feelings of fear, spaciousness and the hope of a better place emerge each river flooding Format. From this fact, we identified two worldviews, two notions of place, one of the riverine communities and other representatives of the popular environmental movement. Both have in common knowledge of common sense, drawn from the experiences of everyday life, often ignored by the scientific thought. The humanistic approach is more a cultural ability to understand the world, not as a substitute for other perspectives of geographic thought, but as a complement to the geographer has multiple tools to understand the multiplicity of the world.

Keywords: Cultural Humanist Geography, Phenomenology, Perception, Representation, Narrative and place.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa de Hecateu	20
Figura 2. Mapa-mundi de ptolomeu.....	21
Figura 3. Os mapas O-T.....	23
Figura 4. Um mapa protulano	25
Figura 5. Mudanças de estados da água	65
Figura 6. Diagrama de convergência dos fluxos de encostas.....	65
Figura 7. Delimitação da Bacia hidrográfica rio Formate-Marinho	68
Figura 8. Cotas altimétricas e padrão de drenagem do rio Formate	70
Figura 9. Mapa Hipsométrico do rio Formate	72
Figura 10. Componentes da interceptação da chuva	74
Figura 11. Uso e ocupação do solo	76
Figura 12. Mapa da área de estudo	77
Figura 13. Mapa da Localização do setor 1	78
Figura 14. Ponte sobre o rio Formate	79
Figura 15. Ponte sobre o rio Formate	79
Figura 16. Indícios de deslizamento de encosta	80
Figura 17. Av Minas Gerais, paralela ao rio Formate, Marcílio de Noronha.....	81
Figura 18. Obras de contenção de encosta, Marcílio de Noronha	81
Figura 19. Comunidade Católica de São Pedro, Marcílio de Noronha	82
Figura 20. Mapa de localização do setor 02	83
Figura 21. Vista da ponte que liga o bairro Operário (Cariacica) com Industrial (Viana).....	84
Figura 22. Vista do bairro Operário sobre a ponte	85
Figura 23. Vista do bairro Operário sobre a ponte (enchente)	85
Figura 24. Avenida Principal do bairro Industrial.....	86
Figura 25. Avenida principal do bairro Industrial (inundada)	86
Figura 26. Tipo de moradia, no bairro Operário	87
Figura 27. Disposição das palafitas... ..	88
Figura 28. Lixo e esgoto lançados diretamente no rio	88
Figura 29. Localização do setor 03	89
Figura 30. Antiga Fábrica da Braspérola	90

Figura 31. Fábrica Real Café	90
Figura 32. Ponte sobre o rio Formate, BR-262	91
Figura 33. Localização do setor 04	92
Figura 34. Casa ribeirinha do bairro Vila Rica (Cariacica)	93
Figura 35. Imagem da mesma casa da figura anterior, inundada	93
Figura 36. Ponte sobre o rio Formate em Vila Rica	94
Figura 37. Rio Formate Vila Rica e Vila Bethânea	94
Figura 38. Rio Formate Vila Rica e Vila Bethânea (Inundada)	95
Figura 39. Ponte nova, Corredor Sudoeste-Norte-Sul	96
Figura 40. Corte de encostas e de estradas	96
Figura 41. Construção de casa populares	97
Figura 42. Área em expansão imobiliária Arlindo Vilaschi	97
Figura 43. Reunião dos moradores ribeirinhos com a ASIARFA	100
Figura 44. Esquema: Percepções e representações.....	102

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Perfil longitudinal do rio Formate	70
Gráfico 2. Grau de instrução dos moradores ribeirinhos do Rio Formate	144
Gráfico 3. Distribuição dos moradores por setor profissional	145
Gráfico 4. Locais de origem dos moradores ribeirinhos	145
Gráfico 5. Distribuição dos trabalhadores ribeirinhos entre as cidades da Grande Vitória	146
Gráfico 6. Os elementos que mais agradam á população ribeirinha	147

SUMÁRIO

Introdução.....	11
CAPÍTULO I	
A abordagem humanista cultural no pensamento geográfico	
1.1 A abordagem humanista cultural na história do pensamento geográfico.....	17
1.2 O mundo vivido: o lugar sob a ótica humanista.....	50
CAPÍTULO II	
Caracterização e contextualização da área de estudo	
2.1 Uma breve aventura metodológica.....	61
2.2 Caracterização da área de estudo.....	63
CAPÍTULO III	
Percepções e representações: a geograficidade de quem vive as águas do rio Formate	
3.1 Uma breve reflexão.....	100
3.2 As percepções e representações dos moradores ribeirinhos.....	103
3.3 As percepções e representações dos moradores dos movimentos populares ambientais do rio Formate.....	115
Considerações Finais.....	131
Referências.....	133
Apêndices.....	139
Anexos.....	167

INTRODUÇÃO

Para toda a pesquisa há um começo. E o ponto de partida para esta, reside na experiência de vida do próprio autor, que já foi um ribeirinho e já sentiu a perda, a decepção e as alegrias que um rio pode oferecer. Assistir a um drama ambiental, sem nada a fazer a respeito, é o mesmo que contrariar todos os princípios que fundamentam o caráter desse autor. Foi dessa sensação que nasceu o desejo de estudar as percepções e as representações dos povos ribeirinhos do Formate.

A complexidade de todos os fenômenos associados aos impactos ambientais nas áreas urbanas impõe o desafio de problematizar a realidade e a construção de um objeto de investigação. Ao mesmo tempo, exige ainda uma articulação na interpretação mais coerente dos processos ecológicos e sociais aos processos de degradação do ambiente urbano (COELHO, 2009). É uma tarefa difícil, mas não impossível.

Para tanto, é preciso considerar que os fenômenos – os que alteram a dinâmica dos espaços – criam diversas noções de lugares. Nesse caso, apenas uma forma de saber científico não seria suficiente para dar conta de toda essa complexidade. No caso das relações sociais e culturais que se desenvolvem ao longo de um canal fluvial, a postura da ciência não poderia ser diferente, especialmente a ciência geográfica.

Os estudos hidrológicos são de natureza interdisciplinar. Por isso, cada vez mais especialistas de áreas como Agronomia, Biologia, Engenharia, Geografia, Geologia, Geomorfologia, Paisagismo, Planejamento regional, sociólogos e antropólogos se interessam e se empenham em descobrir as melhores maneiras de se compreender os fenômenos ligados a esse tema (COELHO, 2008).

Muitas civilizações antigas cresceram às margens de grandes rios (CUNHA, 2009). E tal fenômeno, atualmente, mesmo nas regiões distantes dos grandes centros urbanos, ainda acontece, porém com características bem específicas e que estão intimamente relacionadas com os indivíduos enquanto seres únicos, ou enquanto seres coletivos. Numa relação intersubjetiva, esses constroem os seus mundos vividos, ou os seus lugares de vida.

David Drew (2005), alerta que foi por causa da absoluta importância da água potável que a alteração na sua ocorrência ao longo do tempo e no espaço gerou as primeiras ações humanas na tentativa de modificar o ambiente natural. Em suma, o desenvolvimento da sociedade sempre esteve também vinculado ao controle da água.

Essas questões justificam de certa forma o presente estudo. Seria muito difícil esgotar todas as possibilidades e tentativas de se entender o comportamento das sociedades em relação aos recursos da natureza, em especial nesse estudo, da água.

Outro fator importante que se deve acrescentar é uma reflexão sobre a delimitação da área de estudo. É comum, nos trabalhos realizados até o momento sobre o rio Formate, uma delimitação que segue com rigor os limites da área desta bacia hidrográfica. Mas partindo dos relatos dos ribeirinhos, essa noção de bacia hidrográfica não é tão clara assim, mesmo para aqueles que fazem parte de algum movimento ambientalista popular da região. Por isso, a área de estudo está compreendida, no curso médio do rio Formate, entre o bairro Marcílio de Noronha e Morada de Bethânia em Viana, onde possui maior concentração de pessoas na bacia, maior ocorrência de problemas ligados às inundações. São os lugares de vivência dos ribeirinhos.

Portanto, o objetivo principal do presente trabalho é compreender esses mundos de vida. É descortinar as visões de mundo, as noções de lugar e o papel do rio Formate nesse processo, a partir da experiência das pessoas que vivenciam suas águas.

A partir desse objetivo, surgem questões que se pretende responder, ao longo dessa pesquisa: Que representações caracterizam o olhar do ribeirinho? Como o rio Formate se insere nesse processo? Como o rio é percebido por esses povos?

Sabe-se que a água é capaz de cumprir várias funções, e no aspecto natural, ela é capaz de modelar o relevo (COELHO, 2008). Porém, no caso das representações dos povos, parte-se da premissa de que essa água tem um poder de modelar o modo como as pessoas se reproduzem no espaço, mas não só em uma via de mão única, pois considera-se também aqui, uma relação dialética entre natureza e

sociedade. Ou seja, onde a água pode ter suas funções, seus significados e seus aspectos físicos, apropriados e moldados pelas pessoas.

Os referenciais teóricos usados estão vinculados a abordagem humanista cultural da geografia, através de temas como percepção e representação, muito explorados por essas abordagens. Na essência, baseiam-se na perspectiva filosófica da fenomenologia iniciada por Edmund Husserl. Geógrafos clássicos como Yi-Fu Tuan, Eric Dardel, Edward Relph, Anne Buttiner, Paul Claval, bem como, os geógrafos humanistas culturais contemporâneos brasileiros, como Salete Kozel, Livia de Oliveira, Roberto Lobato Corrêa, Eduardo Marandola Jr. e Amélia Regina Batista que serviram de suporte teórico para a análise dos relatos dos moradores ribeirinhos.

Para a coleta das informações, além de uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos e teses de doutorados, bem como relatos dos moradores publicados pelos jornais A Gazeta, A Tribuna e Folha Vitória, de grande circulação no Estado, foram realizadas entrevistas, questionários e conversas informais e até mesmo a transcrição e análise de depoimentos gravados em DVD, pelos representantes dos movimentos ambientais populares.

Para o desenvolvimento dos mapas temáticos, foram usadas como base, imagens de satélites da área, cedidas pelo IDAF do ano de 2007. Foram utilizados também, os mapas de outros trabalhos monográficos sobre a região, produzidos por geógrafos da Universidade Federal do Espírito Santo. Para a análise e confecção dos mapas, foi utilizado um software livre de geoprocessamento, chamado de QGIS 1.10, disponível gratuitamente.

As fotos produzidas foram feitas em diversos trabalhos de campo, para que a morfologia da paisagem, pelo menos as características mais importantes de cada trecho, sejam apresentadas nesse trabalho, através de uma descrição técnica com a finalidade de permitir que o leitor tenha uma ideia um pouco mais clara da área de estudo. Pretende-se também facilitar a compreensão das representações dos ribeirinhos, principalmente o entendimento do significado que os mesmos dão ao rio e ao lugar.

Também, não poderia deixar de incluir, nesse trabalho uma breve caracterização da área de estudo, a partir de conceitos geográficos ligados à climatologia, geomorfologia, pedologia, hidrologia e a biogeografia. Para tanto, partiu-se dos limites da bacia hidrográfica do rio Formate até chegar à delimitação da área de estudo em uma escala maior.

Um breve perfil sócioeconômico da população ribeirinha foi realizado a partir de um questionário (ANEXO I). Esse possibilitou a identificação de um grupo de dez famílias distribuídas entre os bairros mais atingidos pelas inundações Vila Rica (Cariacica), Vila Bethânia e Morada de Bethânia em Viana. Famílias essas formadas por pais de alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Novaes Pinheiro, situada em Vila Bethânia, às margens do rio Formate.

Os resultados dessas pesquisas foram organizados no presente trabalho na seguinte forma:

No capítulo I, há uma reflexão sobre a presença da abordagem cultural e humanista nos estudos de caráter geográfico desde a antiguidade até os tempos modernos. Um breve passeio pela história da geografia, a partir das análises dos autores ligados à perspectiva cultural humanista. Nesse capítulo, também se discute a influência da fenomenologia a partir de Edmund Husserl nos estudos geográficos. O que possibilita uma breve análise dos conceitos de percepção e representação, bem como a importância das narrativas. Assim foi possível estabelecer uma ligação entre a linguagem e os mapas mentais, de um ponto de vista diferente, distante da concepção gráfica.

No capítulo II, com o intuito de situar e contextualizar o leitor, na área de estudo, há descrições de caráter natural, partindo das dimensões da bacia hidrográfica do rio Formate até a escala da área de estudo em questão. Fotos da região e mapas temáticos são usados como suporte para as descrições e análises da área. Apresenta-se também uma breve caracterização do perfil dessa população ribeirinha, a partir de uma amostragem. Não há nenhuma pretensão de esgotar todas as características dessa área e sim a intenção de apenas situar o leitor.

No capítulo III, partindo do relato dos moradores ribeirinhos atingidos pelas enchentes e de seus representantes nos movimentos populares, como associações

de moradores e ONGs, expõe-se uma análise das suas percepções e representações, para compreender as visões de mundo desses moradores, partindo de suas experiências com os lugares.

Os anexos foram organizados com os seguintes documentos: o questionário, as transcrições das narrativas e dos depoimentos dos ribeirinhos, os mapas sobre o uso do solo das áreas urbanas dos municípios de Cariacica e Viana, produzidos pelo Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN).

Espera-se que a leitura desse trabalho possa externar as experiências daqueles que sofrem com as grandes inundações, em especial dos que vivem à margem do rio Formate. É claro que muito ainda pode ser estudado sobre o assunto, o que se pretende é apenas motivar a realização de outras pesquisas mais amplas e profundas, levando-se em conta as múltiplas abordagens geográficas dentro de uma perspectiva complementar.

CAPÍTULO I

A ABORDAGEM HUMANISTA CULTURAL NO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

1.1 A abordagem humanista cultural na história do pensamento geográfico.

A Geografia busca, há muito tempo, o seu modo de estudar a relação do homem com o mundo que o cerca. Essa atitude está presente desde a antiguidade, uma característica que poucas ciências possuem. É uma ciência tão natural quanto humana, capaz de se moldar à multiplicidade do seu objeto de estudo ao buscar um saber que possibilite entender a relação da sociedade com o meio.

Essa sociedade é um sistema complexo que incorpora contradições que influenciam e redirecionam as inter-relações dos seus constituintes que são, por natureza, antagônicos e conflitivos (COELHO, 2009). Essas características se manifestam na produção do espaço geográfico, que ao longo dos séculos, dentro da história epistemológica da geografia, adquiriu vários conceitos. Essas contradições ora estão explícitas nesse espaço, através da organização das cidades e dos campos, dos tipos de construções que ali foram deixados, ora estão implícitas nas relações entre as pessoas, e entre as pessoas e a natureza. Isso constitui um campo de trabalho fértil para o geógrafo que deseja compreender o funcionamento deste mundo que está sendo construído.

Dentro desse aspecto, que caracteriza a complexidade do estudo das relações homem/natureza, a geografia se esforçou em aprimorar sua base metodológica e conceitual tentando acompanhar o dinamismo da sociedade. E é essa façanha epistemológica que será apresentada nos próximos parágrafos. Através de uma breve reflexão será possível perceber como a abordagem humanista cultural foi se fazendo presente nos estudos geográficos.

À princípio, tanto a geografia quanto a cartografia serão abordadas como partes de uma única ciência, pois na antiguidade não havia uma separação tão nítida entre esses dois saberes, como existe hoje. Por serem duas ciências que se inter-relacionam e que de certa forma são interdependentes entre si, constatou-se, através de evidências históricas, que ambas estão presentes há muito mais tempo que se imagina.

A antiguidade...

A geografia e a cartografia são ciências que constituem parte do conhecimento humano desde os tempos dos primatas que lutando pela sobrevivência davam uma nova forma aos lugares por onde passavam, ao mesmo tempo em que registravam tudo (NOGUEIRA, 1994). Esse desejo pela sobrevivência e pelo domínio do espaço levou a humanidade para níveis de evolução – dentro de uma visão darwiniana – que superou muitos outros animais que já dominaram o planeta. O domínio do fogo, a prática da agricultura, a domesticação de animais, provocaram o sedentarismo de diversos grupos humanos em detrimento do nomadismo.

Assim surgiram as grandes cidades-estados, as grandes civilizações, caracterizadas por suas crenças religiosas e por sua organização política e econômica espacial. Criaram sistemas de crenças engenhosos, na tentativa de explicarem os fenômenos da natureza, como as cheias, as tempestades, o frio, a seca e a origem e a forma do planeta. Sustentavam e justificavam as suas ações militares com o objetivo de aumentar suas posses de terra. Por exemplo, os gregos, mesmo convencidos de que o planeta era plano e constituído por uma massa de terras que flutuava na água, não deixaram de procurar conhecer novos lugares em busca de riquezas e de conquista de territórios (NOGUEIRA, 1994).

Nesse cenário, os conhecimentos de cartografia e geografia tornaram-se tão estratégicos nesse período, que povoaram as histórias, os mitos e os grandes feitos heróicos. Essas narrativas, apesar de terem dominado o comportamento das sociedades daquela época, verdadeiras ou não, tiveram seus grandes méritos: estimularam as pessoas a buscarem o conhecimento do planeta porque os mitos gregos estavam associados a lugares precisos e por isso todos deveriam saber onde se desenrolaram (CLAVAL, 2006). Ainda complementando, “o interesse por um saber relacionado com os lugares tem, pois, na Grécia, raízes culturais e religiosas” (CLAVAL, 2006, p.23). Essa ideia expressa a íntima relação da cultura e da religião, com o caráter humanista da ciência geográfica desde os tempos da Grécia. O humanismo aqui é visto a partir da ideia de que o homem é o centro de todos os acontecimentos e que suas obras refletem suas atitudes para com o meio que vivencia. Mas o humanismo grego é povoado pela magia, pelos feitos heróicos onde os homens desafiavam os deuses, que por sua vez se vingavam dos homens.

A cartografia não poderia ficar de fora desse mundo, pois os mapas produzidos demonstravam as formas de pensar da época. Por exemplo, Claval (2006) revela que a representação da Terra sempre despertou o interesse dos gregos. Isso é visível quando Homero revela a forma do mundo na sua descrição do escudo de Aquiles. Ou quando relata que no decurso do seu vôo, Ícaro desfruta de uma perspectiva soberba do mundo que ninguém pode ter permanecendo no solo. Essas referências literárias nunca serão esquecidas e podem inclusive servir de objeto de estudo para a geografia.

Vale lembrar que os gregos antigos consideravam Homero como uma autoridade em Geografia e que por isso sua visão da Terra foi transmitida até a época de Hecateu (que floresceu entre os anos de 520-55 antes de Cristo). Na verdade até o século quinto antes de Cristo, acreditava-se que a Grécia era o centro do mundo (TUAN, 1980). Na antiguidade grega Homero acreditava que a Terra era redonda, plana e circundada por uma grande corrente. Essa concepção da Terra se relaciona bem com a ideia do cosmo circular, pois todo o círculo implica um centro, que também implica uma cultura central (TUAN, 1980). Ou seja, essa representação reflete um pensamento etnocentrista. Observando o mapa de Hecateu (Figura 1), pode-se observar o mundo na visão de Homero.

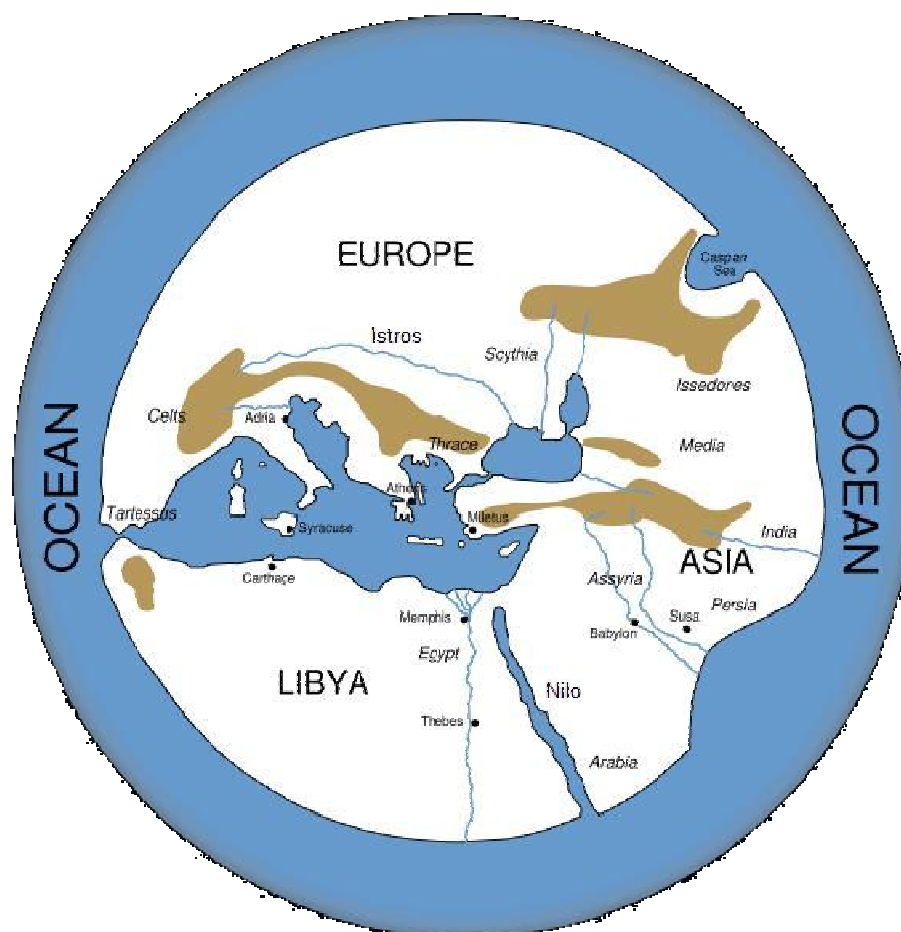


Figura 1. Mapa de Hecateu de Mileto (entre 520-500 antes de Cristo citado TUAN, 1980)

Nessa figura é possível verificar que a cidade de Atenas fica no centro do círculo, enquanto que o restante da Europa, da Ásia e da África (Líbia), estão nas periferias. A ideia de periferia aqui está associada a hierarquização das culturas, onde no centro se localizam as culturas ditas superiores e nas periferias as culturas inferiores. Porém, essa atitude hierarquizante era muito comum em outras civilizações como os persas, os egípcios etc. O caráter etnocentrista não era exclusividade dos gregos. Na reflexão de Tuan (1980) a ideia de superioridade e centralidade provavelmente seja necessária para a sobrevivência da cultura. Quando a crua realidade despedaça essa ilusão, quando outras culturas se manifestam com frequência maior e impõem também sua superioridade é possível que a própria cultura decline.

Ainda acerca de Homero, séculos mais tarde, Dionísio Periegesa (século II D.C.) através de um poema didático chamado de *Periegesa* descreve os lugares, do ponto

de vista de Ícaro, mais pelas memórias aí deixadas pela mitologia do que pelo seu papel no mundo do seu tempo, preservando a memória das bases territoriais da cultura grega (CLAVAL, 2006). Ora isso ocorreu numa época em que as tradições gregas já estavam distantes e que de certa forma foram quase esquecidas e deturpadas pelos romanos. Mas é através dessa obra que Dionísio tenta resgatar a cultura grega a partir da mitologia dos lugares e dos feitos heróicos.

Outro pensador grego que também destacou os aspectos culturais nos seus relatos históricos e geográficos foi Heródoto (485-425 a.C.), reconhecido como um dos fundadores da geografia. Ele descrevia o mundo do seu tempo de uma maneira em que os seus relatos privilegiavam os costumes em detrimento das paisagens e meios. Estão longe de serem apenas relatos do ponto de vista de um viajante que apresenta etapas de uma rota (CLAVAL, 2006). Estudou detalhadamente os lugares por onde andou, suas populações e características, o contexto espacial e a organização política destes (NOGUEIRA, 1994).

Séculos mais tarde, outro grego que também se destacou na geografia, foi Ptolomeu de Alexandria (100-168 D.C.), que publicou uma obra intitulada *Geografia*, em oito volumes. Continha um mapa do mundo e vinte seis outros mapas de lugares formando o que poderia ser chamado de primeiro atlas mundial (NOGUEIRA, 1994).



Figura 2. Mapa-mundi de Ptolomeu. (CLAVAL, 2006)

O que se via no seu mapa-mundi (Figura 2), por exemplo, era praticamente uma síntese de todo o conhecimento da superfície da Terra da época. Por isso, Ptolomeu passou a ocupar uma posição importante na história da geografia, como aquele que conseguiu reunir em uma única obra, todas as representações do mundo, da sua era. Nela, Ptolomeu faz uma espécie de inventário da posição de 800 lugares conhecidos na superfície da Terra. Atualiza e resume o conjunto do saber astronômico e geográfico acumulado pelos gregos através da cartografia. Não faz qualquer referência à descrição regional (CLAVAL, 2006).

A história da Cartografia/Geografia ainda continua com os romanos que diferentes dos gregos – que além da preocupação política com as conquistas tinham a preocupação de melhorar seus conhecimentos e torná-los mais precisos – utilizavam os mapas e os relatos que tinham dos lugares para fins militares (NOGUEIRA, 1994). Apesar dos romanos reterem apenas os aspectos práticos da geografia dos gregos, Ptolomeu, nesse contexto, ainda continuava a trabalhar com a reflexão teórica e metodológica da tradição grega da geografia.

A idade Média...

Para alguns estudiosos, a chegada da Idade Média, representou um retrocesso da ciência, de uma forma geral, e para a geografia/cartografia. A queda do império romano marcada pelo estabelecimento do cristianismo deu lugar ao Império da Igreja. O desenvolvimento das ciências retrocede e, portanto também o da Geografia/Cartografia. Ambas passaram a ter sua existência na Bíblia que continha referências cosmológicas e geográficas que eram impostas para os cidadãos pela igreja (NOGUEIRA, 1994).

Dessa época as representações do mundo que mais se destacaram foram os mapas O-T (*orbis terrarum*) (Figura 3). Totalmente inúteis para a navegação. Um “O” representa o limite da água circundante, o outro representa o limite da Terra. O “T” divide a Terra em três partes: a Ásia à leste dos rios Don e Nilo, a Europa na parte noroeste e a África na parte sudoeste, nos dois lados do mar mediterrâneo. O topo do mapa, portanto, é o leste, o lugar do sol nascente e da ascensão de Cristo. A Europa ocupa um lugar modesto no mapa O-T; ela é sobrepujada pela Ásia, mas

esta distribuição permite que Jerusalém se localize no centro do mundo (TUAN,1980)

Essa representação do mundo reflete o poder ideológico da igreja, sobre a sociedade medieval. Revela que símbolos como a cruz já estavam bem interiorizados na cultura dos povos europeus. Ao colocar Jerusalém no topo do mapa e sobre a própria Europa, não era sinal de que havia um sentimento de inferioridade em relação à Ásia. Na verdade o que os europeus denominavam de “a verdadeira Ásia”, resumia-se às regiões por onde o povo de Deus, os hebreus, passaram, e por onde Jesus viveu sua vida terrena (Jerusalém). As outras áreas da Ásia eram consideradas submundos, ocupados por uma cultura inferior representada, por exemplo, pelos povos islâmicos. Essa concepção etnocêntrica resultaria mais tarde nas cruzadas.

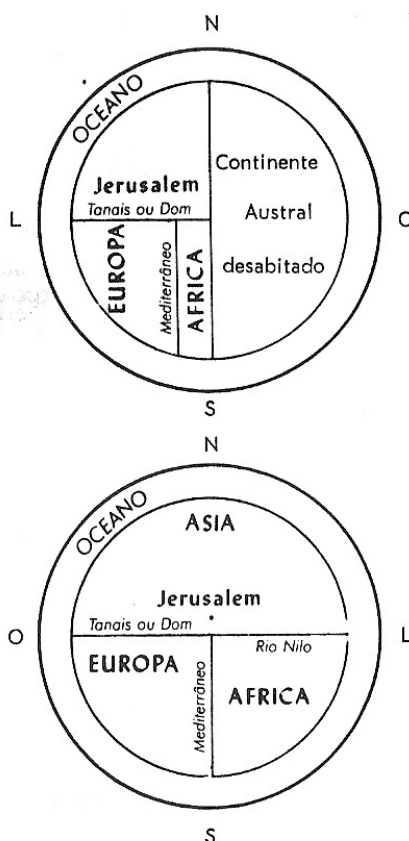


Figura 3. Os mapas O-T da Europa Medieval (TUAN,1980).

A Europa Medieval, foi dividida em pequenos lugares independentes. Como a produção se limitava ao autoabastecimento, não havia a necessidade de longas viagens, para conquistar novos territórios e para buscar mais riquezas. Além disso, a

igreja tomou para si a responsabilidade da reprodução do conhecimento (NOGUEIRA, 1994). Esse era o contexto da Europa na Idade Média em que a geografia/cartografia limitou-se em reproduzir os pensamentos religiosos da época, impostos pela igreja. Os conhecimentos sobre a forma da Terra, sobre a produção de mapas mais precisos, o desejo de conhecer outros lugares e de ouvir os relatos de regiões distantes, atitudes oriundas da tradição grega, foram relegados em segundo plano, para dar lugar às representações espaciais, calcadas na fé religiosa e na difusão do cristianismo.

Cada cultura expressa suas particularidades em seu modo de agir, em sua religiosidade, em sua forma de ver e pensar o mundo (NOGUEIRA, 1994). A partir dessa reflexão, pode-se compreender que mesmo com o “retrocesso” da ciência, naquele período, a geografia produzida tinha suas especificidades, que serviriam de base para futuros estudos. Esses arcabouços metodológicos estruturados na ciência geográfica pelo modo de viver medieval são muito valiosos. Mesmo que oficialmente a geografia não tenha sido reconhecida enquanto ciência naquela época nas universidades, ela estava presente nas atitudes das pessoas da época. Na literatura medieval, por exemplo, lendas, mitos de reinos distantes, poderiam revelar lugares que despertariam a curiosidade das pessoas.

Contudo, com o passar dos anos a organização sócio-espacial da idade média já não atendia mais as necessidades dos homens e finalmente alcançou o seu declínio. Os feudos já não se auto-sustentavam, doenças se alastravam e a fome afetava cada vez mais pessoas. Esses fatores aumentaram os conflitos entre os senhores e os servos (NOGUEIRA, 1994). Estes descontentes com a situação que viviam, fugiram para as cidades (burgos) e para outros lugares que no seu imaginário, representariam uma vida melhor. As viagens aumentaram, intensificaram-se as cruzadas e o comércio interno e externo cresceram. Uma nova classe emergiu nesse cenário, os burgueses, ávidos por ultrapassar as fronteiras e as barreiras que ainda travavam os seus negócios.

O desenvolvimento do comércio e uma maior mobilidade das pessoas e mercadorias possibilitaram a emergência de novas práticas que transformaram lentamente a obtenção de dados geográficos (CLAVAL, 2006). Nesse período foi necessário aprimorar a elaboração de cartas mais precisas do mundo conhecido. Ainda

predominava a ideia de que a terra era plana, com terras que flutuavam sobre as águas, mas os mapas dessa linha, como os O-T não serviam para os propósitos práticos da navegação. Conhecimentos geográficos construídos pelos gregos foram revisitados e ressignificados.

A idade Moderna – humanismo iluminista – contra igreja, Deus e a natureza

Os saberes práticos desenvolveram-se rápido num mundo em que os deslocamentos se multiplicaram. Graças à bússola, transmitida pelos Árabes, os marinheiros do século XIV, não temiam mais afastar-se da costa (CLAVAL, 2006). Novas rotas comerciais, sejam elas por terra ou por mar, criaram a necessidade de reformulação das cartas que passaram a se chamar na história da cartografia como *Portulanos* (Figura 4). Foram construídas a partir de observações diretas por meio da bússola, que permitiu revolucionar o processo de construção de mapas para a navegação (NOGUEIRA, 1994).



Figura 4. Um mapa portulano do século XV do atlas de Miller em 1519 (CLAVAL, 2006).

Apesar das cartas portulanas representarem muito bem o litoral dos continentes, ela ignorava o interior dos mesmos. Na figura 4, é possível perceber que os recursos naturais e as belezas naturais foram bem destacados. Dados técnicos como o relevo, a vegetação, a hidrografia, não existiam com precisão. As informações ali contidas eram provenientes de relatos dos exploradores, que preferiam destacar os

fatos ligados a apropriação dos recursos naturais e humanos. “O mapeamento do mundo abriu caminho para que se considerasse o espaço algo disponível a apropriação para usos privados” (NOGUEIRA, 1994, p. 25). Ou seja, as navegações promoveram uma ampla gama de descobertas de novas terras que até então eram desconhecidas ou só existiam em lendas e mitos, mas propiciaram também uma nova concepção do espaço, como algo que deveria ser apropriado a qualquer custo e comercializado.

A busca frenética de mapas que mostrassem o mundo com maior precisão possível fez com que as cartas marítimas se tornassem cada vez mais instrumentos de poder e riqueza. Tornaram-se tão valiosas quanto o ouro. Não eram somente os reis que tinham interesse em descrever e representar o mundo, mas também a classe de mercadores que visava à riqueza e ao lucro (NOGUEIRA, 1994). Essas ideias foram tão intensas que muitas nações européias se empenharam pela busca de novas terras, que pudessem sustentar o modo de produção da época, o capitalismo mercantilista.

Nesse contexto, o humanismo também surge como o pensamento que explicaria este novo cenário, ou seja, a supremacia do capitalismo sobre o feudalismo. Esse humanismo se consolidou no século XV, principalmente nas universidades italianas, como movimento literário, teológico e filosófico, graças a tradição greco-romana e judaico-cristã, que foram absorvidas pelas civilizações. A humanidade é colocada aí como o centro das reflexões. Porém, o movimento humanista já existia desde o século XI e XII, nas regiões mediterrâneas e da Ásia Menor (ARAÚJO, 2007). O humanismo aqui, não está associado ao conceito de humanismo dos tempos modernos, onde os direitos humanos seriam a principal base conceitual. Esse humanismo na verdade era um retorno do homem como o principal articulador do seu destino, em detrimento do poder de Deus ou das forças sobrenaturais, que o clero pregava. Era um movimento que chegava para combater as ideias que predominavam sobre a mente dos europeus desde os tempos medievais.

O humanismo, assim como o capitalismo em relação ao feudalismo, surgiu como uma contraposição às limitadas doutrinas estabelecidas pelo clero (TUAN, 1985). Na verdade pensadores como Erasmo (1466-1536) não negavam a doutrina religiosa; eles a achavam insuficiente. Era um época em que um mundo novo, com novos

paradigmas, estava se descortinando diante dos olhos dos navegadores do século XV. Essa postura, que buscava afastar-se das explicações religiosas do clero, gerou desde o século XI até o século XX, um humanismo positivista. Ou seja, um humanismo científico pautado pela razão tecnocientífica e instrumental (ARAÚJO, 2007).

Dentro dessa perspectiva a ideia principal do humanismo científico é o reconhecimento de um homem como aquele que está destinado a viver no mundo como o dominador. Essa mentalidade caracterizou o pensamento da Europa ocidental dos séculos XIV ao séc. XIX. E isso se manifestou através das grandes navegações, da organização do comércio e do mercado, do renascimento cultural e da difusão da industrialização (ARAÚJO, 2007).

Valores como a adoração, a admiração, a obediência e o respeito a Deus e aos homens a partir de uma autoridade moral desaparece diante do novo paradigma. Consolidam-se valores como a individualidade, a honra, a liberdade e a acumulação de riquezas em torno da propriedade. Difundem-se a ideia de que os saberes científicos devem dominar os demais saberes (ARAÚJO, 2007).

É claro que o novo período que se configurava desde o século XIV, exigia por exemplo, a coragem dos desbravadores de enfrentarem os mitos e as lendas que dominavam os lugares ainda desconhecidos. Era preciso vencer o medo do oceano, dos povos “selvagens” e dos monstros que povoaram as suas mentes. À medida em que novas terras eram “descobertas”, novos povos e novas culturas eram revelados, descobriam-se que as explicações teocentristas da igreja, não eram suficientes para explicar o novo mundo que se abria. As ameaças se transformaram aos poucos em novas oportunidades de negócios. A igreja, a burguesia e a nobreza compreenderam a lógica desse novo cenário. A igreja ainda detinha nas mãos a autoridade moral, porém não com tanta força como tinha nos tempos medievais. Os conhecimentos técnicos, os avanços da matemática, da astronomia, da filosofia e das ciências naturais, deslocaram o centro do poder do conhecimento, para as mãos daqueles que não aceitavam totalmente as explicações ingênuas da igreja. Esse período seria conhecido como o século das luzes.

Os adeptos desse movimento seriam chamados de iluministas. Homens da ciência que utilizariam apenas a razão como instrumental fundamental para o conhecimento do mundo. A partir daí o conhecimento enciclopédico, tornou-se uma das tarefas desses pensadores. Além disso, a liberdade de expressão e de pensamento disseminaram-se em movimentos que ficaram famosos na história como a revolução francesa e a independência dos Estados Unidos. A instalação de um estado laico, livre do poder absoluto dos reis e da igreja, tornou-se uma das características mais importantes da época. Vários avanços no pensamento filosófico e científico se seguiram nesse período, alavancando revoluções técnico-científicas como as revoluções industriais. Foi nesse cenário que a geografia foi institucionalizada como ciência nas universidades.

A geografia como ciência institucionalizada...

O movimento de institucionalização da geografia se acelera a partir da segunda metade do século XVIII. Muitas transformações na sociedade estavam ocorrendo com o desenvolvimento de novas técnicas, a cultura contínua das terras torna-se possível; o barco e o trem movidos a vapor dinamizam a mobilidade das pessoas e das mercadorias; o aumento da produtividade, nas indústrias e no campo, associados às novas técnicas de produção, liberaram um grande número de trabalhadores; os centros urbanos cresceram de forma acelerada independente dos recursos disponíveis (CLAVAL, 2006).

Todas essas mudanças chamaram a atenção dos geógrafos. A possibilidade de conhecer lugares mais distantes, graças aos meios de transportes disponíveis na época, no menor espaço de tempo possível, estimulou novas viagens, novas expedições científicas e a produção de muitos trabalhos no campo da geografia.

Além disso, a concepção naturalista vinculou-se a geografia graças a influência do modo de produção capitalista. Por trás havia a burguesia – que se consolidava como importante classe social – e a filosofia positivista que estruturou metodologicamente os trabalhos científicos, dentre eles a geografia. Esse incentivo proporcionou um

acúmulo grande de informações sobre a superfície do planeta, que permitiu a sistematização da ciência geográfica (FARENZENA; TONINI; CASSOL, 2001).

No século XIX, as universidades tornaram-se lugares de investigação desses saberes. Reuniões científicas periódicas e a criação de sociedades de geografia como a de Paris, criada em 1821 e a da Royal Geographical Society em 1830, possibilitaram as trocas de experiências entre os cientistas. Contribuíram para essa efervescência intelectual, os relatos dos colonos, missionários e homens de negócios com descrições de terras distantes, onde não havia muitas informações. Muitas expedições científicas foram realizadas com o intuito de provar as hipóteses levantadas pelos investigadores, nesses espaços acadêmicos (CLAVAL, 2006).

Foi nesse cenário que nasceu a geografia enquanto ciência reconhecida e institucionalizada pela academia. Numa época em que o humanismo, o iluminismo e o progresso técnico e econômico, estavam no auge. Alexander Von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859) tornaram-se os pioneiros do método comparativo geográfico. Ambos procuraram retratar as características comuns de várias áreas do planeta, tanto no nível regional em Ritter quanto na visão da unidade global em Humboldt. Eles buscaram o aprofundamento do rigor científico, o que de certa forma, ainda não era comum nos trabalhos da época (ARAÚJO, 2007).

Humboldt se especializou nas áreas das ciências físicas e naturais. Tornou-se um excelente botânico, mineralogista e dedicou-se ao estudo do magnetismo terrestre. Após herdar a fortuna do seu pai, decidiu fazer expedições científicas no interior dos continentes. Sua viagem levou-o a Venezuela, passando pela bacia do Orenoco e do rio Negro; a Colômbia, ao Equador e ao Peru, onde escala os picos das montanhas dos Andes, medindo suas altitudes; e em seguida ao México, a Cuba e aos Estados Unidos. Suas anotações resultaram na mais importante de todas as suas obras intitulada de *Cosmos*, publicada em cinco volumes (CLAVAL, 2006).

Das principais contribuições que Humboldt deu para a geografia, pode-se mencionar: o fato dele procurar relacionar e compreender os fenômenos que observava nas diferentes paisagens; que ele foi um dos primeiros a introduzir nas suas pesquisas o conceito-base de meio nos seus estudos de botânica; que compreendeu a influência das correntes marítimas sobre o clima e a vegetação,

como foi o caso da corrente marítima fria, que banha a costa do pacífico da América do Sul e que recebe o seu nome; que introduziu as isolinhas como mecanismo de compreensão desses fenômenos; e por ter acreditado no grande valor da pesquisa geográfica a partir das atividades de campo (CLAVAL, 2006).

O esforço da ciência humboldtiana foi o de promover uma visão integradora da natureza e ao mesmo tempo leis específicas baseadas na mensuração precisa e no uso da sensibilidade, baseada na busca das relações do belo natural e o desenvolvimento moral das nações. Faz uma associação física da natureza, com o desenvolvimento de inovações gráficas, cartográficas e para estabelecimento de relações causais entre os elementos da natureza e os seus respectivos processos. Esse esforço produziu a modernidade na interpretação da natureza, pois conseguiu transformar o que é móvel, dinâmico, em imóvel, para com isso manipulá-la, ou seja, torná-la de fato, objeto de pesquisa e intervenção (VITTE; SPRINGER, 2009).

A vida de Karl Ritter era mais tranqüila do que a de Humboldt. Estudou na primeira escola pestalozziana da Alemanha e após os seus estudos na Universidade de Halle, tornou-se preceptor de uma família nobre da Alemanha. Ao viajar para o sul da Europa acompanhando os seus educandos como era costume na época, encantou-se pelas regiões próximas do mar mediterrâneo. É em torno delas que sua obra se constrói. Ao publicar o livro *geografia da Europa (1804-1807)*, tornou-se conhecido e precede Humboldt na Universidade de Berlim. Dedicou-se a escrever uma obra intitulada *Geografia Geral Comparada* que trata da descrição regional da Terra, onde busca as particularidades de cada país através do método comparativo (CLAVAL, 2006).

Nas obras de Karl Ritter, a visão teleológica da história é visível. Nela os homens seguem o destino traçado pelo Criador, imposto pelo meio em que vivem. A grande contribuição dele reside no fato da sua geografia não ser constituída de uma mera descrição da Terra. A partir dos seus estudos, a geografia passa a ser importante para a compreensão do cenário mundial, da dinâmica das civilizações e da maneira como os povos exploram o seu ambiente. Ritter procurou desvendar a gênese das formas das civilizações. Usa a geomorfologia, a climatologia, e a oceanografia, para identificar o destino dos povos de uma determinada região. Também usa o conceito-chave de meio, proposto por Humboldt, ou seja, a vocação dos povos deve ser

associada com as articulações dos litorais, com a presença ou ausência de ilhas, com as formações de relevo, e a existência ou inexistência de vias naturais entre as cadeias de montanhas (CLAVAL, 2006).

No que diz respeito a compreensão sobre a natureza, por exemplo, tanto um quanto outro, tomavam-na dos iluministas (ARAÚJO, 2007). Ou seja, nos seus estudos, a razão técnica científica, era o principal instrumento de análise de ambos os investigadores. Também vale afirmar que os postulados positivistas, empiristas e naturalistas, constituíam a pedra fundamental da geografia deste período e que conseqüentemente influenciou os fundadores da geografia, enquanto ciência (FARENZENA; TONINI; CASSOL, 2001).

Vale dizer que os trabalhos de Humboldt e Ritter foram importantes, pois foi graças a eles que a disciplina consolida a sua ambição explicativa. Ou seja, deixa de ser simplesmente uma descrição da grande diversidade terrestre, para servir de arcabouço metodológico para a compreensão da relação do ser humano enquanto ser social com a natureza (CLAVAL, 2006).

O conjunto de correntes do pensamento geográfico que caracterizou a geografia no período que vai de 1870 até 1950, denominou o que se chama de revolução teórico-quantitativa. Esta geografia privilegiou os conceitos de paisagem e região. Isso estimulou um grande debate sobre o objeto de estudo da geografia e sobre a sua identidade em relação às demais ciências (CORRÊA, 2007). Discussão que de certa forma predominou nos congressos, nas mesas-redondas nos simpósios em detrimento de outras geografias consideradas por boa parte dos geógrafos como alternativas.

A geografia cultural...

A partir de tudo que foi exposto, há evidências de que alguns elementos culturais interferiram no fazer geográfico. Mas mesmo com a presença de traços culturais nos trabalhos produzidos não quer dizer que isto permite qualificá-los como geografia cultural. Pois esta, não é definida por um objeto específico denominado de cultura, como o que ocorre com a economia, com a política e com a temática social. Na

verdade, toda ação alterando a natureza produzia cultura (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007). Mas a ideia da cultura, nesses trabalhos ainda era uma espécie de “pano de fundo”, oriundo de um inventário e que não precisava de explicações e reflexões.

Paul Claval faz uma revisão bem ampla sobre a história da abordagem cultural nos estudos geográficos, identificando esse traço metodológico nos trabalhos de Ratzel, Otto Schluter, passando pelas contribuições de Vidal de La Blache, pela escola de Berkeley com Sauer, até chegar ao que alguns estudiosos consideram como a “virada cultural”, ou seja, um movimento de renovação da geografia cultural a partir dos anos de 1970.

Segundo Claval (2007a), Friedrich Ratzel (1844-1904) foi o primeiro geógrafo a usar o termo geografia cultural em seus estudos. Ele foi empregado em 1880 num trabalho de doutorado que discutia a imigração chinesa na Califórnia. Absorvendo as ideias de Humboldt e de Ritter, criou o termo antropogeografia, baseando-se nos seguintes princípios:

- I. Descrição das áreas onde vivem os homens e a realização de um mapeamento;
- II. A busca das causas geográficas da organização espacial dos homens na superfície da Terra;
- III. A busca pelo conhecimento sobre a influência da natureza sobre os corpos e os espíritos dos homens.

As técnicas que os homens dominam e que fazem parte do seu mundo influenciam, consideravelmente, a forma como eles relacionam-se com o ambiente (CLAVAL, 2007a). Talvez esta fosse a ideia principal, que norteava os trabalhos de Ratzel. Para ele, o grau de intervenção na natureza, ou de subordinação da natureza, dependia dos métodos e das tecnologias que as sociedades tinham disponíveis ou que foram capazes de desenvolver. Na concepção de Ratzel, para se conhecer a relação entre homem/natureza, era preciso entender a cultura como um conjunto de utensílios que permitem o ser humano se apropriar da natureza (CLAVAL, 2007a).

A cultura era entendida segundo o senso comum e era dotada de poder explicativo (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007). Ou seja, para o geógrafo compreender e descrever uma sociedade e sua organização espacial bastava apenas usar os aspectos

culturais como principal forma de conhecimento. Como se o conjunto de artefatos, fossem o suficiente, para explicar os conflitos e as desigualdades. Os aspectos culturais não precisariam ser explicados, confrontados ou discutidos, bastavam-se em si mesmos.

Ratzel diferenciava muito bem as atitudes em relação ao meio, dos povos considerados primitivos, dos outros considerados civilizados. Segundo Paul Claval (2007a), Ratzel afirmava que os povos primitivos são incapazes de se protegerem do meio, de transformá-lo e de dominá-lo. O ambiente – visto aqui como meio natural – pesa bastante sobre os seus modos de vida. Diferente dos povos civilizados que praticam a agricultura, por exemplo. Estes são menos vulneráveis às mudanças climáticas, usam o transporte para trazer de fora o que não podem produzir, ou que as condições meteorológicas do clima não permitem, e usam o Estado como principal instrumento para se relacionarem com o espaço.

A geografia concebida por Ratzel dá um lugar para a cultura quando analisa os meios que os povos dispõem para se adaptarem e se deslocarem no espaço. Mas a cultura dele é analisada dentro do aspecto material, como um conjunto de artefatos utilizados pelos homens em sua relação com o espaço. As idéias e a linguagem, por exemplo, são excluídas de suas análises. (CLAVAL, 2007a).

Outro geógrafo que também usou a abordagem cultural nos seus trabalhos foi Otto Schluter (1872-1959). Para ele a paisagem transforma-se no principal objeto de estudo da geografia humana. Desde 1890, ele dedicou-se ao estudo dos estabelecimentos humanos, como casas, campos, cercados etc. Analisou a maneira como os grupos humanos modelam o espaço em que vivem: transformando a vegetação natural, com as construções em que habitam, ou que abrigam seus animais e suas colheitas. Aqui Schluter usa o termo paisagem cultural ou paisagem humanizada (CLAVAL, 2007a).

Para Schluter, a cultura é a marca que os homens impõem à paisagem. Para ele o objetivo da geografia é compreender esta organização de descrever a morfologia da paisagem cultural e também de compreender sua origem (CLAVAL, 2007a).

Outro estudioso que deixou suas marcas na história da epistemologia geográfica foi Vidal de La Blache (1845-1918). Para ele a cultura é aquela que se apreende por

meio dos instrumentos que os povos utilizam e pelas paisagens que modelam. A partir daí, cria o conceito de *gêneros de vida* (CLAVAL, 2007a).

A ideia de gêneros da vida, na verdade corresponde a uma síntese das técnicas, dos utensílios ou das maneiras de habitar das diferentes sociedades. Estão relacionados aos valores que permitem a população subsistir e estão situados nas escalas das preferências coletivas. Com isso, Vidal de La Blache queria explicar os lugares e a elaboração das paisagens a partir da lógica da organização social do trabalho (CLAVAL, 2007a).

A tarefa fundamental, para o estudo destas relações segundo Vidal de La Blache, era a elucidação dos mapas de densidades, que constituíam como um dos únicos instrumentos que permitiam a descrição e a análise das paisagens com o objetivo de apreender a organização regional do espaço (CLAVAL, 2007b).

Dentro dessa perspectiva ficou claro que os grupos humanos tinham a missão de se adaptarem às condições naturais do meio. Essa adaptação dependia das técnicas de produtividade e da possibilidade de inventar novas técnicas; das técnicas de transporte e da possibilidade de desenvolver intercâmbios com outros grupos vivendo em outros meios ambientes. Enfim, dependia também dos hábitos do grupo. A cultura estava presente na obra de Vidal de La Blache, através de um binômio: o da técnica e o da força hábito (CLAVAL, 2007b).

Vidal de La Blache deu uma contribuição significativa para a geografia. O conceito de gêneros de vida foi muito útil, principalmente para os estudos das áreas rurais, pois nestas, as condições naturais como relevo, clima e hidrografia, subjugavam as populações, principalmente aquelas desprovidas de tecnologias. Porém, nas áreas urbanas industriais, o meio natural estava praticamente todo transformado e as atividades típicas dessas áreas, não dependiam totalmente dessas condições naturais. Até os anos 70, do século XX, principalmente nos países tropicais, as sociedades, ou a maior parte delas, ainda permaneciam tradicionais e rurais.

A ideia do gênero de vida ainda guardava uma grande utilidade para responder os problemas típicos dessa região (CLAVAL, 2007b). Porém com o passar das décadas, e com a introdução de novas tecnologias no mundo subdesenvolvido, graças às ações das multinacionais e da mundialização do capitalismo, muitos

problemas não poderiam ser resolvidos apenas com o conceito de gênero de vida. Mas as contribuições de Vidal de La Blache e de Ratzel, onde a cultura seria aquilo que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens (CLAVAL, 2007a) não poderiam ser ignoradas. Tiveram o seu papel e respondiam os problemas de uma época. Outros geógrafos também deixaram as suas marcas e produziram grandes trabalhos dessa natureza. Dentre eles cita-se alguns como Jean Brunhes (1869-1930), Pierre Deffontaines (1894-1978), Carl Ortwin Sauer (1889-1975) e Eric Dardel (1899-1967).

Jean Brunhes (1869-1930), um dos primeiros alunos de Vidal de La Blache, dedicou-se ao estudo de uma geografia humana que analisava os fatos da ocupação do solo, sejam eles produtivos ou destrutivos. Desenvolveu enquetes bem detalhadas, onde levantou dados sobre a diversidade de materiais utilizados na ocupação e na produção, analisou os gêneros de vida através dos calendários de deslocamento e de atividades (CLAVAL, 2007a). Tinha um forte interesse na história e na etnografia. Através desses saberes estudou profundamente o funcionamento das fazendas, oficinas, usinas ou lojas na área escolhida para estudo (CLAVAL, 2007b).

Pierre Deffontaines (1894-1978) fez levantamentos para Jean Brunhes inclusive desenhando paisagens. Em sua tese de doutorado defendida em 1932, sob o título de "*Os homens e seus trabalhos nas regiões do Médio Garonne*", a ideia principal gira em torno dos gêneros de vida (CLAVAL, 2007a). Interessou-se pelo folclore e pela etnografia rural das regiões e dos países onde morou e trabalhou. Teve uma grande curiosidade por todas as expressões culturais que se manifestavam na superfície da Terra. Porém, recusou em analisar os processos mentais e o papel das idéias (CLAVAL, 2007b). Esses processos mentais estão ligados aos sentimentos, às formas de representações e percepções que as populações tinham acerca do lugar onde moravam.

Além dos alemães e franceses, pesquisadores norte-americanos, também desenvolveram estudos geográficos, levando em conta os aspectos culturais. Uma dos seus maiores representantes foi Carl Ortwin Sauer. Sua trajetória começa em Berkeley, onde desenvolve um trabalho sobre os índios do sudeste dos Estados Unidos. Interessa-se pelo passado pré-colombiano. Em 1925, publica um artigo

intitulado *The Morphology of Landscape*, onde reafirma a paisagem cultural como campo de estudo.

Nesse artigo, Sauer aborda as inter-relações do grupo, ou das culturas, com o sítio, tal como se exprime através das diversas paisagens da Terra (CLAVAL, 2007a). Ou seja, ele analisa a paisagem sob o ponto de vista cultural, mas levando em consideração todas as coisas vivas. Tanto os elementos naturais quanto os humanos são considerados. Sua aproximação com os ecologistas o fez considerar que a paisagem é feita em parte de matéria viva. A ponto de que para fazer geografia cultural, à maneira de Carl Sauer, era preciso ter uma ampla formação naturalista também (CLAVAL, 2007a).

O historicismo de Sauer é consolidado por meio de seus contatos com a Escola de Berkeley desde 1923. Ele compreende a cultura como um fenômeno que se origina, difunde-se e evolui no tempo e no espaço, ou seja, é um fenômeno que pode ser entendido através do tempo e que pode ser espacializado. Com isso, diferente dos geógrafos alemães e franceses citados acima, rejeita o determinismo ambiental (CORREA, 2001). Isso quer dizer que Sauer rejeitava a ideia de que as características dos povos eram determinadas exclusivamente pelos elementos naturais do meio. Diante disso, Roberto Lobato Correia (2001), concluiu que Sauer e seus discípulos ao abandonarem o determinismo ambiental abraçaram o determinismo cultural, uma espécie de outra versão do darwinismo social contra qual tanto lutara.

A cultura, para Sauer, ainda era um conjunto de instrumentos e de artefatos que permitiam o homem agir sobre o mundo exterior, mas além disso, acrescentou nesse conceito o uso de plantas e de animais, que auxiliaram as sociedades modificarem o ambiente natural tornando-o mais produtivo (CLAVAL, 2007a). Essa é a característica que demonstra o aspecto ecológico nos trabalhos de Sauer, mencionado anteriormente. Isso foi tão importante que foi possível reconstruir a América antes da sua descoberta.

Claval (2001), ainda destaca que os resultados da geografia cultural, desenvolvida nesse período, são atraentes, mas ainda limitados. Na sua compreensão, esse campo mostra a diversidade das paisagens cultivadas, dos campos e dos sistemas

agrícolas, dos traçados das cidades e das construções monumentais, úteis para a construção de um inventário do passado das ações humanas. São insuficientes para compreender a dinâmica do comportamento humano. Corrêa e Rosendahl (2007) ainda acrescentam que “valorizava-se o passado em detrimento do presente, assim como a contingência e a compreensão. Os estudos focavam as sociedades tradicionais, pouco se reportando às sociedades urbano-industriais”.

Além disso, outras críticas eram feitas acerca da geografia cultural deste período, como a preocupação excessiva com a descrição do mundo, em vez de compreendê-lo ou explicá-lo; a ênfase no estudo da paisagem manifestando um certo senso estético; a exclusão de elementos como os sofrimentos, as revoltas, as contestações, as paixões nacionais ou as ligações religiosas que afetavam o grupo social (CLAVAL, 2001). Nesse caso não havia preocupação com a busca do sentido que as pessoas davam para esses fenômenos para o grupo social que pertenciam.

Mas as mudanças técnico-científicas que as sociedades foram sofrendo, ou seja, a uniformização das técnicas de reprodução social impactou os estudos de geografia cultural, baseados somente nos artefatos, isto é nos aspectos materiais da cultura. Segundo Paul Claval (2001) os geógrafos culturais dessa linha, numa atitude de defesa dedicaram-se a estudar os países subdesenvolvidos onde ainda prevaleciam as sociedades tradicionais.

Mas a partir de 1970, uma mudança se configurava no campo da geografia cultural. Outros elementos, como os sentimentos, as atitudes, as representações e as percepções em relação aos lugares, passaram a fazer parte das análises dos geógrafos. Porém, para compreendê-las se faz necessário entender o desenvolvimento da fenomenologia no campo da filosofia que ocorreu a partir do final do século XIX com Edmund Husserl. Esse delineou as suas bases metodológicas e conceituais contrapondo-se ao pensamento positivista que predominava nessa época.

A abordagem fenomenológica nos estudos de geografia...

O século XIX foi marcado por grandes desenvolvimentos nas ciências naturais. O processo de industrialização exigia cada vez mais, novas técnicas para diminuir os

custos de produção, aumentar a produtividade e os lucros, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Era preciso incorporar no processo produtivo as novas descobertas científicas.

Segundo Dartigues (2010), nesse cenário, as ciências que mais se destacaram foram as matemáticas, que integravam todos os sistemas formais de diversas disciplinas, como a física, a astronomia e a química. A psicologia, de acordo com a tendência positivista em voga, procurava constituir-se como ciência exata conforme o modelo das ciências da natureza. Tinha tanto prestígio que almejava tornar-se a principal explicação para a teoria do conhecimento (CHAUÍ, 1996).

Foi nesse ambiente que Edmund Husserl escreve os seus primeiros trabalhos científicos e filosóficos. Mergulhado nessa efervescência científica, suas primeiras ideias se apoiavam no ideal da objetividade positivista. Que com o passar das décadas do século XIX, mais precisamente a partir de 1880, vários estudiosos passaram a questionar: até que ponto suas leis eram universais? Qual era o sentido de tanta objetividade (DARTIGUES, 2010)? A partir dessas indagações, que Husserl, no decurso da elaboração da sua fenomenologia passou a formular novos questionamentos, que se fizeram presentes durante toda a sua obra: como um mundo real, em sua temporalidade, em sua consciência intersubjetiva, em sua objetividade se forma na nossa consciência? Como passar da atitude natural para a atitude filosófica (ZILLES, 2007)?

Essas perguntas fizeram Husserl, em 1884 – influenciado por outro pensador, Franz Brentano (1838 – 1917), que em sua obra *Psicologia do Ponto de Vista Empírico*, distinguia fundamentalmente os fenômenos psíquicos dos fenômenos físicos, propondo um novo método de conhecimento para o psiquismo – repensar seus próprios métodos de pesquisa (DARTIGUES, 2010). Sob a orientação de Brentano escreveu sua tese de habilitação em filosofia que discutia o conceito de número. No ano de 1891 publicou o primeiro volume resultado deste estudo – *Filosofia da Aritmética* – dedicando-o a Franz Brentano. Foi extremamente criticado pelos seus colegas filósofos e matemáticos (ARAÚJO, 2007).

Husserl, ao buscar a liberdade do seu pensar, numa época em que toda a ciência almejava a objetividade a qualquer custo, deparou-se com o desafio de enfrentar as

críticas dos seus opositores. Matemático de formação, não relutou em questionar seus próprios pensamentos e seus próprios métodos de pesquisa. Publicou obras que repudiavam a maneira como se fazia ciência na época, principalmente os métodos utilizados por aqueles que buscavam compreender o comportamento das pessoas.

A psicologia desse período era o caso mais combatido por Husserl, pois ela se utilizava dos termos das ciências naturais para compreender os fenômenos, que na visão dele estava além de serem meros resultados do funcionamento dos órgãos do corpo. Esse psicologismo defendia a ideia de que a lógica, compreende as regras que valem para todo o pensamento certo, da mesma maneira, como a engenharia apresenta as regras para se construir bem. Ora, como assim como a engenharia se fundamenta na física, a lógica se fundamentaria na psicologia (ZILLES, 2007).

Em 1900, Husserl publica o primeiro volume das *Investigações Lógicas*. Nela ele rejeita de uma vez o psicologismo. Aponta a necessidade de se desenvolver uma nova base teórica para a filosofia, como ciência teórica da lógica e ciência de rigor. Ele queria fundamentar uma ciência ao mesmo tempo crítica à razão lógica moderna e à razão praticada por algumas das ciências experimentais do seu tempo, principalmente a psicologia (ARAÚJO, 2007).

Essa tendência ao naturalismo se resumia em anular a dualidade ou a diferença entre o sujeito e objeto, afirmando com veemência que a única realidade é a natureza. Em linhas gerais, acreditava-se que a própria consciência é uma manifestação dos eventos físico-fisiológicos ocorridos no cérebro e no sistema nervoso; que o conhecimento é somente o efeito casual da ação exercida pelos objetos físicos exteriores; que os conceitos e as leis científicas são generalizações abstratas que servem para o homem pensar de forma otimizada os objetos exteriores. Enfim que os conceitos, os objetos, a consciência, a coisa, o princípio, a causa e o efeito só tem significado se forem observados de forma empírica (CHAUÍ, 1996). Era isso que Husserl rejeitava. Um naturalismo das ciências que tratava todos os seus objetos de estudos como físicos, que confundia as causas exteriores dos fenômenos com a natureza própria do fenômeno. Para estas ciências, na visão de Husserl, os princípios que norteiam o conhecimento são resultantes das leis

biológicas, psicológicas ou sociológicas. Ele chamava isso de psicologismo (DARTIGUES, 2010).

Esse psicologismo, que Husserl queria combater, ignorava a ideia de que havia fenômenos que se manifestavam nas sociedades, mas que para serem compreendidos necessitavam de descrições ou explicações que deveriam ir além da lógica experimental. Por isso, ele apontou os aspectos contraditórios da ideia de validade científica do ponto de vista da objetividade. Para ele não fazia sentido que tudo deveria ser o resultado dos parâmetros funcionais orgânicos e psíquicos, independentes da constituição humana, embora faça parte dela. Contestou a superioridade do método experimental e o fato de ser considerado pelo positivismo como o único a promover a validade da ciência em geral (DARTIGUES, 2010).

Husserl mostrou que essas ideias impossibilitavam o conhecimento científico, cuja origem, que mais uma vez merece ser mencionada, estava na confusão estabelecida pelo naturalismo entre o físico e o psíquico. O psíquico é *fenômeno*, não é coisa. E o fenômeno é a consciência, enquanto fluxo temporal das vivências e a sua característica principal é a capacidade de criar significado às coisas exteriores (CHAUÍ, 1996).

No ano de 1911, Husserl publicou *A Filosofia como Ciência de Rigor*. Nessa obra, Husserl aprimorou a tese de que a filosofia seria a única maneira possível para se atingir o ideal. Aqui ele busca a postura radical da filosofia como ciência de rigor muito próximo do modo cartesiano para se alcançar o conhecimento. Em 1913, publica outra importante obra – *Ideias Diretrizes para uma Fenomenologia e Filosofia Fenomenológica*. Nela, Husserl direciona o seu pensamento para a noção de consciência fenomenológica transcendental. Onde toda a consciência que é intencional visa e direciona o sentido de toda a realidade: os objetos são os conteúdos da consciência; o sujeito é a consciência desses conteúdos (ARAÚJO, 2007). Nesse sentido, a propriedade do ato de pensar, dentro da concepção husserliana, deve ser estudada a partir do seu conteúdo de sentido, ou seja, do pensado e percebido (ZILLES, 2007).

Para Husserl, fica claro o papel dos órgãos do sentido para a apreensão da realidade. A partir do momento que o objeto é visado pela nossa consciência, ganha

um sentido, ou seja, o significado das coisas exteriores reside na nossa consciência. Assim Husserl enfatiza que “os fenômenos se dão a nós por intermédio dos sentidos, eles se dão sempre como dotados de um sentido ou de uma ‘essência’. Eis por que, para além dos dados dos sentidos, a intuição será uma intuição da essência ou do sentido” (DARTIGUES, 2010, p. 19). A ideia de essência aqui está associada com aquilo que os fenomenólogos chamam de o princípio das coisas ou dos fenômenos. Esse princípio está além das aparências. Para se chegar a essa essência, Husserl traça alguns princípios metodológicos que mais tarde seriam utilizados pelos geógrafos humanistas. Porém, vale ressaltar que essa essência, constitui-se como um caminho e não um fim, único, verdadeiro e absoluto, para as pesquisas de caráter fenomenológico.

A essência (*eidós*) é apenas aquilo em que a própria coisa se apresentou numa doação originária e é apenas um puro possível. O conhecimento das essências, ou seja, a fenomenologia, não é o fim de todo o conhecimento, mas a introdução do mundo material. A própria fenomenologia nessa fase do pensamento husserliano, é definida como a ciência eidética da região da consciência (LYOTARD, 2008).

Dentro dessa abordagem, o segredo das coisas em si, ou dos fenômenos não se esconde atrás de um muro, ou de uma cortina, esperando ser descoberto somente por aqueles mais qualificados. A essência husserliana, o sentido de um fenômeno é imanente e pode ser apreendido, por transparência. Essa essência está presente em cada objeto, nas casas, nas árvores, nas montanhas. Ela também reside nas qualidades que esses objetos recebem, como o verde, o rugoso etc. Poderá existir tantas essências, quantas significações forem produzidas pela consciência, ou seja, tantos quantos objetos da percepção, da memória, da imaginação e do pensamento podem produzir (DARTIGUES, 2010).

Husserl vai distinguir a intuição das essências da percepção dos fatos. Na sua concepção, a essência permite identificar um fenômeno, ela é sempre idêntica a si própria, não importando as circunstâncias em que ela se realiza. O filósofo aponta ainda que essa é a primeira tarefa da fenomenologia, ou seja, esclarecer o mundo das essências, tanto na região “natureza”, a partir dos fenômenos materiais dominados pela física e química, quanto na região “espírito”, constituída pelos

fenômenos ligados às ciências humanas e também na região “consciência”, formada por todas ações da consciência, que é o que nos permite acessar as outras regiões.

É nesse ponto que Husserl desenvolve o princípio da intencionalidade, onde afirma que a consciência (*nóese*) é sempre “consciência de alguma coisa” se estiver dirigida intencionalmente a um objeto (*nóema*) (DARTIGUES, 2010). Essa *nóese* são os atos pelos quais a consciência visa um certo objeto de uma certa maneira, e o conteúdo ou significado desses objetos visados é o *nóema* (ZILLES, 2007). É através desse caminho que será possível acessar a essência desse objeto, que não tem existência nenhuma fora do ato da consciência que a visa. Demonstrando assim que há uma relação entre a consciência e o objeto. Que não são entidades separadas na natureza, pois se definem respectivamente a partir dessa correlação (DARTIGUES, 2010). No patamar da eidética, significa dizer que todo o objeto, o próprio *eidós*, coisa, conceito etc., é um objeto para uma determinada consciência. Desse modo o mais importante é descrever, nesse momento, a maneira como o sujeito conhece o objeto (LYOTARD, 2008).

Essa abordagem intencional husserliana conduz à *redução fenomenológica*, que significa colocar entre os parênteses da realidade o objeto, tal como é concebido pelo senso comum, independente dos atos da consciência. Essa atitude do senso comum que é tanto do pesquisador como a do homem comum, é o mesmo que pensar que o sujeito está no mundo como algo que o contém (DARTIGUES, 2010). Essa redução põe em destaque o conhecimento vivido do homem em relação ao mundo, não para ser ignorado, mas para compreendê-lo e interpretá-lo, para entender a organização do mundo a partir do ser que o vive e o experiencia, antes das reflexões filosóficas e científicas (NOGUEIRA, 2001). Assim,

[...] o primeiro passo do método fenomenológico consiste em abster-se da atitude natural, colocando o mundo entre parênteses (*epoché*). Isso não significa negar sua existência, mas metodicamente renunciar ao seu uso. Ao analisar, após a redução fenomenológica, a corrente de vivências puras que permanecem, constata que a consciência é consciência de algo. Esse algo chama de **Fenômeno**. (ZILLES, p. 218, 2007, grifo do autor).

A partir desse momento, depois dessa atitude de redução fenomenológica, a consciência pura, passa a ser tematizada e isso se prossegue com a redução eidética – procedimento metódico que leva à visão da essência. A principal meta dessa redução eidética é compreender o *a priori* como *eidos* (essência), mas para isso ocorrer, a oposição entre o sujeito e o objeto deve ser superada, para que se volte para as análises dos dados que se formam na consciência. Assim, pela redução, chega-se, de maneira bem reflexiva, aos conhecimentos associados ao eu como fonte original de todas as certezas e de todos os saberes do mundo. Nesse sentido todo o conhecimento filosófico fundamenta-se como “conhecimento universal de si mesmo” (ZILLES, 2007).

O acesso a esse mundo a partir de quem o vivencia, exige que a consciência suspenda sua crença na realidade do mundo exterior, colocando-se como *Consciência Transcendental*. Isso foi chamado por Husserl de *Atitude Fenomenológica*. Nessa condição a tarefa da fenomenologia será, pois “analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo” (DARTIGUES, 2010, p.26). A fenomenologia da consciência é uma ligação entre o que ocorre externamente e o que se configura internamente no sujeito do conhecimento, isto é, na consciência transcendental e o sentido ou o entendimento criado da coisa pelo sujeito (ARAÚJO, 2007).

É nesse momento que muitas críticas surgiram, pois segundo alguns estudiosos, a fenomenologia de Husserl não poderia, em hipótese nenhuma, ser utilizada pelas ciências humanas, pois o sujeito aqui é apenas o indivíduo. O conhecimento do mundo que se passa a ter a partir desse indivíduo é a experiência oriunda de uma consciência individual, “centrada no sujeito e pelo sujeito do conhecimento científico e não numa construção entre indivíduos-sujeito cognoscente (inclusive do senso comum)” (ARAÚJO, 2007, p.76).

Na análise fenomenológica husserliana, a redução eidética, reduz a amplificação das vozes dos sujeitos. Nessa análise a essência torna-se apenas uma descrição daquilo que se dá à consciência transcendental do indivíduo. Como se ele não se interessasse ou não se estivesse relacionado como saber do outro. A fenomenologia

que surge como possibilidade de resgatar a multiplicidade de sentidos da vida, fecha-se no princípio redutor fenomenológico (ARAÚJO, 2007).

Mas Husserl desenvolveu um princípio que não foi bem compreendido pelos críticos da fenomenologia é o princípio da intersubjetividade. O indivíduo-sujeito constrói uma relação intersubjetiva com outros indivíduos-sujeitos, o que é uma postura inerente ao perfil dos seres humanos. São experiências, crenças, percepções e representações que se constroem através dessa relação intersubjetiva entre os indivíduos. Na fenomenologia não há aqui uma substituição do objeto pelo sujeito, pois o sujeito é pensado enquanto “ser-no-mundo”. O argumento que diz que a fenomenologia era uma teoria do sujeito não se sustentou, pois este sujeito não deve ser pensado apenas como indivíduo que se faz sozinho, mas como aquele que se constrói na relação com os outros e com os seus lugares de vida, numa verdadeira relação intersubjetiva (NOGUEIRA, 2001).

Husserl busca essa compreensão intersubjetiva de sentido do mundo da vida (*Lebenswelt*) que o cerca. Não o olha de fora, de maneira objetiva, mas quer entendê-lo a partir do sujeito. Uma contemplação objetiva, nesse caso, levaria a uma análise positivista. O recurso ao mundo da experiência é recurso do mundo da vida, ou seja, o mundo do cotidiano que fornece o ponto de partida para todas as conquistas do conhecimento e para todas as proposições científicas. Husserl faz uma crítica radical das ciências, chamando a atenção para experiências pré-científicas, tão importantes quanto os modelos aceitáveis do conhecimento científico. Para ele é preciso colocar entre parênteses o mundo, fruto da visão das ciências modernas, pois até mesmo elas, sob condições históricas específicas, nasceram como formação subjetiva (ZILLES, 2007).

É nessa relação intersubjetiva que a categoria de análise da geografia, o lugar, é construída. O mundo passa a ser compreendido enquanto lugar de vida, enquanto espaço vivido. Não como ambiente real ou lógico em que as coisas se dispõem e não simplesmente como o palco dos acontecimentos. Experiência do espaço, aquela que se dá na relação do meu corpo com o mundo e com os outros a partir de uma relação intersubjetiva. É o lugar produzido no dia-a-dia na relação de trabalho, de afetividade, de rejeição, de circulação e de produção de idéias (NOGUEIRA, 2001).

A descrição do mundo físico e humano deixa de ser a principal prioridade. A partir dessa metodologia epistemológica, a descrição do geógrafo é realizada sobre o mundo vivido que contém estes parâmetros que são percebidos e experienciados pelos sujeitos. Valoriza-se aí, as experiências concretas do homem com este mundo vivido. Este é inserido na consciência e só existe a partir do homem que está envolvido nele como “ser-no-mundo” (NOGUEIRA, 2001), e o lugar, corresponde ao mundo vivido dos fenomenólogos (HOLZER, 1999). As representações, as imagens mentais, as percepções, os sentimentos em relação ao lugar, surgem como elementos de apropriação do espaço.

A partir dessas proposições, sobre o desenvolvimento da fenomenologia de Edmund Husserl, é possível agora compreender como que os alicerces da geografia humanista foram se estruturando, principalmente a partir de meados do século XX. Há aí, nesse período, uma resignificação das bases fenomenológicas nos estudos das ciências sociais, em especial da geografia.

O desenvolvimento da geografia humanista... e a virada cultural

Entre o século XIX e a primeira metade século XX, houve o predomínio da geografia tradicional nas produções científicas tanto da Europa, quanto dos Estados Unidos. A abordagem fenomenológica, ainda não estava amadurecida entre os geógrafos. Muitos ainda a desconheciam. Até mesmo entre os próprios filósofos, não havia uma convergência de ideias, o que fez surgir outras fenomenologias. Claval (2008) lembra que nesse período os geógrafos não perceberam a riqueza que havia nos debates sobre a fenomenologia que estavam se iniciando no mundo anglo-saxônico. Esses pesquisadores trabalhavam questões como a representação e/ou percepção, com o objetivo de mostrar apenas as limitações da racionalidade, e não de explorar as suas ligações com a emotividade e a subjetividade.

Paralelamente nesse contexto, após a segunda grande guerra Mundial, surgiram simultaneamente duas movimentações epistemológicas, que tinham o objetivo de contrapor, ou aprimorar as bases tradicionais da geografia. Uma com características cientificista/tecnológico, que seria conhecida como geografia teórica e a outra, envolvida pelo clima da guerra fria, com aspectos teórico-ideológicos fortes

provenientes do marxismo, e que seria conhecida como geografia radical (AMORIM FILHO, 2007).

Essas duas posturas epistemológicas foram muito divulgadas nas reuniões científicas, nos periódicos, nos livros didáticos e nas obras acadêmicas. Marcaram forte presença no mundo das universidades, por meio de projetos de pesquisas, dissertações e teses que eram avaliados seguindo um critério ou outro, associado a uma dessas vertentes geográficas. Ambas as correntes, acreditaram, em algum momento que sua abordagem tinha o potencial de unificar todas as pesquisas geográficas, oferecendo métodos, técnicas e orientações para a geografia do futuro (AMORIM FILHO, 2007).

Paralelamente a estas duas abordagens, uma visão diferente da geografia começa a afirmar-se de forma tímida. Conhecida como geografia humanista, estava presente desde o início dos anos 50 em trabalhos como o de Eric Dardel, quando este publicou sua obra fundamental *L' Homme et La Terre*, em 1952 (CLAVAL, 2006). Num momento em que começava a haver uma grande expectativa acerca das abordagens científicas de fundo neopositivistas no norte da Europa e da América do Norte, Dardel apresenta um espaço geográfico constituído pelo mundo da existência cotidiana dos homens (AMORIM FILHO, 2007). Para ele a geografia além de descrever a terra, deve mostrar como o ser humano se inscreve nela, como marca a sua existência, como lhe dá um sentido, modelando territórios e atribuindo valores para eles (CLAVAL, 2006). Nesse livro Dardel torna os sentimentos religiosos, os mitos e as dimensões ligadas aos valores de julgamento, aspectos centrais da análise geográfica (CLAVAL, 2007b).

Foi Dardel que fez a descrição mais completa das bases fenomenológicas da geografia. Criticou a matematização da ciência, a naturalização dos fenômenos humanos e a geometrização do espaço, tomando como principal referência a visão fenomenológica de compreensão do mundo. Foi contemporâneo de fenomenólogos como Martin Heidegger (1889-1976), Karl Jaspers (1883-1969), Jean Paul Sartre (1905-1980), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) que interessavam-se pela natureza e sentido da existência humana e pelo modo de ser do homem e do mundo. Essa visão foi chamada por Eric Dardel de geograficidade. Essa geograficidade de cada sujeito surge a partir desta relação do homem com o meio

em que ele vive, tanto abordada pela fenomenologia. Dentro dessa perspectiva, a Terra aqui é vista para além dos seus aspectos físicos sendo compreendida como o lugar da vida (NOGUEIRA, 2001).

O livro de Eric Dardel contemplava os temas centrais das pesquisas dos geógrafos humanistas, como a relação fundamental entre o Homem e a Terra, as distâncias e direções na formação dos conceitos de lugar e paisagem, do ponto de vista fenomenológico e interdisciplinar (HOLZER, 2010). Nesse sentido a geografia humanista está sustentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência e no simbolismo. O lugar passa a ser o conceito-chave mais relevante, enquanto o espaço adquire o significado de espaço vivido (CORRÊA, 2007). Esse lugar se aproxima da ideia – nesse modo ver o mundo – de uma extensão da existência humana, muito além de uma mera localização de coisas e pessoas. É o retorno da preocupação com o saber produzido no cotidiano da relação homem x mundo. É uma relação existencial, carregada de valores subjetivos, onde o real, o simbólico e o imaginário se revelam em conjunto. São frutos da produção dos lugares de vida (NOGUEIRA, 2001).

Apesar de todo esse aporte teórico, oferecido por Dardel, de forma precursora, não teve sucessores imediatos na França. Os geógrafos franceses só recuperam sua obra na década de 1980, quando André-Louis Sanguin, da Universidade de Québec, resgatou o seu livro nos seus trabalhos. E somente dez anos mais tarde é que ele seria reeditado na França (HOLZER, 2010).

A importância dessa obra de Eric Dardel é incomensurável, para os geógrafos humanistas. Até hoje ela ainda é atual, e possibilita uma análise geográfica mais ampla. O conceito de lugar, até então esquecido em boa parte das pesquisas geográficas, torna-se um conceito dinâmico, cheio de vida, cheio de símbolos e cheio de sentimentos. Saberes não-científicos, oriundos das experiências do senso comum das pessoas, tornaram-se alvos importantes para as análises geográficas humanistas e permitiram que os pesquisadores compreendessem uma face do espaço geográfico, que não seria perceptível através da pura geometrização do espaço. Esse movimento, ganhou tanta força na década de 1970, através de trabalhos de Eduard Relph, Anne Buttimer e Yi-Fu Tuan que influenciou também o

resgate de outro movimento epistemológico que até então estava adormecido, o da geografia cultural.

O surgimento de uma nova geografia cultural ficou conhecido na história epistemológica como a “virada cultural”. Além das influências das filosofias do significado, especificamente da fenomenologia, foi provocado por mudanças em escala global como o fim da guerra fria, a ampliação dos fluxos migratórios da periferia para os países centrais, a ascensão do movimento ambientalista, o surgimento de novas formas de ativismo social e o crescente desejo por novos modos de se construir e compreender a realidade, que até então estava baseada no racionalismo moderno, no raciocínio científico e na contemplação da técnica (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007).

Essa virada cultural da geografia, é vista por muitos estudiosos como uma inclusão de abordagens semióticas e hermenêuticas na epistemologia da geografia. Palavras-chaves como o significado, oferecem uma identidade própria à geografia cultural. Sua interpretação da realidade torna-se idealizada deixando em segundo plano a experiência humana, principalmente dentro dos aspectos corporais, sensíveis e estéticos. Esses elementos aparecem nessa geografia interpretativa da realidade com valores semióticos. Ou seja, há aí uma tradução da vivência das pessoas para o patamar intelectualizante. Porém, mesmo assim isso garante uma transposição do linguajar científico, para uma linguagem da experiência, onde os significados tornam-se apenas “chaves” para a compreensão dessa realidade que está sendo analisada (SAHR, 2008).

A transformação que começa a afetar os estudos culturais, realizados pelos geógrafos a partir de 1970, nasceu da constatação de que as realidades que representam a organização social do mundo, a vida dos grupos humanos e suas atividades jamais são somente materiais. Na verdade, são expressões cognitivas, de atividades mentais, de trocas de informações e de ideias. É uma dimensão psicológica e sociopsicológica, oriundas das sensações e das percepções das pessoas. Manifestam-se por meio de práticas e habilidades que não são completamente verbalizadas. Estruturam-se pelas preferências, conhecimentos e crenças. Esses sim são objetos de discursos e de uma reflexão sistematizada (CLAVAL, 2001).

O conceito de cultura é redefinido, é visto como um reflexo e necessita ser explicado. É um conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores que fazem parte do cotidiano e construído a partir das relações sociais, dentro de uma sociedade dividida em classes. Portanto, dimensões materiais e não materiais, o presente e o passado, as ações globais, regionais e locais, tanto os aspectos espontâneos ou planejados, objetivos ou intersubjetivos, são considerados e vistos em termos de significados e como parte da espacialidade humana (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007). “De agora em diante, trata-se de compreender como a vida dos indivíduos e dos grupos no espaço, nele se exprime e nele se reflete” (CLAVAL, p.40, 2001).

Quatro pontos importantes, sobre a nova geografia cultural, podem ser levantados: a) Para o enriquecimento dos trabalhos geográficos, a nova abordagem se apóia em uma epistemologia crítica presa ao lugar, do momento e da cultura em que vive. Deve dedicar-se às descrições de forma aprofundada, se quiser apreender a complexidade das culturas; b) A nova perspectiva estuda as relações homem/meio ambiente, destacando maneira como se inscreve na natureza e modelam o seu meio ambiente. O papel das técnicas nessa dimensão adquire um novo olhar; c) Essa nova visão leva em conta o papel do corpo e dos sentidos na experiência humana, os recortes da realidade física pelas pessoas, a riqueza da imaginação que dá novo sentido às diversas geografias; d) Apesar dos resultados dessas pesquisas formarem uma espécie de caleidoscópio de visões e pontos de vistas, essa nova abordagem oferece uma certa perspectiva de síntese (CLAVAL, 2001).

Hoje, devido essa forte ligação entre os movimentos da nova geografia cultural, com os da geografia humanista, pode-se de forma implícita, tratar quase todas as produções que formam esse conjunto, como parte de uma geografia humanista cultural. Essa abordagem permite ao pesquisador considerar as artes, as mitologias, as literaturas, as religiões, os saberes do senso comum, como formas de saberes, que buscam, com uma visão própria, explicar, descrever, compreender a dinâmica do mundo e da vida, enfim a geograficidade, no sentido de dardeliano. Por isso não são menos valiosos que os saberes da ciência (ARAÚJO, 2007).

As abordagens teóricas da geografia tradicional, teórica, marxista e o desenvolvimento da geografia humanista cultural, revelam uma riqueza epistemológica que marca o fazer geográfico. Não devem ser encaradas como contrapontos que vieram para sobrepor uma ou outra concepção. Mas devem ser vistas como parte de um caráter multifacetário da ciência geográfica. Podem ser consideradas como abordagens que se complementam, na busca pelo conhecimento das relações do homem com o mundo que o envolve.

A ideia que deve permanecer após esse breve navegar pelos meandros da temporalidade geográfica, é aquela de que, é clara a presença da pluralidade temática e epistemológica na geografia atual. É visível o dinamismo e a riqueza, frutos da pluralidade, da complementaridade e da colaboração de cada uma de todas as vertentes do pensamento geográfico ao longo da sua história. É uma característica que amplia cada vez mais a presença da disciplina no mundo acadêmico (AMORIM FILHO, 2007).

Dessa pluralidade, conceitos como espaço vivido, mundo vivido e lugar emergem e solicitam um aprofundamento maior. Esse resgate conceitual será possível, a partir do olhar da geografia humanista cultural.

1.2 O mundo vivido: o lugar das representações sob a ótica humanista cultural.

Quase tudo que está em torno do homem, é captado pelos seus sentidos, internalizado pela sua consciência, e é traduzido novamente para o meio externo através de representações, com os mais variados significados. Os geógrafos humanistas culturais procuram compreender esse mundo através das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, incluindo ainda os sentimentos e as ideias do espaço e do lugar. Estão dispostos a questionarem e a descreverem a qualidade da emoção e do pensamento humano que oferecem ao lugar. Os humanistas culturais querem entender a natureza das crenças, das atitudes e os conceitos; a força com a qual são mantidos; suas ambivalências e contradições; seus efeitos diretos ou indiretos, sobre as ações dos homens (TUAN,

1985). O que representa um grande desafio, pois as características desses objetos de estudos, são extremamente variáveis e até mesmo difíceis de mensurar, dentro de uma postura positivista.

Todas essas manifestações, que aqui podem ser chamadas de fenômenos, ocorrem num espaço de vivência e por isso chamado de espaço vivido de sobrevivência, de relacionamento, de movimento, de apreciação cultural ou de organização. Nesse sentido o espaço deixa de ser apenas um cenário estático, para tornar-se um espaço dinâmico e vivo repleto de experiências humanas existenciais. As palavras de Eric Dardel reconhecem esse espaço que está além do espaço materialista. Revelam um espaço telúrico, permeando o geográfico, como um encontro de vivências criativas oriundas da vontade e do sonho. Esse espaço é construído e concebido pelo próprio homem (OLIVEIRA, 2009). Portanto, o espaço vivido requer a presença das relações humanas, como parte dele. O espaço vivido aqui não é um mero palco de acontecimentos humanos.

O modo de vida dos homens também é moldado nesse espaço, criando uma lógica que ajuda a solucionar os seus problemas emergenciais e orientando-os no mundo. Esse espaço vivido é a própria experiência viva do homem tornando-se humanizado, aliado ao seu projeto de sobrevivência; corresponde ao seu lugar de liberdade, de segurança, seu lar (SILVA, 2007). Assim o espaço que esses geógrafos estudam diferencia-se pelo relevo, pelo seu clima e pelas suas formas de povoamento. Tem histórias variadas, dependendo dos lugares e áreas. As pessoas se encontram com a área onde moram desde crianças, se identificam com a área para onde migram ou com a área onde trabalham e onde possuem amigos (CLAVAL, 2008).

Essa relação homem/espaço vivido pode ser caracterizada como uma relação fenomênica muito intensa. Isso difere muito, da concepção de geógrafos como Ratzel, que consideravam o determinismo ambiental como a principal explicação para a existência dos diferentes povos espalhados pelo globo. Distinto também do determinismo cultural dos geógrafos do início do século XX. Talvez para a cultura vigente da época, essas teorias eram suficientes. Mas considera-se aqui que o modo de vida e o meio são interdependentes entre si.

Portanto a dimensão de espaço aqui retratada é fluídica, ou seja, é dinâmica, marcada por diversos fluxos que se encontram e desencontram. Está submetida a uma pluralidade de pontos de vistas construídos de forma intersubjetiva. Mapeá-los é um grande desafio, mas não é impossível. Porém, o tipo de mapeamento realizado nessas circunstâncias, não se limita apenas ao processo de geometrização em cartas de elevado grau técnico. É um mapeamento que permeia os discursos, as narrativas e as relações entre os homens entre si e entre os homens com a natureza, presentes nas suas mais variadas representações. Para tanto, essa espacialização leva em conta os sentimentos de quem vive o seu mundo. Mas qual é a relação desse mundo dos fenomenólogos com o lugar dos geógrafos?

As bases filosóficas fenomenológicas que orientam a geografia humanista cultural, causam tumulto para os que acreditam na separação “subjetiva” e “objetiva” dos modos de conhecimento. Elas questionam o significado das atividades dos cientistas. Suas maiores contribuições, talvez estejam na abertura dos horizontes para novas áreas de pesquisa intelectual, transcendendo os obstáculos artificiais entre a mente e o ser, entre o intelectual e o moral, entre a verdade e a bondade, presentes nos mundos vividos (BUTTNER, 1985).

É preciso lembrar que esse “mundo” para os fenomenólogos, sugere na sua essência as dimensões anteriores à reflexão sistematizada, ou seja, anteriores à reflexão filosófica ou científica. São tomadas como certas a partir da experiência. São os significados não questionados e determinantes do comportamento. Esse mundo vivido poderia ser visto como o lugar dos geógrafos, marcado por uma tensão de forças estabilizantes e inovadoras (BUTTNER, 1985). Essas forças equivalem ao jogo de interesse daqueles que vivenciam o espaço. Equivalem às intenções políticas socioambientais dos diversos atores sociais que se interagem e que se interpenetram. Nesse sentido “pode-se compreender o lugar como algo inacabado e que está num processo de constante alteração, aberto e em movimento” (ARCHELA; GRATÃO; TROTDORF, 2004, p.131).

É nesse contexto que as pessoas nascem. Dentro de um universo intersubjetivo, aprendendo a linguagem e os estilos de comportamento social, que os habilitam

para viverem o cotidiano. Esses conceitos de mundo vivido, ou de lugar, são transmitidos através da herança sócio cultural, capaz de gerar linhas mestras e esquemas para as ações e interações. Essa talvez fosse a principal contribuição, da geografia humanista cultural para as pesquisas. Aceitar que a intersubjetividade representa uma circunstância herdada, que permeia o cotidiano das pessoas. Que ela é dada e reforçada através da linguagem e da rotina. E que muitas dessas experiências, até mesmo a do pesquisador é um reflexo de uma experiência social própria. Na perspectiva geográfica, esse mundo vivido, ou o lugar, é uma camada potencial da experiência. A geografia humanista cultural desafia cada indivíduo a examinar sua própria experiência, a tornar-se um sujeito, mais do que um mero objeto de pesquisa. A procurar as tendências comuns nos outros (BUTTIMER, 1985).

É assim que a geografia humanista cultural destaca a subjetividade, a intuição, os sentimentos, as experiências e simbolismos. Enfatiza o singular e não o geral. Sua principal preocupação é a compreensão desse mundo e do ser humano na sua pluralidade. Esse mundo é um mundo marcado de valores, de bens e de ações práticas. É um espaço vivido percebido pela imaginação. É um vivido simbólico que se revela nas imagens elaboradas pelos indivíduos em suas representações ou mapas mentais. É talvez a principal referência cultural, de onde pertence o indivíduo. Nesse caso, cada sociedade tem uma forma particular de ler e interpretar o espaço geográfico e conseqüentemente o lugar vivido onde se insere (KOZEL, 2007).

Esse mundo vivido, ou seja esse lugar, em algum momento da história da ciência geográfica, não teve posição de destaque entre os geógrafos e entre outros cientistas, apesar desses conhecimentos geográficos terem despertado um amplo interesse de sociólogos, antropólogos e etnólogos. Mas os conceitos que mais chamaram a atenção foram o de espaço, território, região e paisagem. Ainda assim o de lugar a parece com menor frequência nesses estudos (MARANDOLA; MELLO, 2009). Só ganhou importância mesmo entre os geógrafos a partir da década de 1980 (HOLZER, 1999).

Várias hipóteses podem explicar esse fato. Dentre elas a de que o lugar, em relação às outras categorias de análise da geografia, tem menor amplitude territorial. E é muito difícil mensurá-lo e delimitá-lo. Está muito mais associado à afetividade e à

experiência e por isso tem um caráter qualitativo e subjetivo muito forte. Além disso, a perspectiva política do lugar é muito menor do que as outras categorias. Mas é justamente esse caráter “menos político” que pode demonstrar a riqueza do lugar. E dentro de um sentido fenomenológico o lugar pode ser compreendido como a menor célula espacial, na escala do corpo, pode se relacionar com o confinamento, com a proteção, com a identidade e com a ideia de casa (MARANDOLA; MELLO, 2009). Nesse sentido, Bachelard (2005) esclarece ainda que todo o espaço realmente habitado – não no sentido meramente locacional, mas sim de experiência – traz a essência da casa. O ser abrigado aí sensibiliza os limites do abrigo. Vive essa casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento, dos sonhos e da imaginação. Pois ela, a casa, o lugar é o canto do mundo, o primeiro universo do ser que a habita.

A reflexão sobre o lugar pode levar a pensar também no envolvimento das pessoas com o seu ambiente e com a sua esfera social. Essa relação afetiva e de cumplicidade com o lugar, transcendendo até mesmo a noção de casa de Bachelard, indica que há um comprometimento e uma ação, que se apóiam na identidade e também na participação social (MARANDOLA; MELLO, 2009).

Esse espaço geográfico, até agora discutido, é composto por representações e interpretações. Esse mundo é construído por signos. Essas interpretações, (sentidos) dos signos, reproduzem nesse espaço uma grande diversidade de intenções e objetos existentes na sociedade. Elas são constituídas por contextos sociais delimitados em regiões sociais. Apesar das interpretações da vida social dos atores diferenciar-se das interpretações científicas. Por isso não é justificável a afirmação de que existe uma superioridade científica, em relação às demais interpretações, inclusive daquelas oriundas da experiência vivida das pessoas. Na essência, existem tantas geografias como sistemas culturais (SAHR, 2007).

A própria ideia de linguagem, aparece aqui permeada pelos símbolos e pelos signos, se refere a um sentido mais amplo, não somente ao ato de falar ou ao ato de escrever, e sim ao ato de se comunicar das mais variadas formas possíveis, ou seja, através das histórias, inventadas ou não, através das manifestações artísticas, através das ações e gestos sem oralidade e através dos mapas mentais. É aí que se

revelam as imagens, os discursos, as representações, geradas individualmente ou coletivamente.

Kozel (2007) ainda discute a natureza da linguagem e sua relação com a geografia quando afirma que essa linguagem, que aparece aqui semantizada pelos sujeitos, privilegiando-se a representação, é referenciada por signos que são construções sociais, pois os sujeitos são seres sociais quando apreendem as coisas. Por sua própria natureza constroem os signos, formando uma imagem legitimada por uma forma de linguagem. Nesse contexto, a geografia sempre esteve associada às imagens, com o objetivo de transmitir informações sobre os espaços desvendados e mais tarde como forma de comunicação/representação do espaço físico, ou do espaço vivido subjetivo.

A partir dessas proposições cabe aqui definir o que seriam essas representações. Oliveira (2009), afirma que desde as sociedades mais primitivas, assim como foi demonstrado no início desse capítulo, as explicações de cunho geográfico eram realizadas através representações mitológicas clássicas fabulosas em espaços topológicos, que buscavam uma legitimidade através de um caráter religioso. Elas guardavam na sua essência, uma conotação cultural com o sagrado e com o terreno. Os mitos valorizam detalhes topológicos, através dos simbolismos e isso era intensificado pelas pessoas através das celebrações, festas e cerimônias.

Sobre essas questões, Claval (2008), considera ainda que essas narrativas e suas imagens nem sempre descrevem o mundo que existe. Na verdade, elas falam de mundos criados pela mente. São contos que tratam de um universo de fadas. São utopias que abordam um futuro impreciso, pois as pessoas tem a capacidade de construir, para além do que os sentidos lhes são capazes de revelar. Lugares que estão muito mais ligados com suas intimidades, seus sonhos e suas aspirações.

Nesse sentido, como o conhecimento geográfico se insere? Ora, todo o conhecimento geográfico está interconectado a esse mundo de representações sociais que se ampliam e que podem ser incorporadas aos conhecimentos científicos. Nesse caso, a geografia das representações procura entender os processos que se submetem ao comportamento humano, tendo como princípio, que este só é adquirido pelas experiências, tanto no nível temporal, espacial e social.

Essa relação direta ou indireta entre as representações e o imaginário, constitui-se como uma grande revolução da origem do conhecimento. É o que permite os geógrafos compreenderem a diversidade que estão incluídas nas práticas sociais, nas mentalidades e no mundo vivido. Nesse sentido as representações se apresentam como uma maneira de compreender a “teia da vida”, dentro de uma multiplicidade de relações entre o mundo real e os atores sociais que interagem na organização social (KOZEL, 2008; 2009).

Para a geografia humanista cultural, as representações são criações individuais ou sociais de processos mentais consolidados a partir da realidade espacial que constitui uma situação ideológica, num campo que transcende a leitura superficial do espaço, realizada pela observação, pela descrição e localização das paisagens e dos fluxos, sejam eles classificados ou hierarquizados. Além disso, os estudos de representação, ao possibilitarem o resgate dessas experiências subjetivas, proporcionam uma análise espacial de maior amplitude, para o desvelamento das aspirações e valores pertinentes aos grupos humanos, refletindo-se na organização espacial (KOZEL, 2009).

Por isso, dentro dessa dimensão epistemológica, devem ser acrescentados, nos estudos geográficos, os aspectos qualitativos, que priorizam as respostas individuais e grupais das pessoas. Considera suas afetividades para com a natureza e a sociedade. Considerar a ética, os direitos naturais e humanos e principalmente aceitar as diversidades geográficas, que oferecem as cores, os odores, os sabores, a maciez ou a aspereza a toda a paisagem (OLIVEIRA, 2009). Nesse sentido as representações enchem o espírito dos homens e circulam entre eles. Não são meramente realidades individuais. São de natureza social (CLAVAL, 2008).

O poder das narrativas sob o olhar humanista Cultural...

Algumas considerações devem ser feitas ainda sobre as narrativas, relacionando-as com a ideia dos mapas mentais, que as pessoas criam do mundo, a partir do enfoque humanista cultural. E a primeira consideração está ligada às imagens que cada pessoa constrói do seu mundo. Nesse sentido Nogueira (1994), vai refletir que

[...] para cada homem, ou até cada grupo, existe uma imagem diferente do espaço, e esta imagem não é fantasia é apreendida a partir do que ele percebe do mundo que o rodeia, a partir de suas experiências de vida, o espaço de vida que é também concreto, pois é analisado por homens concretos, sujeitos inseridos no tempo e no espaço, sujeitos histórico-espacial (NOGUEIRA, 1994, p.61).

Autora destaca a importância das imagens individuais. E essa imagem aqui é vista como uma espécie de discurso, de um ponto de vista e que apesar de ser singular, ela faz parte de um todo. Foi construída de forma intersubjetiva, pois as pessoas vivem nos seus grupos, trocam experiências e delineam os seus modos de vidas. Além disso, as impressões que os indivíduos tem do seu meio, são impressões do real vivido. Um real, que vem antes de qualquer análise filosófica, psicológica, sociológica, antropológica ou geográfica. É um real, que se aproxima de uma essência existencial. É por isso que é possível considerar que há elementos da coletividade presentes nas imagens que cada indivíduo faz do seu mundo.

São essas imagens, que podem revelar as características do espaço vivido. Espaço este que foi o centro de interesse de várias gerações de cientistas sociais, de arquitetos e urbanistas, além, é claro, dos próprios geógrafos. Um espaço que é percebido e que faz parte do espaço mental, produzido pela experiência. Percebido ao longo do tempo e do espaço (NOGUEIRA, 1994).

A segunda consideração é a ideia de que essas imagens mentais são as próprias representações do espaço vivido no cotidiano. São representações dos lugares construídos no presente ou no passado. De lugares formados a partir de acontecimentos sociais, culturais, históricos e econômicos e que muitas vezes são divulgados pelos meios de comunicação. Essas imagens mentais, presentes nas narrativas do cotidiano vivido, presentes nas notícias veiculadas pelas mídias, são os mapas mentais que revelam o lugar compreendido e vivido (ARCHELA; GRATÃO; TROTORF, 2004).

Através da história da humanidade, há muitos vestígios que comprovam que o espaço tem sido utilizado para a sobrevivência. As caminhadas longas em busca dos melhores espaços para viver – com alimentos, com poucos animais selvagens, com mais água, com climas mais amenos etc – eram comuns, principalmente quando a natureza se mostrava hostil para o homem. Essa trajetória era registrada através de símbolos, desenhados em diversos materiais disponíveis na época. Era

assim que o homem imaginava os seus lugares de vida, seus modos de sobreviver e os representava, nas lendas e nos mitos que foram passados de geração para geração. Esses mapas mentais, vistos aqui como as representações dos espaços de sobrevivência, foram os únicos instrumentos de orientação e que recentemente auxiliaram os navegantes e descobridores a traçarem as suas rotas e a consolidar seus projetos de colonização pelo mundo (NOGUEIRA, 1994).

Portanto, os mapas mentais correspondem a uma linguagem. Ou seja, são construções sígnicas que podem ser decodificadas e interpretadas e estão inseridas no contexto social, espacial, histórico coletivo e que referencia as particularidades e as singularidades.

Usando o diário de um frei/cartógrafo do século XVI, traduzido por e comentado por James Cowan com o título “Sonho do Cartógrafo”, é interessante ver como as narrativas são poderosas e cheias de significados. Nogueira (2001) analisa que frei Mauro era um como outro qualquer do século XVI que elaborava seus mapas a partir das informações trazidas dos viajantes e mercadores, sobre as terras desconhecidas. Como todos os cartógrafos da sua época, frei Mauro preocupava-se em localizar com exatidão esses lugares. Mas ele percebeu que o que mais impressionava os viajantes e mercadores era o modo de vidas de cada cultura por eles conhecida. Como o frei tinha o costume de usar a geometria nas suas representações cartográficas, ficava angustiado, por não conseguir representar, de fato, as informações que os viajantes traziam. Por isso, muda de postura e passa a tentar mostrar nos seus mapas as formas de vida e a cultura desses povos ainda desconhecidos. Livrando-se da obsessão pela precisão matemática, passa a utilizar as narrativas dos viajantes e mercadores como sua única fonte de informação, já que não podia ele mesmo viajar para essas terras. Principal motivo de suas angústias (NOGUEIRA, 2001).

Por isso, gravou lendas, com a esperança de que as pessoas pudessem ler e conhecer os outros lugares do mundo, respeitando sua diversidade. Com esse trabalho, frei Mauro atraiu, além de mais viajantes ansiosos para contar suas histórias e suas experiências, como também outros cartógrafos que queriam representar o mundo a partir da história e da cultura humana, no lugar do ponto de

vista da riqueza e da dominação. Freia Mauro, tentou representar o sentido dos lugares e o modo de vida dos seus habitantes (NOGUEIRA, 2001).

Esse tipo de mapeamento geográfico pode ser visto como um meio de comunicação. Um mediador. Não é difícil perceber as grandes “performances cartográficas”, nas próprias falas e nos próprios gestos. Os ancestrais humanos foram capazes de fazer isso, quando tentaram representar simbolicamente como viam o mundo. Nesse momento, o aparelho fonador, a memória e a capacidade simbólica são acessadas. E isso também caracteriza um mapa mental (GIRARDI, 2007). Nesse caso, dentro do contexto das representações, o mapa mental, não se resume apenas em uma reprodução gráfica. Ele pode manifestar-se de forma abstrata, nos discursos que molda as narrativas dos que vivenciam o espaço no seu cotidiano.

Portanto a geografia sempre esteve associada às imagens, com o sentido de transmitir informações sobre os espaços desvendados e como forma de comunicação e representação do espaço físico, ou do espaço vivido subjetivo. Os mapas mentais, nesse sentido são representações do mundo real visto através do olhar particular e um ser humano, passando pelos arcabouços cognitivos, pelas visões de mundo e pelas intencionalidades. O vivido simbólico se revela nas imagens elaboradas pelos indivíduos em suas representações ou mapas mentais. Faz referência a cultura do grupo a que o indivíduo pertence, pois cada comunidade tem uma maneira particular de ler e interpretar o espaço geográfico e conseqüentemente a “realidade” ou mundo vivido onde se insere (KOZEL, 2007).

CAPITULO II

CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

2. Um olhar sobre o rio Formate e seus habitantes.

2.1. Uma breve aventura metodológica

Esse olhar é a maneira de enxergar o mundo de quem já vivenciou as águas torrentes de um rio que cobrou o espaço que lhe pertencia. É um olhar marcado pela experiência de quem foi surpreendido, durante a madrugada, pelo cheiro úmido do rio, que preenchia o quarto salpicando os pés da cama. Dessa experiência, a inquietude e o desejo de compreender o que acontecia ali, foram plantados como semente. Dessa inquietude geográfica, do anseio de conhecer o desconhecido e de atingir o inacessível, surge a sustentação para a ciência objetiva (DARDEL, 2011).

Em uma pesquisa científica, por mais planejada que seja, sempre se depara com obstáculos pelo caminho. Diante disso, o cientista, se obriga a adaptar-se aos novos parâmetros que se colocam a sua frente. Mas mesmo assim, o rumo permanece o mesmo desde o início. E para esta pesquisa o rumo que se quer chegar é a compreensão do lugar a partir daqueles que já sofreram ou testemunharam as cheias do rio Formate.

Os primeiros passos foram dados em uma pequena escola, da comunidade de Vila Bethânea (Escola de Ensino Fundamental e Médio Maria de Novaes Pinheiro), localizada em Viana. Questionários foram distribuídos para aproximadamente 200 alunos do ensino médio. Com o propósito de coletar informações que apresentassem a forma como os ribeirinhos viam o rio Formate. Desses 200 questionários, apenas vinte e cinco, testemunharam de alguma forma, as enchentes do rio. Além disso, foram distribuídos questionários para as famílias desses alunos, apenas 12 retornaram e nove revelaram, que já testemunharam ou sentiram os efeitos diretos das enchentes do rio. Por isso, os questionários em questão, perderam de certa forma, sua representatividade. Pois incluíam um número muito limitado de informantes, dentro de um universo muito maior de famílias ribeirinhas. Foi preciso uma nova forma de aproximação da comunidade ribeirinha.

Na região de estudo, existe uma Associação que congrega membros de vários bairros atingidos pelas enchentes. É conhecida por Associação Intermunicipal

Ambiental em Defesa do Rio Formate e seus Afluentes (ASIARFA). Vários contatos com o presidente dessa Associação, conhecido como João Neto, foram realizados. Além disso, foi possível participar de algumas reuniões com o mesmo e com os membros da associação.

Porém, em uma das plenárias, realizada em um sábado à tarde, foi possível constatar através das observações, que havia uma espécie de conflito entre os representantes dessa associação com os próprios ribeirinhos. Foi uma reunião tensa. O ponto de pauta que gerava as discordâncias era a possibilidade da prefeitura de Viana retirar os ribeirinhos de suas casas, afim de transferí-los para outro bairro. Muitos relataram durante a plenária, que tinham feito investimentos elevados em suas casas e que tinham criado uma relação de apego aos lugares que já moravam por tantos anos. Estavam desconfiados, pois sabiam que as casas destinadas aos atingidos por enchentes, foram construídas, em um bairro distante, conhecido como, Arlindo Vilaschi, muito longe dos amigos, parentes e dos serviços que já estavam acostumados a usar como escolas, postos de saúdes, farmácias, supermercados etc.

Nesse momento, a imagem do pesquisador, foi associada à imagem do membro da associação. Isso gerou dificuldades para aproximação do mesmo até as famílias. O que também inviabilizou a realização das entrevistas com os moradores ribeirinhos. Mas mesmo diante desses novos desafios, a pesquisa não poderia parar. Por isso outras fontes foram também utilizadas.

Por ser uma região, marcada por enchentes anuais e que às vezes se repetiam ao longo do mesmo ano, depoimentos e entrevistas eram constantemente realizados com os atingidos, através das principais emissoras de TV e Jornais, de grande circulação da Região Metropolitana de Vitória. Nessas entrevistas, histórias foram contadas, no momento em que os moradores vivenciavam as enchentes. Por isso, através destes dados, foi possível se aproximar dos elementos constituintes da percepção e da representação dos ribeirinhos, permitindo uma análise e interpretação sob a luz da geografia humanista cultural.

Além disso, durante os trabalhos de campo, foi visível verificar que há uma ruptura de pontos de vistas, entre os moradores ribeirinhos e seus representantes da

ASIARFA. Por isso, foi necessária uma análise dos discursos que predominam entre os membros dessa associação. Para tanto, isso só foi possível graças a um material em vídeo gravado pelos próprios membros, com depoimentos, que expunham de forma clara, a forma como percebiam e representavam o espaço que vivenciavam.

Nesse sentido a geografia assume o seu caráter descritivo da Terra e dos fatos humanos que ocorrem sobre ela. Dardel (2011) sugere que a terra é uma espécie de texto, repleto de signos, esperando que sejam decifrados. Mas esse esperar não é no sentido de estar parado, aguardando o pesquisador desvendar os seus segredos, esse esperar é na verdade, um clamor ou um apelo para que o homem, a partir dos conhecimentos geográficos seja capaz de esclarecer esses signos. Esse apelo se faz no desenho da costa, nos recortes da montanha e nas sinuosidades dos rios. Além disso, o próprio homem aqui, como parte integrante da natureza, também apela a si mesmo na compreensão dos seus próprios signos.

Os parágrafos a seguir descreverão a área de estudo, onde moram esses homens e essas mulheres. As descrições que virão, são reflexos também da própria experiência deste autor, que também foi um morador dessas paragens. Á princípio serão descrições bem objetivas oriundas dos trabalhos de campos e das observações. Constituem um relato das paisagens que compõem as áreas banhadas pelo rio Formate. O curso que se segue são as próprias sinuosidades do rio, que de tempos em tempos, são tomadas por suas águas. Usando as palavras de Eric Dardel,

O geógrafo que mede e calcula vem atrás: à sua frente, há um homem a quem se descobre a “face da Terra”; há o navegante vigiando as novas terras, o explorador na mata, o pioneiro, o imigrante, ou simplesmente o homem tomado por um movimento insólito da Terra, tempestade, erupção, enchente. (DARDEL, 2011, p. 07).

2.2. Caracterização da área de estudo

Antes de se discutir a noção de lugar, a partir das percepções e representações dos moradores ribeirinhos e daqueles que integram os movimentos ambientais populares do rio Formate, é de fundamental importância, caracterizar a área de estudo levando

em conta também os seus aspectos naturais. Como se trata de uma região localizada em uma bacia hidrográfica cabe aqui uma reflexão sobre os processos que integram o ciclo hidrológico.

O funcionamento desse ciclo, principalmente na terra, foi entendido pelo homem, pelo menos em parte desde os tempos longínquos, contrapondo-se com outros aspectos naturais, como por exemplo, o caso da erosão e do ciclo dos nutrientes. Isso, de certa forma, levou ao negligenciamento da relação entre água e outros aspectos do meio físico, pois só há pouco tempo é que se formou a ideia de integrar a administração da água com a da terra ou com a energia. De forma geral, o homem prefere intervir no sistema hidrológico nos pontos em que a relação custo/benefício seja a melhor (DREW, 2005).

Sem essa intervenção humana, a água flui na atmosfera, acima ou abaixo da superfície terrestre, como líquido, sólido ou gás. Como líquida, manifesta-se nos lagos, nos rios, na chuva e nos oceanos. Como sólida, apresenta-se através da neve e do gelo, e como vapor d'água, flui nas camadas inferiores da atmosfera e também dentro das camadas mais superficiais da crosta. Constantemente a água muda de estado físico (Figura 05). Parte dela está estocada na superfície terrestre e é transferida para a baixa atmosfera através da evapotranspiração e evaporação. Esse vapor d'água condensa-se em certa altitude, dependendo das condições de temperatura e pressão, formando microgotículas que não conseguem se sustentar no ar, precipitando-se. As águas retornam à superfície na forma líquida (chuvas) ou sólida (gelo ou neve). Antes de atingirem a superfície, podem parcialmente evaporar ou serem interceptadas pela vegetação. O restante será redistribuído na superfície: uma parte se infiltrará no solo e nas rochas até formarem um escoamento subsuperficial e a outra parte escoará superficialmente (COELHO, 2008).

Quando essas águas chegam à superfície terrestre são canalizadas e coletadas pelas encostas, topos ou cristas de vales, canais, corpos de água subterrânea, sistemas de drenagem urbanos e áreas irrigadas, todos interligados entre si (Figura 6). A bacia de drenagem ou a bacia hidrográfica de uma área da superfície terrestre drena água, sedimentos e materiais dissolvidos para uma saída comum, como um rio, ou lago até chegar ao mar, em muitos casos. Os divisores de água, que se localizam nas áreas mais elevadas como topos de morros, por exemplo, delimitam

as fronteiras dessa bacia hidrográfica. Podem ter tamanhos variados, desde a bacia do rio Amazonas até bacias com poucos metros quadrados que drenam para a cabeça de um pequeno canal erosivo ou simplesmente, para o eixo de um fundo de vale não canalizado. Nesse sentido, as bacias de drenagem podem ser desmembradas em número qualquer de sub-bacias de drenagem, de forma hierárquica (COELHO, 2008).

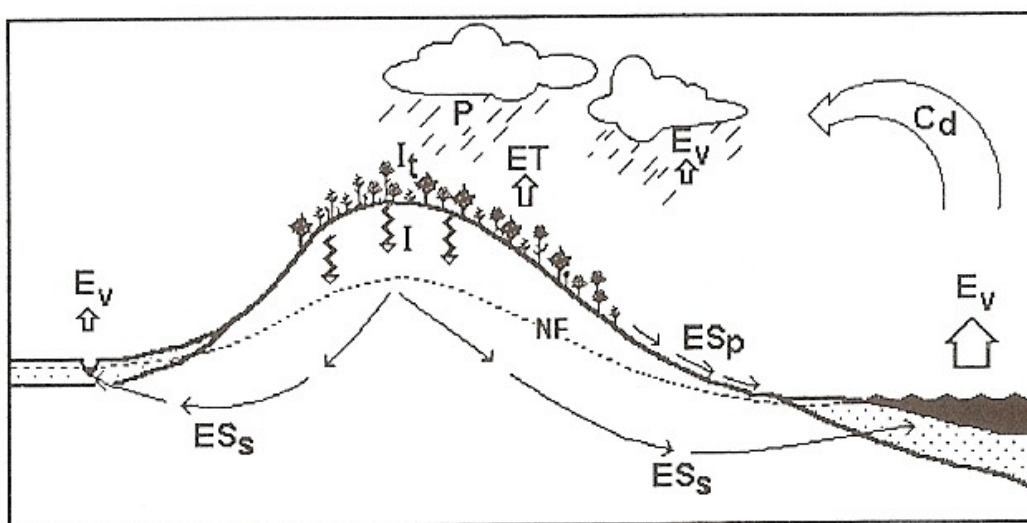


Figura 5. Mudanças de estados da água no ciclo hidrológico: Ev (Evaporação), ET (Evapotranspiração) Cd (Condensação), P (precipitação), It (Interceptação), I (Infiltração), ESp (Escoamento superficial), ESS (Escoamento subsuperficial) e NF (nível Freático) (COELHO, 2008).

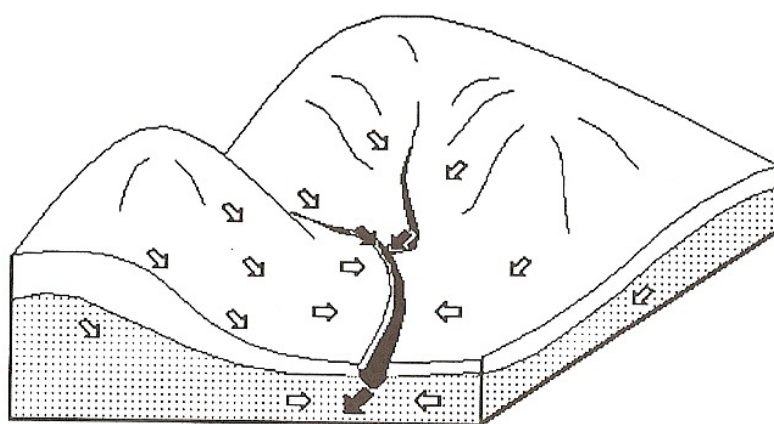


Figura 6. Diagrama de convergência dos fluxos das encostas para os fundos dos vales até o canal principal de drenagem (COELHO, 2008).

Quanto à relação entre o homem e os sistemas de bacias de drenagem pode-se dizer que, atualmente, são poucos os sistemas de drenagem, no mundo inteiro,

que têm características inteiramente naturais (DREW, 2005). Isso não poderia ser diferente com a bacia hidrográfica onde se deu o presente estudo.

A Bacia Hidrográfica conhecida como Rio Formate-Marinho, localiza-se entre os paralelos 20° 24' 21" S e 20° 17' 13" S e entre os meridianos 40° 32' 03" W e 40° 20' 12" W. A área dessa bacia tem aproximadamente 133,36 Km² (Figura 07). Nasce na Reserva Biológica Duas Bocas, localizada no município de Cariacica, em uma altitude de aproximadamente 660m acima do nível do mar e boa parte do seu curso forma a fronteira entre os municípios de Viana e Cariacica até desaguar na baía de Vitória, passando pelo canal artificial, conhecido como rio Marinho (SILVA, 2009).

Essa bacia hidrográfica, na verdade é uma sub-bacia, inserida em um macro-sistema de drenagem formada pelos rios Santa Maria da Vitória e Rio Jucu. O rio Formate deságua no canal do rio Marinho (CRUZ, 2004). Porém, nem sempre foi assim no passado.

No Brasil, os colonizadores portugueses desbravaram o interior do território através dos rios. Historicamente os rios capixabas foram usados pelos colonizadores jesuítas como caminhos, para terem acesso às terras mais internas da capitania do Espírito Santo. Essas estradas hídricas foram usadas para escoar boa parte da produção das fazendas do interior, bem como para o abastecimento das mesmas. O rio Formate era um desses caminhos e nessa época, ele era mais um dos afluentes do rio Jucu.

Para facilitar, ainda mais, a ligação do interior do Espírito Santo, com a baía de Vitória, foi construído no século XVIII, um canal artificial que ficou conhecido como o "Canal dos Jesuítas".

Há muito a pesquisar sobre o assunto e sobre a real participação dos jesuítas no Espírito Santo com suas escolas, seus vários aldeamentos indígenas e seus processos desenvolvimentistas em suas fazendas na Muribeca, em Araçatiba ou em Itapoca, com especialização da produção [...]. Interessante lembrar que até nos nossos dias existe, parcialmente, um canal artificial (rio Marinho), ligando a baía de Vitória ao rio Jucu, que foi por eles construído, no século XVIII, para escoar a produção açucareira da fazenda jesuítica de Araçatiba, evitando o transporte por terra ou o contorno da costa pelo mar. (OLIVEIRA, 2008, p. 532)

Além disso, foi na década de 1950, que o Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS), alterou o curso final do rio Formate. De afluente do rio Jucu

passou a ser o tributário do rio Marinho. Nasce assim, uma bacia independente, que ficou conhecida até hoje como Bacia Hidrográfica do Rio Formate-Marinho (PRATES-SANTOS, 2010).

Antes de especificar a área de estudo, onde as narrativas foram coletadas, é importante descrever alguns aspectos naturais dessa bacia, como o padrão de drenagem, relevo, clima, tipo de solo e seus usos, bem como, o tipo de vegetação, que de certa forma, influencia a ocorrência de enchentes a partir de alguns estudos que foram realizados por geógrafos da Universidade Federal do Espírito Santo. Assim será possível relacionar esses aspectos com os comportamentos das sociedades que se desenvolvem na área.

Como a bacia do Rio Formate-Marinho, possui uma dimensão pequena em relação às outras bacias hidrográficas vizinhas, como o Santa Maria da Vitória e o Jucu, o seu clima é bem homogêneo. A partir da classificação climática de Köppen os tipos climáticos que predominam nessa bacia são dois: um quente e chuvoso, quase sem estação fria e sem período de seca no inverno (Am) e o outro, quente e chuvoso, sem estação fria e com prováveis secas no inverno. Essas características provocam índices pluviométricos elevados e entorno de 1800mm e 2000 mm ao ano. Vale destacar ainda que as temperaturas mínimas variam de 13,3°C e 18° C e temperaturas máximas giram em torno de 30°C e 34°C (CRUZ, 2004).

Pode-se também afirmar que os tipos climáticos são o tropical úmido de altitude, nas encostas das áreas mais elevadas e dos maciços costeiros, com temperaturas suavizadas no verão e intensas precipitações orográficas, em vários períodos do ano, e o tropical úmido na faixa litorânea (SILVA, 2009).

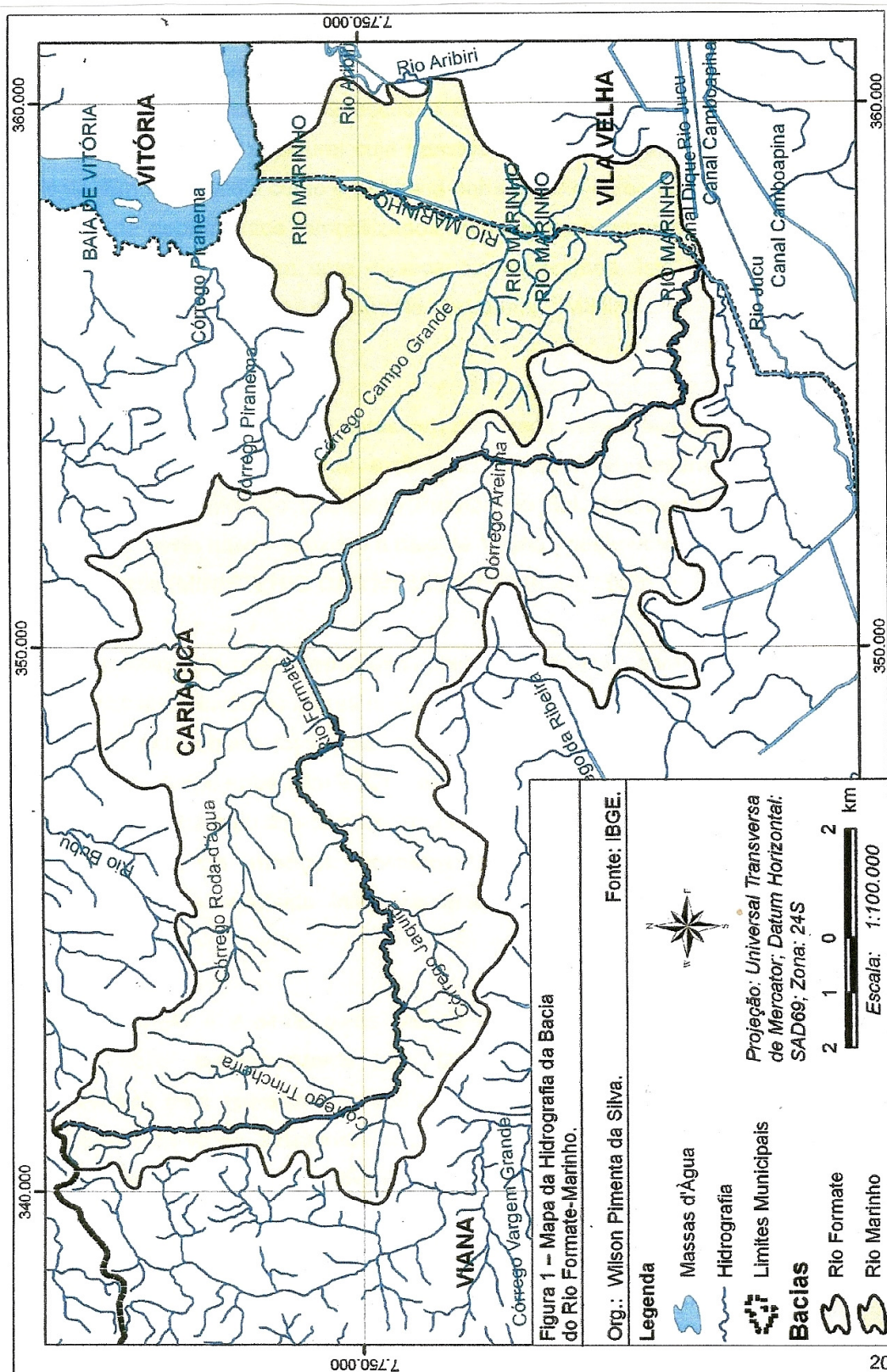


Figura 7. Delimitação da bacia hidrográfica do rio Formate-Marinho. Fica à sudoeste de Vitória, capital do Espírito Santo (SILVA, 2009).

Esse comportamento climático, também afeta as características hídricas da bacia. O índice de umidade, (a diferença entre precipitação e evapotranspiração) varia de 0,65% a 0,79% no inverno (junho, julho e agosto) e de 0,81% a 1,0% no verão (dezembro, janeiro, fevereiro, março). O déficit hídrico anual varia de 139 mm a 372 mm e o excedente hídrico de 21 mm a 145 mm. Portanto, os meses de chuva, os mais úmidos (u), são outubro, novembro e dezembro; os meses parcialmente úmido/seco (p), janeiro a julho e setembro; e o mês mais seco(s) é agosto (CRUZ, 2004).

As quantidades relativas de precipitações (volume), seus regimes de ocorrências (sazonais ou diários) e as intensidades das chuvas individuais (volume/duração) são alguns dos atributos que influenciam os padrões de drenagem da bacia. As precipitações podem ser originadas no âmbito regional ou local. No aspecto regional, o encontro de massas de ar polar com massas de ar quentes e úmidas pode provocar chuvas intensas e de menor duração, no verão, e as chuvas mais longas e de menor intensidade, no inverno. No âmbito local, os mecanismos de formação de precipitação envolvidos, estão associados aos movimentos convectivos do ar, pela ocorrência localizada de maiores temperaturas do ar em relação às áreas circundantes e ascensão dos fluxos de ar pela presença de barreiras orográficas (COELHO, 2008).

Por isso, acrescentando a sua posição latitudinal (faixa tropical) com a influência da maritimidade e dos ventos Alísios, provenientes do oceano Atlântico, a bacia é atingida com frequência por frentes úmidas. Outro fator, que também contribui para a formação de chuvas intensas e rápidas, é a sua localização sobre a formação de barreiras (do terciário e quaternário) que está entre o oceano atlântico e o paredão de escudos cristalinos do pré-cambriano (CRUZ, 2004).

Por sua própria natureza, percebe-se que a bacia hidrográfica do rio Formate, tem um clima relativamente úmido em boa parte do ano e que sofre influência de frentes úmidas quentes ou frias com frequência. Associando aos padrões de drenagem da bacia, principalmente no médio e baixo curso, é possível compreender que é de sua natureza a ocorrência de enchentes.

O padrão de drenagem da bacia do rio Formate é misto (Figura 8). No alto curso, a drenagem é paralela, mas o que predomina mesmo nessa área é a drenagem dentrítica. No médio e baixo curso, há desvios bruscos na bacia que podem ter sido provocados por falhas geológicas. A bacia, nessas regiões, fica mais arredondada, contribuindo para a ocorrência de inundações (MIRANDA, 2010).

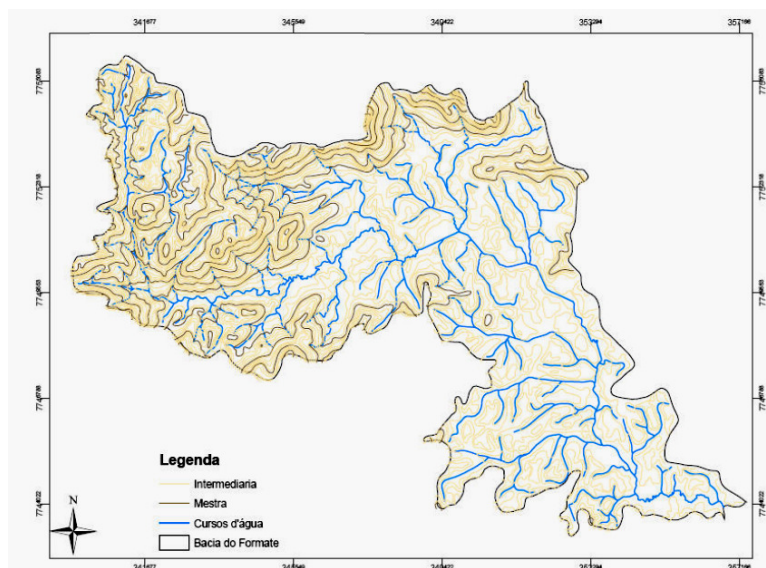


Figura 8. Cotas altimétricas e padrão de drenagem do rio Formate segundo Miranda, (2010).

Além disso, deve-se levar em conta o perfil longitudinal da bacia do rio Formate, como é possível observar no gráfico 1:

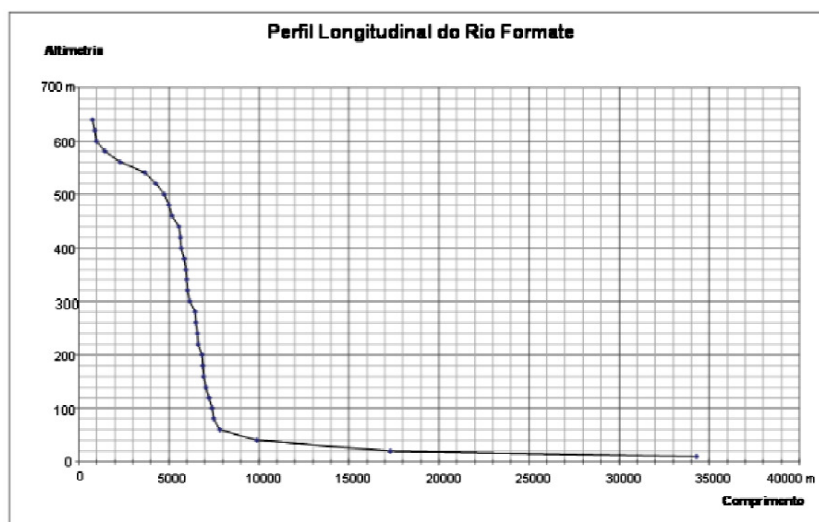


Gráfico 1. Perfil Longitudinal do Rio Formate,segundo Miranda (2010).

O perfil longitudinal de um rio é a relação entre sua altimetria (variação topográfica associada ao relevo) com o seu comprimento. Aproximadamente 25 km do percurso do rio percorrem terrenos mais baixos que giram em torno de +/- 100 m de altitude.

Apenas os primeiros 5 km correm em terrenos mais altos de aproximadamente 650m de altitude (MIRANDA, 2010).

Nesse sentido vale a pena discutir aqui sobre a declividade do terreno (Figura 9). À montante do rio Formate, os terrenos são mais inclinados. Isso torna o escoamento superficial elevado, favorecendo a concentração mais rápida de água nas regiões mais baixas da bacia. (MIRANDA, 2010).

Além disso, também é importante caracterizar os solos que compõem a bacia, para que se compreenda a sua utilização. Pois, eles vivem em equilíbrio com o clima, com os materiais de origem, com a topografia, com a biota e com o tempo. Qualquer mudança, em qualquer dos seus atributos afetará o solo. A reação a determinada mudança ambiental, porém muda de solo para solo, de acordo com a sua sensibilidade.

Os solos tropicais, como o latossolo¹, podem sofrer rápida degeneração, em termos de fertilidade, quando se retira a vegetação natural da floresta úmida. Isso pode tornar o solo árido, sob o extremo clima de oxidação e lixiviação, criado de repente. Por isso a ação humana tem de ser considerada à lista de fatores que definem o caráter do solo (DREW, 2005).

¹ **Latossolo** – É um tipo de solo submetido ao processo de laterização. Esse fenômeno é muito característico nas regiões intertropicais de clima úmido e estações chuvosas alternadas, acarretando a retirada de sílica e o enriquecimento dos solos e rochas em ferro e alumina (GUERRA, 1987).

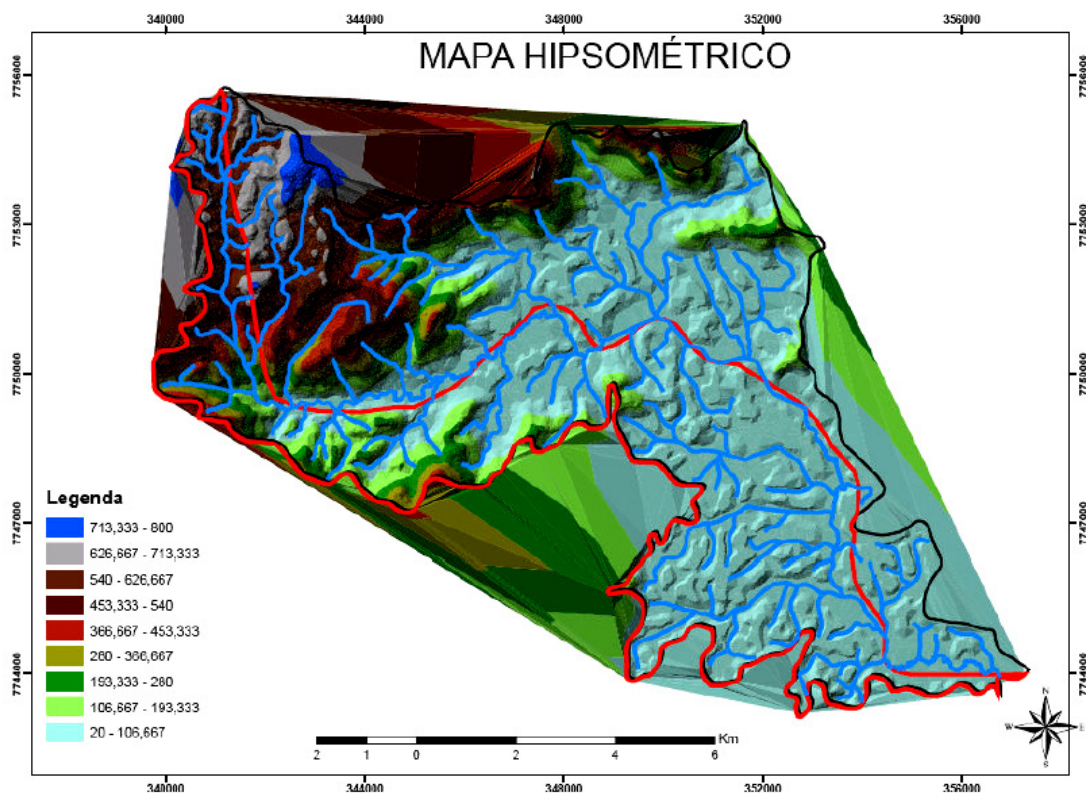


Figura 9. Mapa Hipsométrico do rio Formate. Elaborado por Ingrid Tonon Miranda, 2010.

O poder do solo sobre o escoamento da água tanto na superfície quanto no seu interior é significativo. Pode-se dizer que ele determina o volume do escoamento da chuva, a sua distribuição ao longo do tempo e as descargas-máximas, tanto na superfície quanto no subterrâneo. Esse entendimento é importante para o desenvolvimento de obras de engenharia, como construção de pontes e represas, bem como nas intervenções no leito do rio, como um processo de dragagem. Esse conhecimento também ajuda a determinar os padrões de manejo e conservação dos solos, na medida que os fluxos d'água superficiais podem provocar a erosão do topo dos solos e a remoção dos nutrientes básicos para o crescimento dos vegetais (COELHO,2008).

Os solos são formados por milhões de partículas de diferentes composições minerais de vários tamanhos, entre cascalhos, areias, siltes ou argilas, agregados ou não por matéria orgânica. Os poros são os espaços vazios entre esses grãos que podem estar ou não preenchidos por água (COELHO, 2008).

Nessa bacia, o tipo de solo que predomina é o latossolo vermelho-amarelo, tanto no médio quanto no baixo curso do rio Formate. Ele favorece os processos de

infiltração das águas pluviais – o que teoricamente deveria diminuir os problemas das enchentes na região. É um solo mineral com elevada acidez e profundo. O seu horizonte A é moderado e o seu horizonte B é latossólico, apresenta uma sequência de horizonte A, B e C desenvolvidos a partir de rochas ácidas com pequena diferenciação entre seus horizontes extremamente drenados, argilosos e muito porosos. São poucos ou muito pouco coesos, de alta permeabilidade e friabilidade. Tem baixos teores de silte, muitos óxidos na fração da argila no horizonte B e possui uma variação de textura entre 1 a 1,5. A porcentagem de matéria orgânica é normalmente acima de 1% até a profundidade superior a 50 cm e geralmente de cor amarelada. Nele também há um predominância quase absoluta de quartzo e granada. Devido ao avançado estágio de evolução e da intensa lixiviação, há uma forte redução nas suas reservas de nutrientes orgânicos e minerais. Por isso são solos de baixa fertilidade natural (CRUZ, 2004).

Vale refletir também que o processo de infiltração é o resultado da relação de interdependência dos mecanismos de entrada na superfície do solo, de estocagem dentro do solo e de transmissão de umidade do solo. A relação entre a intensidade da chuva e a capacidade de infiltração determina a quantidade de água que infiltra: quando a intensidade da chuva é menor do que a capacidade de infiltração, a taxa de infiltração é igual a taxa da chuva; quando a intensidade da chuva ultrapassa a capacidade de infiltração, gera um excedente de água, que não foi absorvido pelo solo e esta escoar sobre a superfície em direção aos canais (COELHO, 2008), e essa última situação ocorre com mais frequência na bacia do rio Formate. Porém, não é o único fator que contribui para as frequentes enchentes na região. É possível que a pavimentação das vias, a ocupação dos morros e das margens do rio, tenham modificado esse equilíbrio entre a taxa de infiltração e taxa de chuva. Nesse sentido, o processo de escoamento superficial tem sido muito maior do que a infiltração nos últimos anos. O resultado é um volume de água muito maior que está sendo canalizada para o rio Formate.

A Floresta Ombrófila Densa forma a cobertura vegetal que ainda resta na bacia do rio Formate. Ocupam as áreas mais úmidas, principalmente nas áreas de nascente, que possuem médias anuais de 1500mm de chuvas. Essa floresta é dividida em Floresta Ombrófila Densa Montana e Floresta Ombrófila Densa Submontana. A primeira ocupa faixas de altitudes acima de 500 metros, formando áreas de

preservação permanente com um estrato predominante de 25 m. A segunda ocupa áreas dissecadas na faixa de altitude entre 50 m e 500 metros de altitude, quase sempre em relevo de montanha e nas falas das serras. Nesta há um grau avançado de antropismo (SILVA, 2009).

A cobertura vegetal tem um papel importantíssimo para o equilíbrio entre o escoamento superficial e a infiltração (Figura 10). Ela é capaz de interceptar parte da precipitação (P), nas folhas das árvores ou dos arbustos (A_c), de onde pode ser transferida para a atmosfera pela evapotranspiração (ET) durante e após as chuvas. Quando estas excedem a demanda da vegetação, a água atinge o solo por meio das copas (atravessamento, A_t) e do escoamento pelos troncos (fluxo no tronco, F_t). Uma outra porção da chuva pode ser armazenada na parte superior do solo que contém detritos orgânicos que caem da vegetação (folhas, galhos, sementes e flores), chamados de serrapilheira (A_s). Em solos florestados é muito comum a formação de serrapilheira. Possui duas camadas que delimitam o horizonte O_1 (com detritos recém caídos que ainda não sofreram decomposição) e O_2 (com materiais parcialmente decompostos). Após certo de tempo, durante e depois da chuva, a água pode ser transferida para os horizontes minerais. Essa água é chamada de precipitação terminal (P_t) (COELHO, 2008).

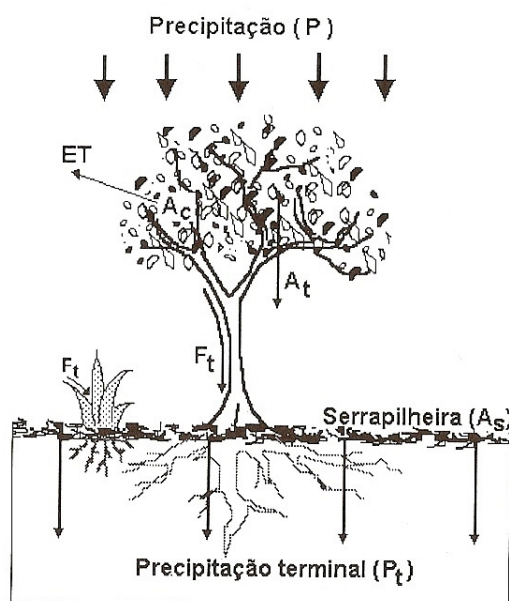


Figura 10. Componentes da interceptação da chuva: P é a precipitação; ET é a evapotranspiração; A_c é o armazenamento nas copas; A_t é o atravessamento nas copas; e F_t é o fluxo nos troncos (COELHO, 2008).

Esse mecanismo é fundamental para diminuir o escoamento superficial e para facilitar a infiltração da água no solo, permitindo alimentação dos lençóis freáticos e abastecer as nascentes. Quando não há mais vegetação, esse mecanismo de interceptação é interrompido, aumentando o escoamento das águas, principalmente nas encostas próximas ao canal fluvial.

A vegetação original foi quase retirada por completo. Hoje existem apenas fragmentos no alto curso, onde predomina atividade agropecuária. No médio e baixo curso do rio Formate as atividades imobiliárias, como a criação de loteamentos e a construção do conjunto habitacional Marcílio de Noronha em meados dos anos de 80, aceleraram a retirada dessa floresta, principalmente da mata ciliar. Surgiram à margem esquerda – no município de Cariacica – os bairros de Nova Campo Grande, Vista Dourada, Flor de Piranema, Bairro Operário, São Francisco e Vila Rica e na margem direita – no município de Viana – o conjunto habitacional Marcílio de Noronha², Industrial, Primavera, Vila Bethânea e Morada de Bethânea (CRUZ, 2004).

Todos esses bairros estão próximos ou situados nas áreas de inundação do rio Formate. O bairro mais estruturado de todos é o de Marcílio de Noronha, com uma infraestrutura urbana composta por iluminação pública, rede de esgoto, redes pluviais, estação de tratamento de esgoto, vias transversais calçadas de paralelepípedos e vias principais – onde circulam os ônibus do sistema Transcol – asfaltadas, bem como uma ampla e variada rede de comércio varejista. Mas nos outros bairros, essa infraestrutura é deficiente. A maior parte das ruas não é pavimentada, somente as principais são asfaltadas e não possuem uma rede de esgoto. Nesse sentido o uso de fossas subterrâneas, água de poços artesianos ou o despejo dos dejetos humanos no próprio leito do rio Formate são comuns.

A tendência geral tem sido para degradar o estado da vegetação, diminuindo a diversidade das espécies e a biomassa. Mas as mudanças irreversíveis na

² O Conjunto Habitacional de Marcílio de Noronha, foi construído pela COHAB-ES em meados dos anos de 1980, pelo Governo do Estado do Espírito Santo. Eram casa populares de dois tipos, uma era de quatro cômodos com um banheiro, situadas em terrenos de 300 m². O outro tipo de moradia tinha apenas dois cômodos e dividiam parede com outra da mesma característica. Ambas dividiam um terreno de 400 m² aproximadamente (IDURB, 2010).

vegetação somente ocorrem se o estado do solo também tiver sido muito alterado radicalmente. Nesse sentido se o nível de intervenção sobre a área se reduzir, gradativamente é possível que a vegetação volte ao seu equilíbrio natural (DREW, 2005). Se houver o desenvolvimento de algum projeto de recuperação da floresta degradada da região, é necessário um estudo bem aprofundado sobre o grau de modificação do solo, para que os mecanismos de recuperação de fato sejam eficientes.

Quanto ao uso e ocupação do solo, na bacia hidrográfica do rio Formate, Miranda (2010), desenvolveu uma adaptação de uma imagem de satélite demonstrando o uso e a ocupação do solo (Figura 11), destacando as áreas mais afetadas pelas enchentes segundo a defesa civil estadual.

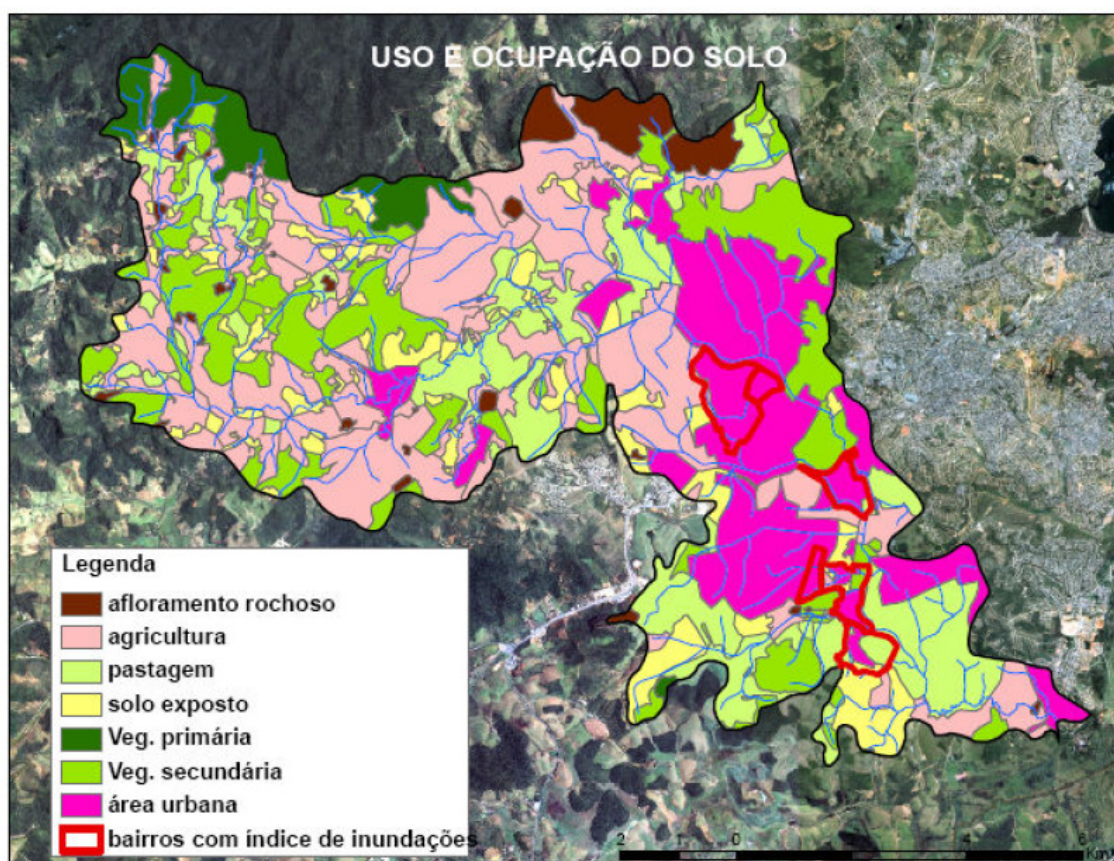


Figura 11. Uso e ocupação do solo da bacia hidrográfica do rio Formate, segundo Miranda (2010).

Observa-se através da imagem que na porção mais ocidental da bacia hidrográfica predomina atividades agropecuárias. Há nessas áreas indícios da floresta ombrófila originária, principalmente nas áreas mais elevadas próximo das encostas de morros. Conforme foi analisado nos parágrafos anteriores a retirada dessa vegetação

contribuiu de forma significativa para a alteração do equilíbrio entre as taxas de infiltração da água no solo, de escoamento superficial e de evapotranspiração. Já na porção oriental da bacia, vê-se claramente que os níveis de ocupação urbana são bem maiores. Nessa região o asfalto, o calçamento, o solo exposto, a ocupação das encostas por construções, favorecem, de certa forma, a impermeabilização do solo, também alterando a dinâmica hídrica da região.

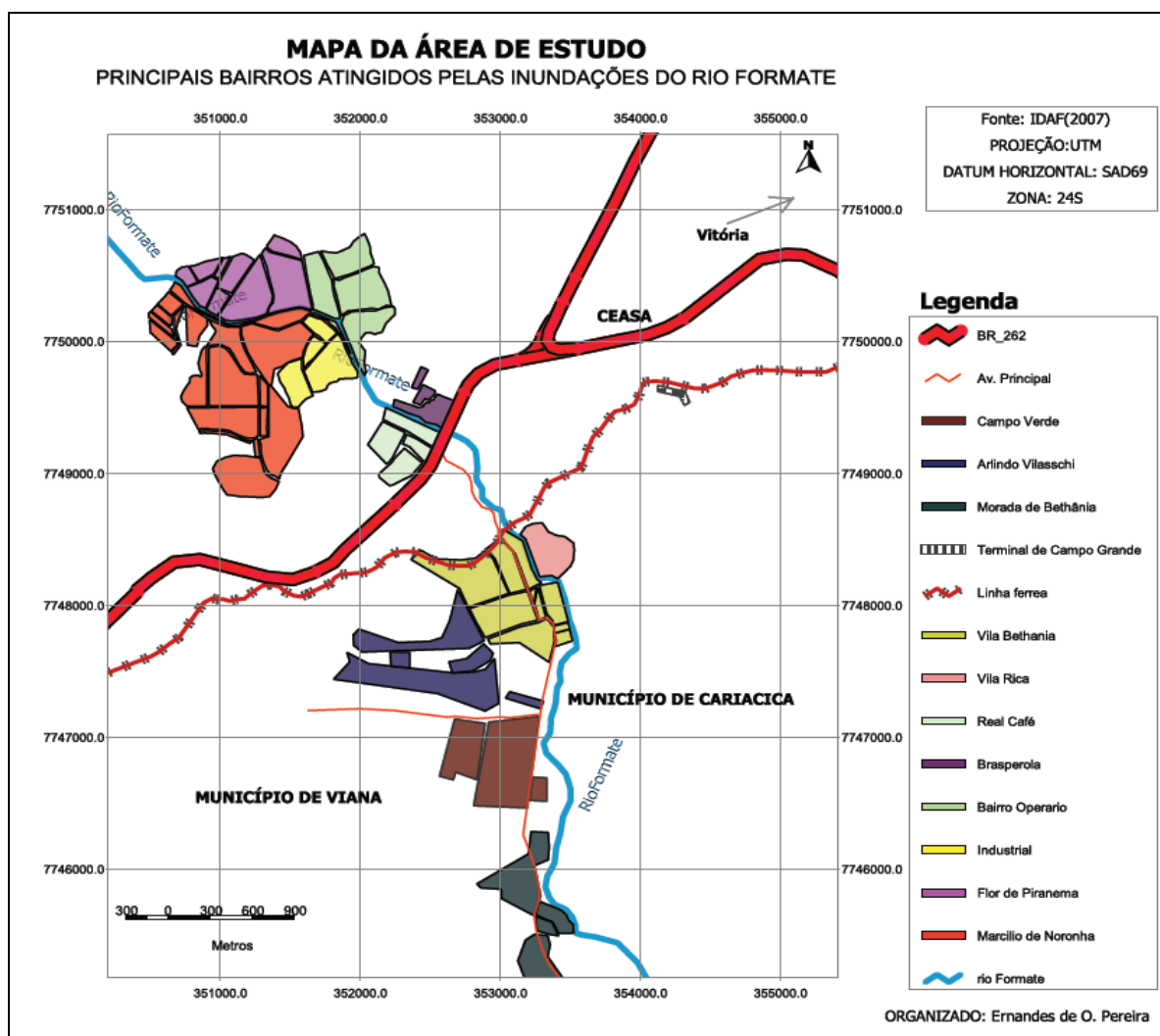


Figura 12. Mapa dos principais bairros atingidos pelas enchentes do rio Formate. Elaborado pelo autor.

O recorte espacial utilizado para a realização do estudo das percepções e representações (Figura 12) compreende os bairros da margem direita (Viana) como Marçílio de Noronha, Bairro Industrial, Vila Bethânia, Campo Verde Arlindo Vilaschi e Morada de Bethânia e os bairros da margem esquerda (Cariacica) como Flor de Piranema, Bairro Operário e Vila Rica. Nos anos de 2008, 2009 e 2010, estes

bairros fizeram parte da lista dos locais mais atingidos pelas inundações do rio Formate, segundo a Defesa Civil Estadual.

Uma breve descrição será feita a seguir, a partir da interpretação das imagens das paisagens, obtidas por fotografias. Para facilitar o presente estudo, a área foi dividida em quatro setores e o deslocamento entre eles segue o curso à jusante do rio Formate. As características levantadas são aquelas que mais se destacam na paisagem.

Setor 01

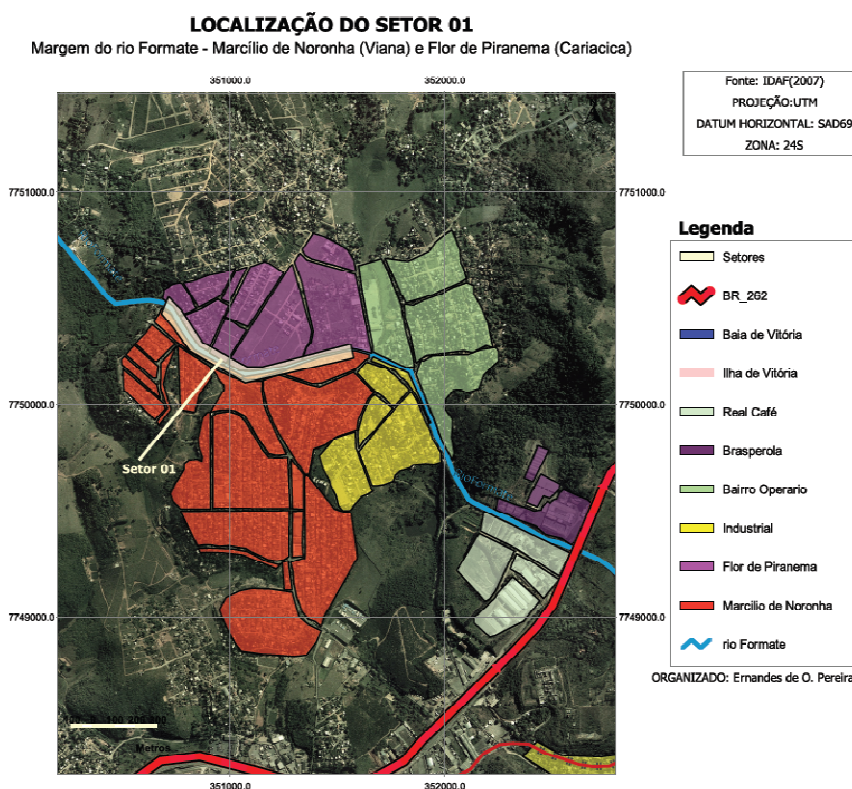


Figura 13. Localização do setor 01. Margens de Marcílio de Noronha (Viana) e Flor de Piranema (Cariacica). Elaborado pelo autor.

Todos os terrenos das margens esquerda e direita do rio formate, no setor 01, foram tomados por construções residenciais inacabadas. A existência de pontes construídas pelos próprios moradores são muito comuns, para que os mesmos, principalmente os que habitam no bairro Flor de Piranema tenham acesso à escola, aos supermercados, às farmácias e aos transportes oferecidos pelo bairro Marcílio de Noronha. Porém, o padrão de construção dessas pontes oferece perigo para os

seus usuários, devido à frágil estrutura de sustentação. Nos períodos de enchentes essas pontes são destruídas pelas águas com facilidade. Mas durante o período de estiagem essas pontes são novamente construídas.

É possível verificar também que a vegetação nativa ciliar do setor 01, foi totalmente retirada para dar lugar aos terrenos e às construções nas margens do rio. Os barrancos ficaram desprotegidos quase sem nenhuma vegetação e sofrem com o processo de denudação, provocado pelas próprias águas do rio (Figuras 14 e 15).



Figura 14. Ponte sobre o rio Formate margem sem vegetação nativa setor 01 (Foto do Autor, maio de 2011)



Figura 15. Ponte sobre o rio Formate setor 01 (Foto do Autor, maio de 2011)

A avenida Minas Gerais, margem direita, em Marcílio de Noronha, corre paralela ao rio em todo o setor 01. É totalmente asfaltada, permitindo que os ônibus coletivos do sistema Transcol³ circulem pelo bairro. Porém, nesse trecho é possível ver a presença de grandes cortes de estradas que deixaram o solo exposto a ação dos processos erosivos. Há indícios de que houve deslizamentos de terras, nos períodos de chuvas, e que boa parte desses sedimentos foram transportados para o leito do rio, intensificando o efeito do assoreamento. As famílias que habitavam o sopé desses barrancos foram retiradas pela defesa civil. A Prefeitura Municipal de Viana está executando uma obra de contenção de encostas (Figuras 16, 17 e 18).



Figura 16. Indícios de deslizamento de encosta (Foto do autor, maio de 2011).

³ O Transcol é o nome dado ao sistema de Transporte Coletivo da Região Metropolitana de Vitória. As linhas de ônibus que se originam nos bairros são interligadas aos terminais rodoviários, por onde passam as linhas troncais, ônibus que atravessam todos os municípios da Grande Vitória, interligando assim outros terminais rodoviários.



Figura 17. Av. Minas Gerais, paralela ao rio Formate. Foto do Autor (maio de 2011)



Figura 18. Obra de contenção de encosta Marcílio de Noronha. (Foto do Autor, maio de 2011)

Mais adiante, no final do setor 01, localiza-se a Igreja Católica de São Pedro. Atualmente é onde ocorrem as plenárias, os debates e as audiências dos movimentos ambientais populares, da comunidade ribeirinha em geral com os

órgãos públicos envolvidos com o projeto de urbanização das margens do rio Formate. Esse local foi escolhido devido à sua localização estratégica que fica perto do cruzamento entre o Marcílio de Noronha, Industrial e bairro Operário (figura 20).



Figura 19. Comunidade Católica de São Pedro em Marcílio de Noronha (Foto do autor, maio de 2011).

O setor 02

Corresponde às margens do bairro Industrial (Viana) e bairro Operário (Cariacica). Dois locais, onde o nível das águas das enchentes constitui um dos maiores já registrados desde 2008 (Figura 20).

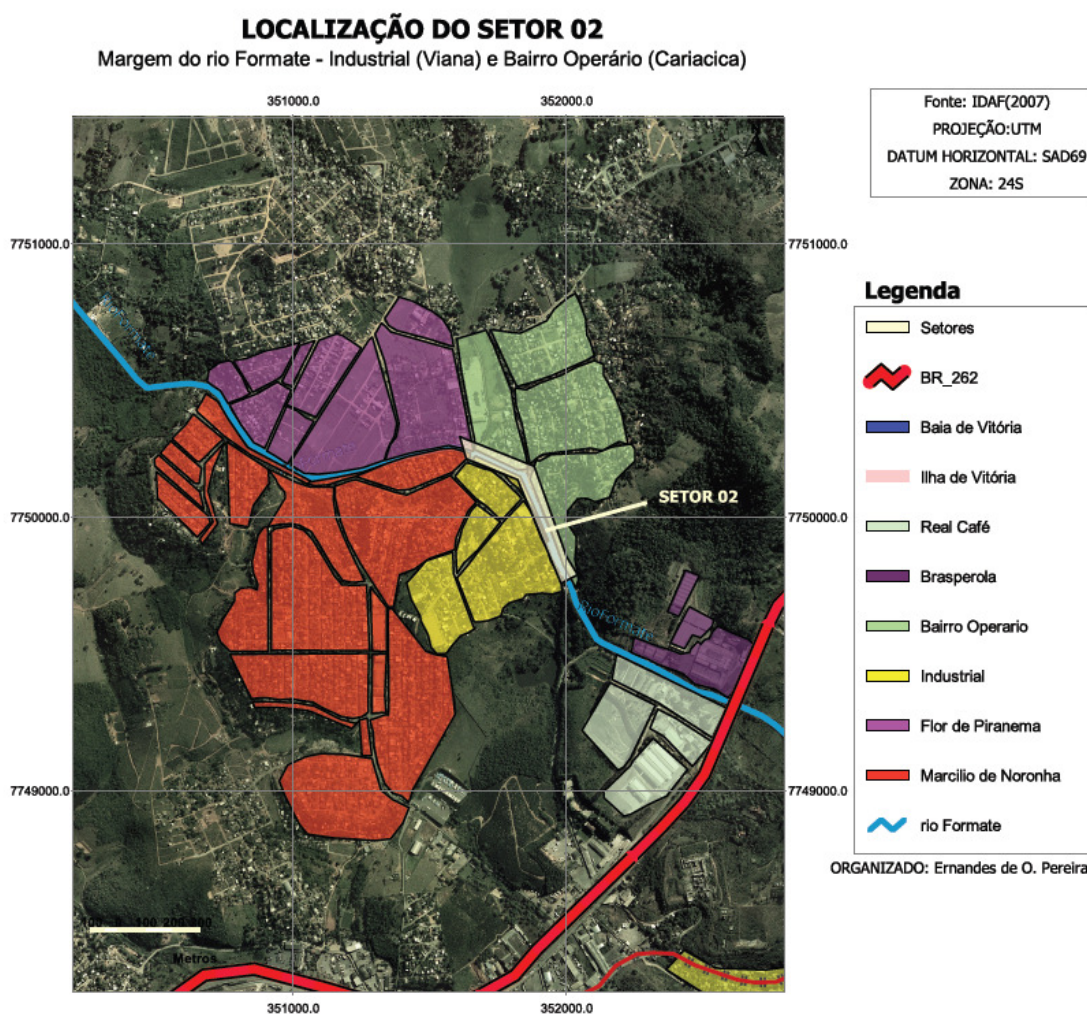


Figura 20. Delimitação do Setor 02. Adaptado pelo autor. Fonte IDAF (2007).

No início desse setor existe uma ponte de concreto (figura 21), construída no início dos anos de 1980. Ela liga Marcílio de Noronha, Industrial e Bairro Operário. Por ela passa o maior fluxo de veículos da região. Produtos agrícolas do interior de Cariacica escoam por essa ponte em direção à CEASA. Mas as condições físicas da mesma estão comprometidas devido à ação dos processos erosivos, incluindo as águas do rio Formate, que já passaram por cima de sua estrutura, em enchentes anteriores.

É possível constatar um grande acúmulo de sedimentos e lixo, o que de certa forma faz com que o canal fique bem raso, com aproximadamente 45 cm de profundidade o que explica a rapidez com que as águas transbordam nos períodos de chuvas (Figura 21).



Figura 21. Vista da ponte que liga bairro Operário (Cariacica) com Industrial (Viana). Foto do Autor (maio de 2011).

Suas margens foram profundamente alteradas, pela ocupação humana. As construções de alvenaria, que compõem os estabelecimentos comerciais do bairro industrial, situam-se à direita da margem do rio. Agora, devido ao acúmulo dos sedimentos e do lixo no seu leito, essa ponte tornou-se um dos muitos pontos de obstrução das águas do rio Formate. É no entorno dessa ponte, que ocorrem um dos maiores avanços das águas conforme é possível observar nas montagens das figuras 22 e 23.



Figura 22. Vista do bairro Operário sobre a ponte. Foto do autor (Dezembro de 2010)



Figura 23. Vista do bairro Operário sobre a ponte (Enchente de outubro de 2010). Foto do autor

Abaixo pode-se ver a avenida principal do bairro Industrial (Fig. 24). É nela que se concentram os melhores estabelecimentos comerciais da região, como farmácia, mercearias, um ferro velho, oficinas mecânicas, lanchonetes e bares. Além disso algumas igrejas como a Assembléia de Deus, a Presbiteriana e a Luterana também se encontram no local. Nessa avenida também passam os ônibus das principais

linhas do sistema Transcol, atendendo à população, tanto do bairro Operário quanto do bairro Industrial.



Figura 24. Avenida Principal do Bairro Industrial – Viana. Foto do Autor (maio de 2011).



**Figura 25. A mesma avenida da figura anterior inundada.
Foto do autor (Outubro de 2010)**

Devido aos sucessivos alagamentos dessa avenida (Figura 25) e ao fluxo de veículos constante, o asfalto dessa região cedeu e encontra-se cheio de buracos. Os

bueiros estão entupidos pela lama, impedindo qualquer possibilidade de escoamento das águas pluviais. O rio Formate corre atrás das construções do lado direito dessa avenida.

A partir da área central do setor 02, começam as típicas construções em forma de palafitas que seguem até o final desse setor. São casas de madeira, bem próximas do leito do rio (Figura 26 e 27). Em alguns casos o leito do rio forma o próprio quintal dessas moradias. As moradores procuram proteger-se do avanço das águas com pneus velhos. Essas forma de moradias, permitem que os moradores também se defendam das inundações. Um exemplo típico de adaptação ao fenômeno que se repete todos os anos.



**Figura 26. Tipo de moradia às margens do rio Formate, bairro Operário.
Foto do autor (maio de 2011).**



**Figura 27. Disposição das palafitas no período de inundação.
Foto do Autor (Outubro de 2010).**



**Figura 28. Lixo e esgoto lançados diretamente no rio Formate.
Foto do Autor (maio de 2011).**

Nessa área há, aproximadamente, dezesseis moradias nessa situação. Os dejetos de cada casa são jogados diretamente no rio (Figura 28). O lixo produzido também é

depositado nas suas margens. É comum também encontrar nesse trecho, roedores e aves de rapina, alimentando-se da carcaça dos outros animais em estado de putrefação.

Setor 03

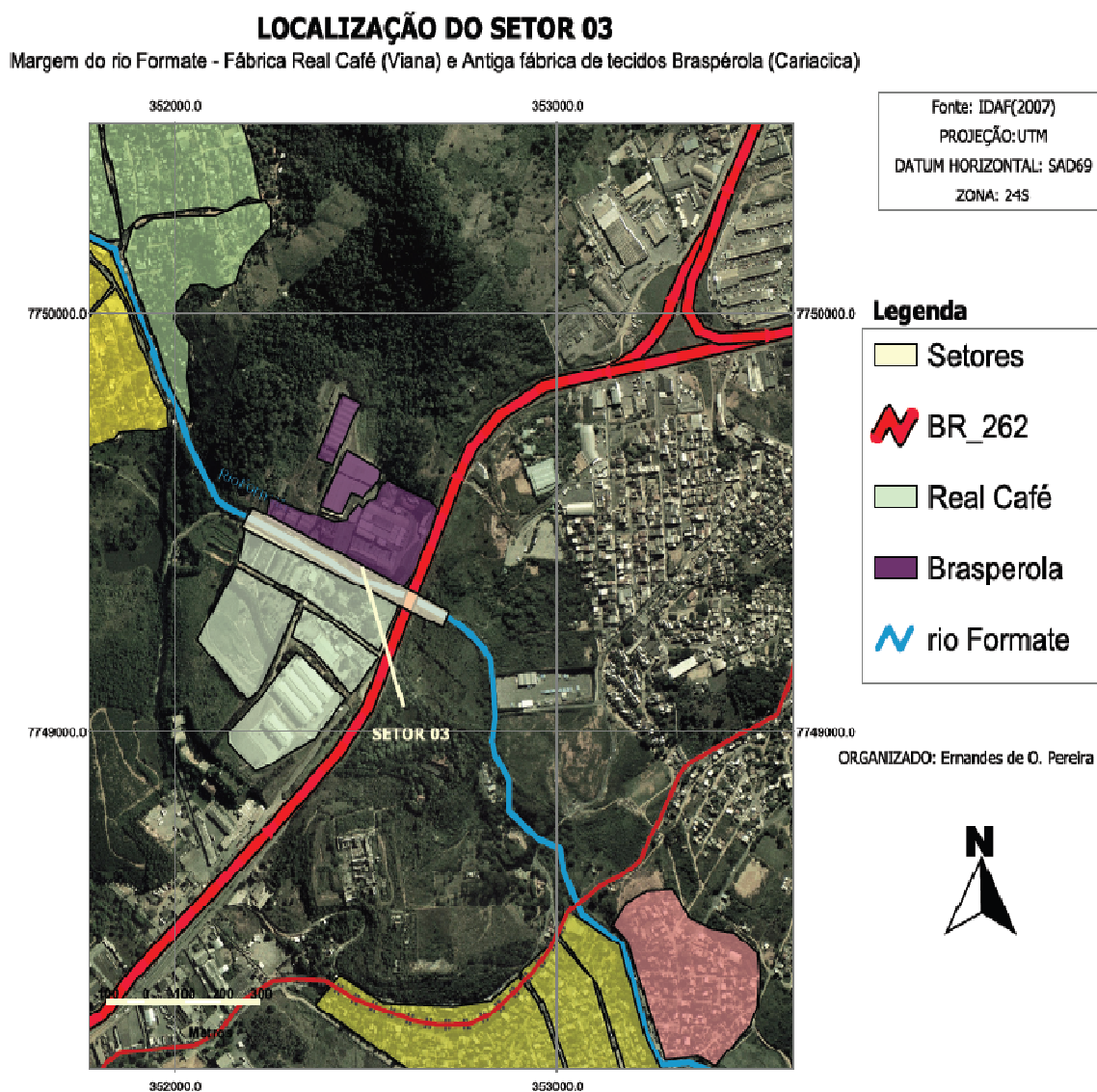


Figura 29. Delimitação do setor 03 do rio Formate. Fonte IDAF (2007). Adaptado pelo autor.

O próximo trecho fica perto de uma ponte que passa pela rodovia federal BR-262 que liga Vitória ao Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O que mais se destaca é a presença de duas fábricas situadas à margem do rio Formate. No lado de Viana,

tem-se a Real Café (Figura 31) e no lado de Cariacica a antiga fábrica de tecidos Braspérola (Figura 30) que atualmente está fechada.



**Figura 30. Antiga fábrica de Tecidos Braspérola (Cariacica).
Foto do autor (maio de 2011).**



Figura 31. Fábrica da Real Café (Viana). Foto do Autor (maio de 2011).

Um outro fator que chama a atenção, além do assoreamento e da retirada da mata ciliar nativa, é a coloração da água (Figura 32) que aparece muito mais escura do que nos setores anteriores. Essa característica aparece a partir desse setor e segue até as partes mais baixas da bacia. Alguns depoimentos dos ribeirinhos, principalmente aqueles situados no setor 04, apontam que esse fenômeno deve-se

aos dejetos lançados no rio pela própria fábrica da Real Café. Além disso, há muito lixo proveniente dos carros que passam na pista e muitos sedimentos depositados nas margens. Nesse setor não há nenhum tipo de moradia e nem de construções comerciais, além das duas fábricas.



Figura 32. Ponte sobre o rio Formate, BR-262. Foto do autor (maio de 2011).

Setor 04

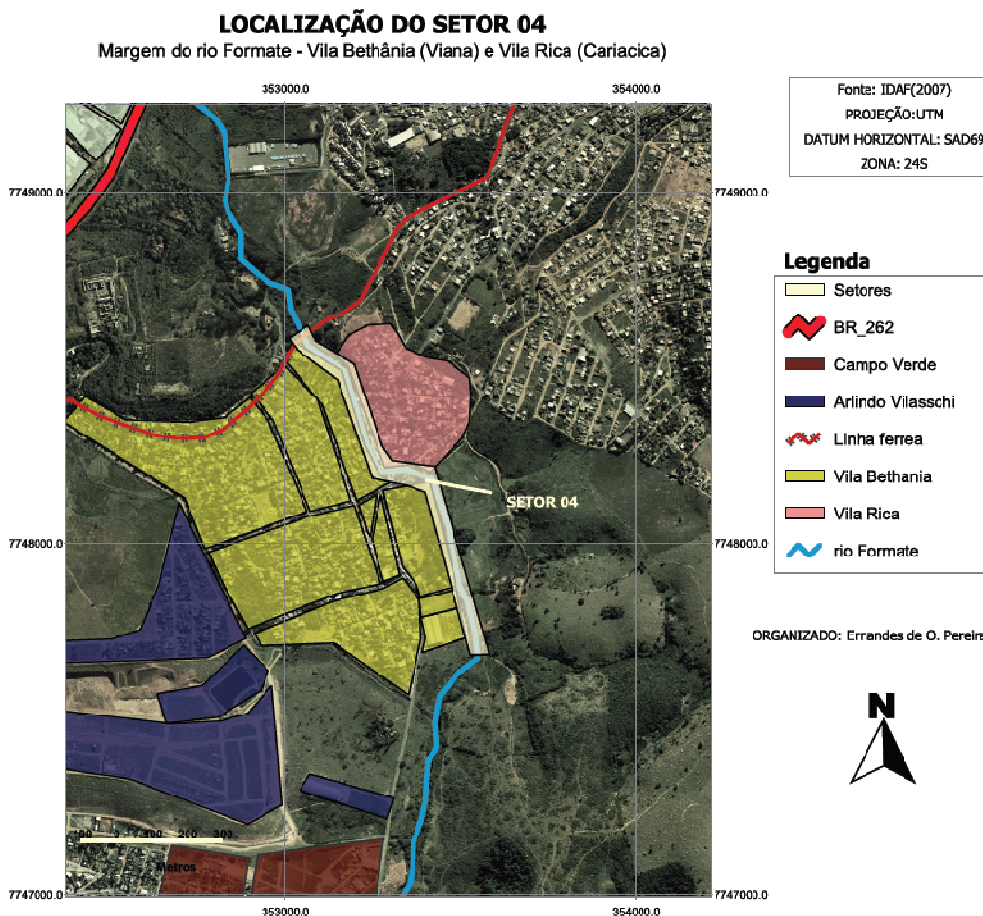


Figura 33. Delimitação do Setor 04. Fonte IDAF (2007). Adaptado pelo Autor.

Nesse trecho do rio, localizam-se os bairros de Vila Bethânea, Vila Rica, Campo Verde, Arlindo Vilaschi e Morada de Bethânea. O único bairro de Cariacica que chama a atenção, durante as enchentes, por ser o mais castigado de toda a área de estudo é o bairro de Vila Rica. É nesse local que há ocorrências de maiores cheias segundo, os veículos de comunicação.

Fica mais evidente nessa área o grau de assoreamento do rio Formate (Figura 34, 35 e 36). Toda a área que possui o solo exposto nessa figura era coberta por água. Essa imagem foi obtida de cima da ponte que liga o bairro de Vila Rica com Vila Bethânea. Em período de cheia, essa ponte fica coberta pela água, assim como as outras pontes mostradas anteriormente, essa também está com a sua infraestrutura comprometida, e constitui uma das obstruções das águas do rio. Segundo relatos

dos moradores era possível ficar em pé, embaixo da casa de madeira. Nessa região, o rio Formate era tão profundo que muitos incidentes ligados a afogamentos aconteceram.



**Figura 34. Casa Ribeirinha do bairro Vila Rica (Cariacica).
Foto do autor (maio de 2011).**



**Figura 35. Imagem da mesma área inundada, Vila Rica (Cariacica).
Foto do autor (Outubro de 2010).**



**Figura 36. Ponte sobre o rio Formate em Vila Rica (Cariacica).
Foto do autor (maio de 2011).**



**Figura 37. Rio Formate margem esquerda Vila Rica e margem direita Vila Bethânea.
Foto do autor (maio de 2011).**

A partir das observações de campo (Figura 37), constatou-se que essa região de Vila Rica é a mais comprometida de todas, pois a profundidade do rio nessa área alcança apenas 35 cm aproximadamente. As margens foram ocupadas por

construções residenciais, toda a mata ciliar foi retirada e o forte odor de suas águas é notório e repulsivo. Em períodos de cheia toda a região da figura anterior fica como mostra a Figura 38.



Figura 38. Mesma área da figura 37, inundada pelas águas do rio Formate. Foto do autor (Outubro de 2010).

Em períodos de chuva forte, os moradores, saem de suas casas e abrigam-se nas casas de parentes. É comum também, e isso foi constatado nos relatos que serão analisados no próximo capítulo, que os mesmos constroem outras residências, nas partes mais elevadas dos terrenos.

Os moradores dessa região, também alegam que as sucessivas inundações tem sido provocadas por uma obra do Governo do Estado, que fica à margem esquerda do rio Formate, após o bairro Vila Rica. Essa construção é chamada de corredor Sudoeste-Norte-Sul, que liga o bairro de Campo Grande (pólo comercial de Cariacica) com os bairros do setor 04. Segundo os relatos, a construção dessa nova rodovia e da ponte, que foi erguida sobre o rio Formate (Figura 39), gerou um grande aterro que provoca uma espécie de represamento temporário das águas, em período das chuvas.

De fato, observando a altura da ponte em relação à lâmina superficial, repete-se o mesmo erro das pontes anteriores. Em época de chuva, o volume das águas pode ultrapassar o limite das pontes, acentuando o índice de enchentes na região.



Foto 39. Ponte sobre o rio Formate da nova rodovia, Corredor Sudoeste-Norte-Sul, que liga Campo Grande a Viana. Foto do autor (maio de 2011).



Foto 40. Corte de encostas e de estradas às margens do rio Formate. Foto do autor (maio de 2011).

Além disso também é possível observar o corte das encostas de morros (Figura 40), em uma área que está em expansão imobiliária, à margem esquerda do rio Formate (Cariacica) bem próximo ao seu leito. Os sedimentos dessas áreas são facilmente transportados pelo processo de lixiviação das encostas.

A Prefeitura de Viana, a fim de retirar e abrigar as famílias das áreas ribeirinhas atingidas pelas enchentes, está construindo casas populares em Arlindo Vilaschi e Campo Verde (Figura 41 e 42).

Mas essa iniciativa, de acordo com os relatos dos ribeirinhos, tem sido considerada polêmica. Muitos não querem sair das áreas onde moram há anos, pois, mesmo em terrenos suscetíveis a alagamentos, construíram suas relações sociais, desenvolveram o sentimento de comunidade e de apego ao lugar. Lá, estão mais próximos dos serviços públicos como escolas, comércio, postos de saúde e transporte coletivo e aprenderam a transformar o ambiente em uma espécie de lar.



Foto 41.

**Casas Populares destinadas às famílias ribeirinhas em Campo Verde.
Foto do autor (maio de 2011).**



**Figura 42. Área em expansão imobiliária em Arlindo Vilaschi e Campo Verde (Viana).
Foto do autor (maio de 2011).**

O deslocamento dessa população para essa área não leva em conta essas relações, por isso tem encontrado resistências por parte de alguns moradores, conforme descrito no início deste capítulo.

Todas as informações apresentadas até agora somente oferecem uma ideia da área de estudo das percepções e representações dos povos ribeirinhos. Não se pretende aqui esgotar e explorar todas as suas características. Outros estudos interdisciplinares devem ser realizados. Outros saberes devem ser contemplados para que se tenham um retrato mais próximo da realidade. As imagens coletadas no campo e as análises realizadas pretendem apenas propor a ideia de que esses lugares merecem ser estudados e analisados com profundidade. É possível que os saberes, oriundos dessas atividades de pesquisa, possam contribuir para uma ação mais eficiente, dos poderes públicos, no sentido de também dar voz também àqueles, que cotidianamente, que ainda estão à margem tanto do rio Formate quanto da própria sociedade.

CAPITULO III

PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES: A GEOGRAFICIDADE DE QUEM VIVE AS ÁGUAS RIO FORMATE

3.1 Uma breve reflexão

No mundo banhado pelas águas do rio Formate existem outros mundos vividos, que se complementam, que se confrontam, e que se reproduzem no espaço. São mundos repletos de sentimentos, de sonhos e de perspectivas que afloram nas atitudes e nas construções que preenchem esse espaço.

O “espaço” aqui, é visto como uma expressão abstrata, que representa um conjunto complexo de ideias. As formas como este espaço é dividido dependem das complexidades e das sofisticações daqueles que o vivenciam. O homem desse “espaço”, fruto de suas experiências íntimas com o seu corpo e com as outras pessoas, modela esse espaço a fim de condicioná-lo às suas necessidades biológicas e relações sociais (TUAN, 1983).

Nas comunidades que foram construídas em torno do rio Formate, a simplicidade é um dos elementos mais marcantes (Figura 43). Cresceram em torno do rio, a partir de loteamentos de baixo valor ou de invasões que se sucederam ao longo de muitos anos. A única exceção é o bairro Marcílio de Noronha, que foi fruto de um planejamento voltado para construção de habitações populares, nos anos de 1980, pelo Governo do Estado do Espírito Santo. Contudo, esse povo é simples, formado por trabalhadores e desempregados que ordenam à sua maneira, os terrenos que circundam o rio Formate.



**Figura 43 – Reunião dos moradores ribeirinhos com a ASIARFA na Igreja Católica de São Pedro – Setor 1.
Foto do autor (agosto de 2010).**

Pela sua simples presença, o homem estabelece uma ordem própria no espaço, muitas vezes, ele mesmo não tem consciência disso. Essa ordem, em algumas culturas é rudimentar e em outras é bem elaborada e sofisticada. Isso pode ocorrer na mesma cidade, onde as localizações residenciais seguem uma ordem hierárquica (TUAN, 1983). Essa hierarquia está associada às condições de moradia e às condições de infraestrutura disponíveis. Na Grande Vitória, os bairros centrais são mais estruturados em vários sentidos, nos aparelhos urbanos, nos serviços públicos prestados como segurança, educação e saúde. Porém, nas áreas de periferia, como é o caso das comunidades ribeirinhas no entorno do rio Formate, essas condições estruturais são precárias. Faltam estruturas de saneamento básico: a coleta de lixo é ineficiente, há evidências disso na quantidade de lixo jogada às margens e no leito do rio Formate; as fossas sanitárias são comuns na região em detrimento das estruturas de canalização de redes de esgotos, sendo que é comum encontrar canos de esgotos domésticos despejando os resíduos diretamente no rio. Mesmo assim, os habitantes dessas regiões, buscam valorizar suas residências e seus terrenos, por mais simples que sejam. Guardam consigo em cada enchente, uma esperança corajosa de que um dia algo poderá mudar suas realidades.

Esses mundos, que serão descritos aqui, formam uma grande complexidade. E que como já foi discutido, merece um estudo que leve em considerações as vozes desses mundos vividos. Nesse sentido, Morin (2007), vai esclarecer que essa complexidade é como se fosse um tecido formado pelo paradoxo do uno e do múltiplo. Ou seja, é um tecido de ocorrências, de fatos, de ações, de interações, de retroações, de determinações, de acasos que constituem o mundo fenomenológico. Essa complexidade se apresenta com traços de desordem e de incertezas e o conhecimento científico tem a necessidade de ordenar, selecionar, classificar e clarificar. Porém, o filósofo alerta que essas operações podem provocar a cegueira. Isto é, o cientista nesse sentido, pode deixar escapar detalhes que podem mudar toda uma compreensão acerca dos mundos vividos, dos que habitam às margens do rio Formate. Nesse contexto Buttimer (1985), afirma que para estudar esse mundo vivido e para descrevê-lo, é preciso usar uma linguagem e um conjunto de categorias próprias, que levem em consideração a herança cultural, a interação social, as dimensões pessoais e coletivas, frutos da experiência humana, enfim de uma relação intersubjetiva dos sujeitos.

O mundo vivido do rio Formate, a partir dos relatos dos seus moradores, corresponde a duas visões (Figura 44). A primeira relacionada ao modo de ver dos moradores atingidos pelos efeitos das enchentes, de forma direta ou indireta, e a outra pelas visões de mundo daqueles que integram os movimentos populares que emergiram a partir dessa crise ambiental e humana. Qualquer intervenção externa, com o intuito de mudar a realidade das freqüentes inundações do rio Formate, dos seus impactos e da vida de seus moradores, deve levar em consideração essas vozes.

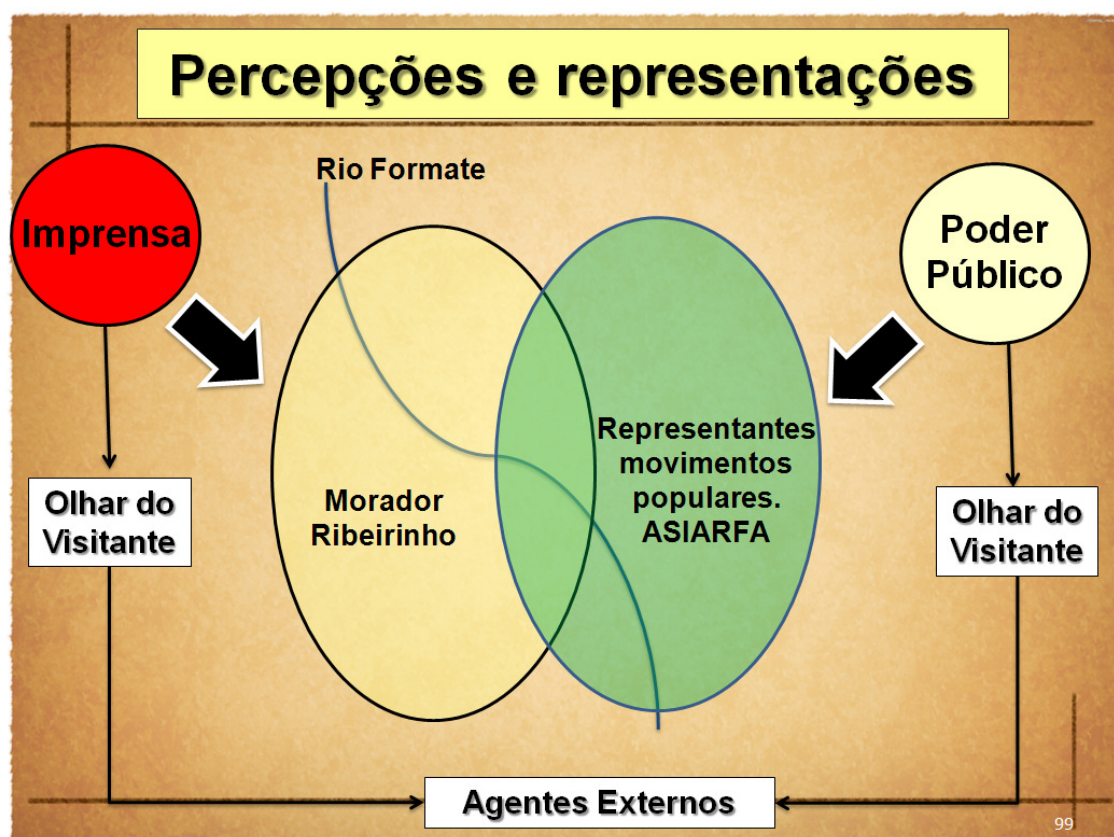


Figura 44 – Esquema teórico organizado pelo autor, a partir dos relatos dos habitantes do rio Formate (2011).

Além disso, com o olhar de visitante, aparecem a imprensa e o poder público (Prefeituras de Cariacica e Viana). Posturas que serão analisadas sob a ótica da geografia humanista cultural, levando-se em consideração as experiências existenciais dos moradores.

3.2 As percepções e representações dos moradores ribeirinhos

Para iniciar a discussão sobre o olhar dos ribeirinhos do rio Formate, cabe aqui refletir sobre os saberes que emergem dessas experiências individuais e coletivas e sobre a conduta de quem pesquisa. Nesse sentido o antropólogo Geertz (2006) contribui dizendo que a compreensão que se tem acerca dos informantes (nativos), não depende da experiência ou da sensação do pesquisador de estar sendo aceito pelos sujeitos estudados. Esses sentimentos estão ligados apenas à biografia e à experiência de vida do próprio cientista. Nesse sentido a compreensão dos ribeirinhos, por exemplo, depende de uma habilidade para analisar seus modos de expressão, aquilo que pode ser chamado de sistemas simbólicos. Para o antropólogo Clifford Geertz (2006), essa compreensão é o mesmo que entender o sentido de um provérbio ou um pôem do que uma comunhão de espíritos.

Por isso, as interpretações das informações contidas nos depoimentos dos ribeirinhos não estão associadas a uma intimidade construída no campo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados. Partem de diversas observações no campo de conversas informais e de entrevistas realizadas em várias situações do cotidiano. Isso não invalida as reflexões que procuram entender esse sistema simbólico, esse conjunto de representações e percepções que dão a tônica central da geograficidade⁴ dos ribeirinhos.

Vale ressaltar ainda que esses saberes do senso comum, o dos ribeirinhos, baseiam-se na vida como um todo, pois o mundo aí é a sua autoridade maior, diferente da ciência que se apóia na metodologia, ou da religião que se fundamenta nas revelações. O bom senso, que povoa os relatos dos ribeirinhos, é uma forma de explicar os fatos da vida (GEERTZ, 2006).

Os moradores ribeirinhos, possuem uma percepção espacial, temporal e de intensidade das enchentes que os acometem ao longo dos anos. Os depoimentos abaixo demonstram isso:

⁴ A *geograficidade* é um dos conceitos mais fundamentais da obra de Eric Dardel. Ela evoca a própria essência geográfica do ser-e-estar-no-mundo, nas palavras do próprio Dardel (2011), equivale ao modo de sua existência e de seu destino, que o liga ao mundo.

“Antes levava dois a quinze dias para alagar. Hoje com três dias de chuva, já está em uma situação realmente de calamidade” (JOÃO NETO, Jornal Online, Folha Vitória, 30 de dezembro de 2009).

“Todo o ano nós enfrenta essa enchente aqui” (SEBASTIÃO TOREZANI, Gazeta Online, 31 de dezembro de 2010).

“Tenho vinte e três anos que eu moro aqui. Já é a terceira vez. A primeira vez foi mais branda, comecei a perder as coisas e agora a terceira vez quase que nós morre afogada.” (ELZA PAGUNG, A Gazeta Online, 17 de março de 2011).

“Já morava em uma casa baixa, fiz outra casa, projetada pela água e cada vez que sobe, a água só atinge um nível cada vez maior” (ELIZABETH SERAFIN, Vila Bethânea, Folha Vitória, 24/11/2011).

É comum aparecer nos depoimentos de quem vivencia o fenômeno das enchentes, que o tempo de ocorrência de inundações do rio Formate, está ficando cada vez menor e os impactos de suas enchentes cada vez maiores.

Os moradores que percebem esse fenômeno com mais intensidade, estão à jusante do bairro Marcílio de Noronha, nas áreas onde a ocupação é mais antiga como o Bairro Operário, Bairro Industrial e após a BR-262, com os bairros Vila Rica, Vila Bethânea e Morada de Bethânea. Nessas áreas, o rio está mais assoreado e os efeitos das enchentes são mais frequentes e devastadores. Esses moradores, principalmente dos bairros Vila Bethânea, Vila Rica e Morada de Bethânea, atribuem o aumento das enchentes à construção do corredor Sudoeste-Norte-Sul⁵.

Em um trecho dessa estrada, que cruza o rio Formate ligando Cariacica à Viana, foi realizado um aterro, nas margens desse rio, que segundo os moradores é o principal motivo das inundações na região.

“O aterro impediu a água. A água espalhava todinha aqui. Então o aterro impediu que a água se espalhasse, então entrou nas casas. Mais rápido do que acontecia antes” (MORADOR DE VILA RICA, A Gazeta Online, 24 de novembro 2008).

“Os alagamentos aqui demoravam, era uma vez por ano. Depois desse corredor sudoeste, que liga Cariacica à Viana, daqui a partir de Vila Bethânea, ali recebeu um aterro muito forte, um exagero de aterro, que aí com qualquer chuva, o espaço que a água ocupava, o aterro ocupou e aí, naturalmente, o volume de água, transbordou e passou a afetar com mais

⁵ Obra do Governo do Estado que liga o bairro Campo Grande Cariacica com os bairros de Viana (Vila Bethânea, Morada de Bethânea, Nova Bethânea e Eldorado). Essa estrada, atravessa uma ponte que foi construída sobre o rio Formate (Nota do autor).

intensidade a população ribeirinha.” (JOÃO NETO, Jornal A Tribuna, 15 de março de 2011).

Dentro desse contexto é possível que o corte de estrada e o aterro, realizado às margens do rio Formate, podem ter intensificado o fenômeno das enchentes na região, mas essa não poderia ser a única causa. Cunha & Guerra (2004), salientam que há uma forte relação de trocas de causa e efeito entre as encostas e os vales fluviais incluindo a calha do rio. As mudanças no uso dos solos, nas encostas, influenciam os processos erosivos que podem alterar a dinâmica fluvial. Ou seja, o desmatamento ou o crescimento da área urbana, como é o caso do vale fluvial do rio Formate e de suas encostas de morro, reduzem a capacidade de infiltração das águas das chuvas, aumentando o escoamento superficial das mesmas. A erosão hídrica das encostas, provocada por esses processos, aumenta o volume de sedimentos para a calha fluvial, resultando o fornecimento de maior volume de sedimentos para o leito do rio. Isso provoca o assoreamento e as enchentes nas planícies de inundação.

O corte de estrada e o aterro, realizados às margens do rio Formate, não constituem como as únicas causas das inundações nas áreas de Morada de Bethânea. Observando bem as áreas de morros ocupadas pelos bairros, Marcílio de Noronha, Bairro Operário, Bairro Industrial, Vila Bethânea e Vila Rica, percebe-se que houve o processo de impermeabilização do solo, através do asfaltamento, dos calçamentos e através da concentração de construções residenciais e comerciais que predominam nas áreas de morro. Isso de certa forma pode ter alterado o regime de infiltração das águas da chuva, intensificando o escoamento superficial, aumentando o volume de água na calha do rio Formate.

Há indícios dessa mudança nos padrões de escoamento fluvial a partir de relatos dos moradores do bairro Industrial e Operário:

“Antes não dava tanta enchente, assim... Tá assim, depois que construíram aquele bairro ali, o Marcílio de Noronha. Aí a vida da gente virou um inferno só.” (MORADORA RIBEIRINHA, Bairro Operário, Cariacica, A Gazeta Online, 2008).

O grau de ocupação das margens do rio, por subconstruções, tanto domésticas quanto comerciais, aumentou desde o aparecimento do bairro Marcílio de Noronha em meados dos anos de 1980. O seu surgimento, motivou a formação de novos

loteamentos como o de Flor de Piranema. Além disso, os terrenos vazios que existiam dentro e no entorno do bairro Marcílio de Noronha, incluindo às margens do rio Formate, também foram ocupados.

Essa região, conhecida pelos moradores como a Grande Marcílio de Noronha, influencia os bairros vizinhos de forma considerável. Nela concentra-se um forte centro comercial bem diversificado, como lojas dos mais variados tipos, supermercados, farmácias, escolas de grande porte para todas as fases, da educação infantil até o ensino médio, meios de transportes e postos de saúde. Além disso, recentemente, foi instalada a Faculdade de Estudos Sociais Aplicados de Viana (FESAV), atraída pela potencial clientela da região. Toda essa infraestrutura de serviços era inexistente, ou se existia, era de forma bem precária nos bairros vizinhos.

Essa relação forte entre os moradores dos bairros vizinhos com Marcílio de Noronha, evidencia-se também pelas construções de pequenas pontes sobre o rio Formate (figuras 14 e 15), que servem de caminho para aqueles que buscam algum serviço no bairro. Nesse sentido, Tuan (1983) dá a sua contribuição dizendo que o espaço é experienciado quando há lugar para se mover. As construções das pequenas pontes permitem a circulação espontânea de produtos e serviços. Percebe-se aqui, através desses indícios, que o rio Formate também tornou-se um obstáculo a ser transposto pela população.

Quanto aos processos de degradação das áreas do entorno do rio Formate, Cunha e Guerra (2004) também enfatizam que não deve ser feito um estudo apenas do ponto de vista físico. Deve-se levar em conta as relações existentes entre a degradação ambiental e a sociedade causadora dessa degradação, que ao mesmo tempo é vítima e tenta resolver, recuperar ou reconstituir as áreas degradadas. Isso requer muitos levantamentos sistematizados, através de monitoramentos dos variados tipos de degradação.

Essa degradação ambiental pode ter várias causas, conforme foi dito anteriormente. É comum responsabilizar apenas o crescimento populacional sobre a área estudada. Isso pode ser uma posição reducionista. Deve-se levar em conta aqui que o manejo inadequado do solo, tanto em áreas urbanas quanto em áreas rurais, independe de

serem povoadas ou não. Elas estão mais sujeitas a sofrer degradação do que aquelas com grande pressão demográfica (CUNHA; GUERRA, 2004).

Nesse sentido, quanto ao manejo do solo e suas formas de uso, Claval (2007a), exemplifica dizendo que em áreas onde as chuvas são violentas, estas, são capazes, de esculpir profundamente a terra móvel e de transportá-la para longe: os sulcos abertos atrapalham à montante, no caso, impedem qualquer tipo de trabalho na terra, enquanto a jusante o escoamento é impedido pelos sedimentos acumulados. Nesse sentido, os construtores de estradas devem prever estes estragos e fazer de tudo para reduzir os períodos e as superfícies onde a terra não é protegida. É preciso dominar e canalizar os escoamentos até mesmo os mais torrenciais.

Um pouco mais à montante do bairro Marcílio do Noronha, é possível perceber que o tipo de ocupação predominante é caracterizado pela ruralização do espaço. Nela é possível constatar a presença de sítios, chácaras e fazendas de criação de gado, que de certa forma influenciaram a dinâmica das águas do rio Formate. Os morros das encostas e as margens dos rios sofreram um processo de desmatamento intenso, alterando a relação entre a infiltração e o escoamento superficial.

Chuvas concentradas, associadas aos fortes declives, aos espessos mantos de intemperismo e ao desmatamento podem criar áreas de potenciais de erosão e de movimento de massa, fornecedoras de sedimentos para os leitos fluviais (CUNHA; GUERRA, 2004). Portanto, os processos erosivos são anteriores ainda à região de concentração populacional. Uma intervenção, na região, com o objetivo de minimizar os efeitos das enchentes deve levar em conta esses diversos fatores que foram levantados até agora.

Vê-se que as áreas urbanas representam a mais profunda modificação humana da superfície da Terra, da atmosfera e do ecossistema terrestre. O gradiente de agressividade desse tipo de mudança vai do interior rural, atravessa as periferias, passando pelos centros comerciais ao núcleo industrial (DREW, 2005).

A partir dos relatos dos moradores, publicados pela imprensa, acerca das sucessivas enchentes nessa região foi possível associar o aumento do contingente populacional, a forma como o solo foi explorado por esse contingente, próximo às

margens do rio Formate, com o aumento dos padrões dos processos erosivos, das áreas de encostas e dos vales fluviais, tanto nas áreas rurais quanto nas áreas urbanas e com a intensidade do fenômeno das enchentes.

Sobre essas percepções Merleau-Ponty (1999) enfatiza que todo o saber se encontra nos horizontes ampliados pela percepção, que esse saber está baseado na experiência e na construção intersubjetiva dos seus moradores. É um saber, que não está ainda impregnado pelo discurso da ciência moderna, pois parte do senso comum. E é tão rico quanto qualquer outro conhecimento considerado científico.

Além disso, um saber mais específico também está sendo analisado aqui. É o saber ambiental dessa população ribeirinha. Para Leff (2007), esse saber conota saberes marginalizados e subjugados pela centralidade do *logos* científico. E faz uma crítica dizendo que as ciências desenvolveram-se, deixando de lado, os seus saberes precursores. Ou seja, aqueles saberes oriundos das observações de simples fenômenos que ocorriam no cotidiano das pessoas. Esses fenômenos tão comuns e tão simplórios por muitas vezes foram ignorados. Diante disso, Merleau-Ponty (1999), mais uma vez faz uma crítica ao *logos* científico, ou seja, ao pensamento objetivo que durante muito tempo ignorou o sujeito dessa percepção. E essa percepção, tal como o sujeito a vive, contradiz tudo o que ele, o pensamento objetivo, diz da percepção geral. Vista a partir do seu interior, a percepção, não deve em nada àquilo que nós sabemos de outro modo sobre o mundo, pois ela se apresenta como uma re-criação ou uma re-constituição do mundo.

Por isso, acredita-se que há um poder nas narrativas dos moradores ribeirinhos. Suas falas são reveladoras, principalmente quando ocorrem de forma espontânea. Além de revelarem as possíveis causas de eventos como este, as enchentes, também podem revelar os sentimentos desses habitantes. Por outra via, talvez fosse muito difícil constatá-los, ou se fossem verificados seriam filtrados, durante as pesquisas. Nesse sentido, as sensações de perda, medo, frustração e abandono são evidentes durante as enchentes. O que podem revelar sobre esse mundo vivido?

Podem revelar as experiências que abrangem as diferentes formas de construção da realidade. Estas maneiras podem variar desde os sentidos mais diretos até a

percepção visual e a maneira indireta de simbolização. Nesses campos as emoções dão um colorido a toda essa experiência. O pensamento também contribui incluindo as sensações primárias de frio e calor, prazer e dor. A sensação aqui é rapidamente qualificada pelo ato de pensar. Por exemplo, o calor é sufocante ou ardente; a dor, aguda ou fraca, é uma provocação irritante, ou uma força brutal (TUAN, 1983). A invasão súbita das águas de um rio torna-se um grande incômodo e geram esses sentimentos, de perda, de dor e de abandono, que vão influenciar a experiências das pessoas sobre o espaço e a maneira como atuam nele.

Certos aspectos da natureza desafiam o controle humano fácil. Formam elementos permanentes no mundo do homem, quer ele queira ou não. Por isso, há uma tendência muito forte do homem de responder, através dos sentimentos, a esses aspectos, a princípio caóticos, tratando-os como sublimes e em outras circunstâncias, como é o caso desse estudo, desagradáveis (TUAN, 1980). Alguns depoimentos desses moradores comprovam essa afirmação:

O sentimento de perda...

“Eu tive que sair com as crianças. Não tem como eu ficar com as crianças dentro de casa. Meu fogão tava quase tampando ele de água. A televisão já entrou água dentro. Minha cama não tem nem lugar pra botar nada. Tá tudo molhado. O guarda-roupa tá cheio d’água” (JACILDA, VILA RICA-CARIACICA, Gazeta Online, 24/11/2008).

“Já perdi tudo... Então não tem mais o que perder. Nessa chuva a gente perde tudo toda a vez que chove”.(MORADOR RIBEIRINHO, Folha Vitória, 30/10/2009).

“Perdi dois guarda-roupas, perdi móveis, perdi afinal de contas tudo que tinha dentro de casa. Porque a água subia, com rapidez ”. (MORADORA, Folha Vitória, 30/10/2009).

“Não tem como nem, ficar dentro de casa. Perdemos tudo dentro de casa. Não tem como entrar mais” (MORADORA, MORADA DE BETHÂNEA, VIANA, Rede Tribuna ES, 15/03/2010).

A partir desses depoimentos, surge mais um desafio para o geógrafo, a descrição. Ou seja, como ir além do simples ato de descrever? Ou o que descrever a partir dessas narrativas? Quanto a isso, Gaston Bachelard (2005) reflete que é preciso superar o problema da descrição – seja ela objetiva ou subjetiva, isto é, quer se refira a fatos ou a impressões – para ele, é preciso tomar essa atitude, para se atingir as virtudes primárias, ou seja, aquelas características que revelam às funções originais do habitar.

Nesse sentido o geógrafo, os etnógrafos podem descrever os diversos tipos de habitação. Mas, o fenomenólogo deve fazer um grande esforço para compreender a partícula original da felicidade central, ou seja, a concha inicial de toda a moradia (BACHELARD, 2005).

Partindo dessa reflexão, é possível analisar os relatos dos moradores ribeirinhos, a partir da seguinte ideia. Boa parte do sentimento de perda aqui, está associado à perda material, como móvel, eletrodomésticos, roupas, ou seja, bens materiais associados ao conforto e às necessidades básicas de sobrevivência. A partir da visão de Bachelard, esses elementos fazem parte do mundo de cada pessoa e estão repletos de identidades pessoais, que geram por sua vez a segurança, que caracteriza o ato de habitar. Esse ato, ou sentimento de habitar um espaço, está também relacionado com o sentimento de espacialidade, proposto por Yi-Fu Tuan (1983), quando afirma que o espaço é mais do que um ponto de vista ou um sentimento complexo e fugaz. É uma condição para a sobrevivência biológica. Mas também é um recurso que traz apreciação cultural, prestígio e poder. Na verdade, é mundialmente um símbolo de prestígio nas sociedades ocidentais. Habitar esse espaço, viver esse espaço, esse lugar, também é uma necessidade psicológica, um requisito social e até mesmo um atributo espiritual.

Nesse caso Tuan (1983) trabalha com a ideia de espacialidade, que representa a sensação de liberdade individual, num mundo tão marcado por restrições, como aquelas principalmente de cunho material. O mundo do ribeirinho é a sua casa, os seus móveis e o seu quintal. Mesmo que sua casa seja simples, mesmo que os seus móveis sejam poucos, mesmo que o seu quintal seja o próprio rio, são elementos que lhe dão o sentimento de pertencimento a esse mundo. Uma espécie de ilusão que lhe confere a ideia de que pelo menos ali, ele pode fazer parte de algo, de uma sociedade, mesmo que no fundo ele saiba que essa sociedade o exclui e o empurra para áreas de risco. “A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade” (BACHELARD, 2005, p.36). Nesse caso fica evidente o poder da casa sobre a visão de mundo dos ribeirinhos.

A perda desses bens caracteriza a perda desse “prestígio social” ou a perda dessa identidade individual. Quando as águas penetram suas moradias, também ocupam “o seu mundo”. Nesse caso o morador ribeirinho se sente, de certa forma,

expropriado do seu próprio mundo e do mundo que o cerca, o mesmo que cria nele (no morador) a necessidade de ter esses bens, para que se sinta incluído na sociedade do consumo.

“A gente trabalhou o mês inteiro, pra pegar salário e pra pagar um objeto para dentro de casa, pra depois perder assim? Já não tenho mais guarda-roupa, Já não tenho mesa. Não tenho mais nada? Vou viver de caixote?” (ÂNGELA MARIA DOS SANTOS, BAIRRO INDUSTRIAL, VIANA A gazeta Online, 31/12/2010).

Guarda-roupa, estante, televisão, geladeira... joguei tudo fora... o aparelho de som que tinha... acabou tudo. Eu tenho testemunha aí. Perdi tudo. Eu fiquei revoltado (DÍDIMO MIRANDA,BAIRRO OPERÁRIO, CARIACICA, A Gazeta Online, 31/12/2010).

“Nossa é péssimo. Perdemos tudo. As famílias desabrigadas, cheio de lamas, A casa toda inundada de barro, bichos, cobras...” (ALESSANDRO SILVA, BAIRRO OPERÁRIO, Gazeta Online, 31/12/2010).

“Sempre é isso aqui. Eu perco tudo já não tinha nada. Acabei de perder as últimas coisas que eu tinha. Tô recuperando algumas coisinhas aqui, com muita luta, muito trabalho... Mas eu não tenho nada... nada... Cês precisavam ter filmado aqui em casa, quando tava cheio de lama, e os trem tudo revirado aí...” (ELZA PAGUNG, BAIRRO OPERÁRIO, Cariacica, A Gazeta Online,17/03/2011).

No momento da enchente, no instante que as águas “invadem” o seu espaço vivido, a sensação de espaciosidade – sensação de liberdade espiritual, a partir de Yi-Fu Tuan – torna-se apinhamento, ou seja, o ambiente passa a restringir sua liberdade privando-o de espaço. Para Tuan (1983) as pessoas, mais do que as coisas, podem provocar essa sensação. Mas os objetos inanimados, por exemplo, o rio, podem também produzir esse efeito, a partir do momento que as pessoas projetam nele características animadas ou humanas. Ou seja, uma espécie de personificação do rio.

Nesse caso a própria mídia contribui bastante para introjetar na natureza qualidades e comportamentos humanos. São representações que geram o sentimento de apinhamento:

“É a chuva que **maltrata. Invade** avenidas.Gente se arriscando para atravessar o que antes era uma rua. Esse trecho mostra de forma bem clara os **estragos causados pela chuva**. Eu estou exatamente em cima de **uma ponte que foi invadida pela água**. Aqui embaixo, passa o rio Formate. Este local é a divisa entre os municípios de Cariacica e Viana.Do lado de lá é Cariacica e do lado cá é Viana. Tem morador ilhado dos dois lados. Eu vou mostrar agora, olha só gente. Isso aqui era **uma praça**.

Completamente tomada. Pelas águas da chuva (GRIFO DO AUTOR, Repórter de A Gazeta Online, 14/03/2011).

Com o intuito de explorar o lado emotivo do fenômeno das chuvas que caíram naquele período, o repórter coloca a natureza aqui, como um *ente* que possui uma vontade e um desejo de fazer o mal. Os verbos “maltrata”, “invade”, evidenciam essa intenção. Atribuindo à natureza, desejos tipicamente humanos, contribuindo para a consolidação do sentimento de apinhamento.

Quanto ao olhar da imprensa, este se reduz a compor quadros. Diferente daqueles que vivenciam o lugar todos os dias. O olhar dos ribeirinhos aqui tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade do seu ambiente. Essa atitude só pode ser expressa com dificuldade e indiretamente através do da tradição local, do conhecimento e do mito. A avaliação da imprensa, considerada aqui como um visitante é na sua essência estética. É a visão de um estranho que julga pela aparência, por algum critério de beleza (TUAN, 1980).

Mas mesmo assim, o morador ribeirinho, “vítima” das enchentes, aproveitando-se do olhar do estranho, enfatiza nas suas declarações as sensações de perda e medo. Acredita na “imparcialidade” da imprensa, a partir dos discursos veiculados na mídia, e crê que por não está vinculada, ou associada aos poderes públicos locais, pode fazer a sua denúncia, sem o risco de se ver censurado.

Se a natureza foi a principal responsável pelos estragos, quem se responsabilizará por arcar com os prejuízos ? Nesse caso, o poder público e a sociedade são convocados, para intervir nessa situação. Há aqui um desejo de que os sentimentos de perda e do medo sejam compartilhados. Há uma busca pelo sentimento de espaciosidade. Há um desejo de recuperar uma forma de se sentir incluído novamente no mundo. Essas ideias estão implícitas em declarações como essas:

“Fazer o quê? Eu perdi tudo que eu tenho. Perdi tudo. Ninguém vai me dar o que eu perdi na minha casa” (**Folha Vitória, 30/10/2009**).

“Ah... eu fico triste né. Eu não tenho nada.Tenho uma casa para dormir. Uma geladeira ali. Só! Uns troços véio ali!” (**Felismina Ferreira, Bairro Vila Rica, Gazeta Online, 14/03/2011**)

“Não aguento mais... Fico com medo quando eu já olho pra lá, que eu vejo o tempo pra lá assim, já me dá até medo, quase não durmo de noite, pensando quando chove, pensando quando vim uma enchente, ela vem invadir minha casa aqui” (**Elza Pagung, bairro operário, Cariacica, A Gazeta Online,17/03/2011**).

É certo que há muitos elementos que podem causar a ideia de apinhamento ou espaciosidade, mas aqui o objetivo principal é analisar como que o rio e o fenômeno das enchentes produzem esses sentimentos nos moradores ribeirinhos. Nesse caso, deve-se levar em consideração que em todas as áreas de risco de enchentes, a espaciosidade só é predominante, devido à noção de lugar dos moradores, que se traduz no apego às relações sociais e pessoas, construídas no dia-a-dia.

Também, devido ao apego ao lugar construído através dos laços de intimidade com ele e com as outras pessoas de forma intersubjetiva, nas áreas próximas ao bairro Marcílio de Noronha, essa sensação espaciosidade também se manifesta a partir do acesso aos serviços, como o comércio, a educação e a saúde oferecidos por esse bairro. Mas quando o tempo meteorológico muda, quando as chuvas aparecem e quando as águas do rio Formate “invadem” os espaços vividos, construídos às suas margens, o que predomina é o sentimento de apinhamento:

“Eu não tenho o que dizer... Como explicar...Porque... A situação é tão desesperador... Eu não sei... Eu sinto tanta, tanta angústia... Saber que ... a gente leva a vida toda para conseguir, e em poucos minutos...” **(Moradora do bairro Industrial, Folha Vitória, 02/11/2009).**

Nesse sentido o grande desafio do poder público é pensar em estratégias, e em políticas públicas, que podem gerar o clima de espaciosidade entre os moradores nessas áreas. Talvez essa medida seja mais eficiente do que aquela de simplesmente retirar dessas áreas, à força, as famílias que moram na região há muitas décadas. Talvez, simplesmente deslocar as famílias para outras áreas, muito distantes, daquelas em que eles construíram sua própria identidade, cause mais o sentimento de apinhamento, gerando outros problemas. Mas esse Poder Público, a partir da visão dos próprios moradores, não é tão visível. Há uma ausência sentida. E a população de certa o desconhece e cobra sua presença. Parece que o Poder Público é visto como um visitante:

“Todo o ano nós enfrenta essa enchente aqui. Todo ano. Aí o pessoal ia fazer, fizeram né? Um conjunto de casa nova em Arlindo Vilaschi, pra ajudar o pessoal do lado aí. Diz que ia limpar o rio... Até hoje não tomara essas providências... Eu moro logo lá na frente ali, minha casa tem um metro de água dentro de casa. Na época dessa a prefeitura não aparece aqui pra ver nada” **(Sebastião Torezani, Vila Bethânea, Viana, A Gazeta Online, 31/12/2010).**

“Nós não temos aqui visita da prefeitura. A defesa civil nos orienta que qualquer problema é ligar... A gente liga e não consegue ser atendido... né... é muita ligação. E o nosso problema aqui não é cesta básica e nem

colchão, nosso problema aqui é que mexam no rio, por que beneficia todo mundo, né. Mas não é beneficiar um... cesta básica a gente come hoje e acabou amanhã” (**Marisete, bairro Morada de Bethânea, Rede Tribuna ES, 15/03/2011**).

A ideia de abandono também é outro elemento que cria a sensação de apinhamento. Nesse sentido, os moradores ribeirinhos se vêem sozinhos, na solução do problema das enchentes. O lugar, para eles, tem um significado forte, mas percebem que este, não tem tanta notoriedade visual. Ou seja, o significado que dão ao lugar que moram, não é compartilhado pelo Poder Público. Revoltam-se quando o seu lugar aparece na mídia por causa de acontecimentos trágicos, como é o caso das enchentes. Isso contribui para a consolidação de uma imagem negativa do lugar. Diferente daquela que os mesmos cultivam através de suas histórias pessoais e coletivas.

Para essas pessoas a sua pátria é como o centro do mundo. Essa concepção de lugar atribui ao lar o valor supremo. Abandoná-lo seria uma atitude extremamente difícil de imaginar. Se chegasse a ocorrer uma destruição, as pessoas de certa forma sentem-se desmoralizadas, porque a destruição do seu povoado implica a ruína do seu próprio cosmo. Porém, mesmo sobre as ruínas, as pessoas têm uma capacidade extraordinária de recuperação (TUAN, 1983).

“Daqui pra frente é lutar com a cara e a coragem e confiar em Deus”
(MORADORA, BAIRRO INDUSTRIAL, Folha Vitória, 30/10/2009).

“Espero que as coisas mudem daqui pra frente e pare de acontecer”
(ÂNGELA MARIA DOS SANTOS, BAIRRO INDUSTRIAL, 31/12/2010)

“Tem que esperar estiar né? Fazer o quê? Tem que ficar na rua esperando. Pra ir pra casa. Tem que ficar sentado ali, né? Perto de casa. Na rua, com as crianças” (ISAURA SILVA, BAIRRO INDUSTRIAL, 14/03/2011).

Diante dessa realidade, emerge um sentimento de esperança. De que algo poderá vir e mudar esse drama. Os próprios ribeirinhos, por meio das associações de moradores, centros comunitários e sindicatos de trabalhadores populares, organizam-se em torno do problema das cheias. Emerge desse meio, uma forma organizada de manifestação, reivindicando uma atenção maior dos poderes públicos para uma solução definitiva. Nasce desse meio a Associação Intermunicipal Ambiental em Defesa do Rio Formate e seus Afluentes (ASIARFA), formada por

representantes de várias associações de moradores, dos bairros atingidos pelas cheias.

3.3 As percepções e representações dos moradores dos movimentos populares ambientais do rio Formate

Há um forte desejo de passar adiante as ideias, os anseios e os sentimentos que os moradores do entorno do rio Formate construíram ao longo do tempo a partir de suas próprias experiências. Claval (2007a) destaca com clareza que a apreensão do mundo e da sociedade é realizada pela mediação dos sentidos, como a audição, a visão e o odor. O indivíduo, nesse caso, o morador ribeirinho, percebe o mundo através dos critérios que recebeu. O seu espaço vivido é enunciado nos termos que eles aprenderam enunciar.

Os depoimentos coletados dos representantes dos moradores ribeirinhos transmitem esses sentimentos. É visível, um forte apego ao passado de um rio Formate que não existe mais. O incômodo do forte odor, provocado pelo esgoto e pelo lixo lançados nas águas; o desejo pelo reconhecimento de suas ações, por parte dos próprios moradores ribeirinhos e do poder público; as dificuldades, os sonhos e as esperanças de uma vida melhor. Enfim uma busca pela identidade individual e coletiva diante das adversidades e dificuldades materiais.

Se há uma pretensão de compreender e interpretar a lógica que está por trás das disposições espaciais que as sociedades estabelecem no mundo, é preciso percorrer a “intimidade” dessas sociedades, através do entendimento que cada indivíduo, particular e coletivamente, dará ao lugar em que vive no cotidiano (NOGUEIRA, 2001).

Captar essa intimidade, exige um certo grau de sensibilidade do pesquisador. Nesse sentido, a observação atenta e a interpretação das narrativas, como métodos para o conhecimento das percepções e das representações desses habitantes, exigem muito cuidado.

Nesse contexto os relatos abaixo transmitem as primeiras impressões sobre o rio Formate:

[...] e hoje a gente não pode nem passar dentro do rio é arriscado pegar microse nos pés, vemos cachorro morto, fugão [...] (DEPOIMENTO Nº 08, Membro da ASIARFA, grifo do autor).

Que ele se encontra muito...Tá se perdendo... né... Tá se perdendo coitado...**É muita poluição**... muitas coisas que tão acontecendo... muitas coisas que jogam dentro do rio...Então eles tão precisando de dá um chega pra lá, nesse negócio aí pra... pra melhorar né. Que essa água aí é muito importante. A água é muito boa. Hoje dia é uma coisa que não pode nem pegar um peixinho que eu acho que nem tem mais, né. (DEPOIMENTO Nº 09, Membro da ASIARFA, grifo do autor).

Tiramos, um **monte de lixo**, de dentro do rio, tiramos carro, **pedaço de carro... até animal morto** nós tiramos dali nesse evento que nós tivemos ali (DEPOIMENTO Nº 15, Membro da ASIARFA, grifo do autor).

É comum aparecer nos depoimentos, o incômodo em relação a situação atual em que o rio Formate se encontra. A poluição – provavelmente resultante do esgoto doméstico – o lixo e os restos de animais mortos são destacados aqui como elementos que causam repúdio. Fica evidente que o rio, não é uma mera ilustração ou composição da paisagem do lugar, é um agente que também interage com a população e que desencadeia atitudes. Essas primeiras impressões demonstram que há sim uma consciência do que está acontecendo. E a imagem mental que se tem acerca dessas impressões iniciais do rio Formate, é a imagem de uma tragédia humana e ambiental.

Araújo (2007), a partir de suas reflexões acerca das ideias de Antonie S. Bailly, destaca que o mundo real e vivido é constituído por tudo aquilo que nos cerca (meio ambiente, tecnologias, paisagens e contextos variados). Essas informações percebidas são filtradas pela visão, pela audição, pela emoção e pela sensação, em função da memória, dos fatores psicológicos, culturais, sociais, econômicos e históricos, formando essa imagem mental. Esta, através dos códigos de comunicações, são filtradas e processadas mais uma vez, para constituírem a expressão da realidade que cada um é capaz de comunicar.

Isso quer dizer que as imagens construídas pelos integrantes dos movimentos ambientais populares, é fruto de vários filtros, e a forma que comunicam suas impressões, sobre o rio, estão ligadas ao seu modo de ser enquanto indivíduo e/ou enquanto indivíduos inserido na coletividade.

Além das condições físicas do rio Formate, os integrantes dos movimentos populares ambientais avaliam também, a postura dos habitantes ribeirinhos, da seguinte forma:

A população joga lixo... não ajuda a gente...gente tira até o sofá lá de dentro... quando a gente vai falar pra eles, eles davam resposta a gente, e nós tamo nessa luta para ver se alguém ajuda ...a vim ver o rio... e porque o rio tá morrendo (DEPOIMENTO N° 16, Membro da ASIARFA, grifo do autor).

A situação tá degrada, lixo na rua, lixo no rio. Nós estamos vendo ali, lixo pet aqui, obstruindo a passagem da água... **No começo parecia...uma coisa... um grupo de sonhador... Ah... o pessoal, ninguém não dava muita bola pra gente, fazem encontro, era aquela coisa mais folclórica, parece... as pessoas não davam muito valor pra gente. Mas de uns três anos pra cá...a água passou a invadir a casa das pessoas, aí as pessoas passaram a dá valor a quem fala sobre o meio ambiente.** (DEPOIMENTO N° 12, Membro da ASIARFA, grifo do autor).

Nesse sentido, a população ribeirinha aparece aqui como um agente prejudicial ao rio Formate e que não reconhece às ações dos movimentos populares ambientais. É nesse ponto que se revela uma espécie de ruptura entre os ribeirinhos e os integrantes dos movimentos populares. Até que ponto os seus integrantes de fato representam os moradores ribeirinhos? Será que existe uma identidade coletiva entre todas as pessoas que vivem no entorno do rio Formate? Para começar a solucionar essas questões, cabe aqui refletir um pouco sobre a construção da identidade do grupo, da comunidade e da noção de bairro entre as pessoas.

Na concepção de Mayol (2005), o bairro corresponde a um lugar onde há uma espécie de “engajamento” social. Configura-se numa arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão associados aos habitantes por conveniência. Talvez esta seja a ideia principal que ajuda na formação de um bairro ou de uma comunidade. Essa conveniência representa um nível de compromisso pelo qual cada pessoa renuncia parte das suas vontades individuais, para contribuir coletivamente. Assim, cada habitante do bairro torna-se um parceiro de um contrato social que ele mesmo se obriga a respeitar em nome de uma possível vida cotidiana.

Nessa reflexão Mayol (2005) destaca a formação de uma comunidade por membros que não possuem grau de parentesco entre si. Diferente da concepção de Claval (2007a), que considera também que a comunidade de base pode ser construída a partir de laços sanguíneos e de uma aliança que unem os membros de uma mesma família.

Mas a ideia de família aqui não precisa ser necessariamente, relacionada com as ligações de sangue. O sentimento do lugar como patrimônio comum, onde todos freqüentam as mesmas ruas, os mesmos estabelecimentos comerciais, as mesmas escolas e onde a maioria poderá ser enterrada no mesmo cemitério, criam o sentimento familiar no lugar e que consolida de certa forma o bairro ou a comunidade (MAYOL, 2005).

Nesse sentido Claval (2007a) e Mayol (2005), concordam entre si, quando afirmam que o bairro é por definição quase um ambiente social que se consolida através da prática cultural dos seus habitantes. Essa prática permite o usuário assumir o seu lugar na rede de relações inscritas no seu ambiente. Esse habitante, para poder viver, deve assimilar os códigos impostos pelo urbanismo, pelos desníveis sociais. Porém, isso não representa um obstáculo, pois ele sempre consegue encontrar meios para tornar os itinerários e os espaços desse bairro como um lugar de aconchego. O simples fato de sair de casa e andar na rua é o mesmo que efetuar um ato cultural. As relações que o indivíduo vai construindo com o meio e com as outras pessoas, gera uma identidade que para Claval (2007a) é individual e coletiva de uma só vez.

Portanto, como explicar essa ruptura entre o morador ribeirinho e os representantes dos movimentos ambientais populares? A resposta reside, também na pluralidade que caracteriza os membros da ASIARFA.

[...] uma entidade organizada, com o apoio de 14 bairros, sendo oito de Cariacica e 6 de Viana [...]temos uma parceria com as associações de Morada de Bethânea, Grupo NOSSO AMBIENTE de Vila Bethânea, os companheiros da associação de Vila Rica, os companheiros do bairro Operário, os companheiros de Novo Horizonte, de Vista Dourada, e Vale dos Reis e os companheiros aqui de Marcílio de Noronha... né... A comunidade de São Pedro... que onde nós estamos fazendo essa plenária...são parceiros junto com a comunidade de Marcílio III... e em parceria com todas as entidades... a ORMOPE, a FAMOC, a FAMOPES, ASSIM COMO A FEMOPOV. (DEPOIMENTO Nº 17, Membro da ASIARFA).

A ASIARFA é formada por membros que fazem parte das associações de vários bairros, que se localizam no entorno do rio Formate, e de membros que participam de outras entidades organizadas. O universo de saberes, de pontos de vistas e de pensamentos, é múltiplo e marcado por uma grande complexidade. São realidades diferentes entre si. Mesmo que o interesse, ou a bandeira de luta, como é definida por eles mesmos, seja uma só, há aí uma pluralidade de mundos vividos.

Conforme foi refletido, nos parágrafos anteriores, é possível que essa característica da ASIARFA, seja um obstáculo para a legitimação de suas ações perante os moradores ribeirinhos, que também na sua essência, por estarem pulverizados em vários bairros de Cariacica e Viana, são plurais.

[...]Para isso, vários projetos, várias ações e atividades que foram desenvolvidas ao longo desses vinte anos e isso contribuiu , e tem contribuído, para que a ASIARFA, se legitime perante as pessoas que vivem no entorno da bacia do rio Formate e obviamente, pelo rio Formate e seus afluentes. Construir esses dez anos... ASIARFA, na sua história ... se legitimar a ASIARFA nas suas ações políticas em comunidade é algo que tem que ser ao máximo possível (DEPOIMENTO Nº 05, Membro da ASIARFA).

A legitimidade das ações da ASIARFA, pelas comunidades ribeirinhas, talvez seja o maior desafio a ser vencido por seus membros. Marandola Jr. e Mello (2009), contribuem bastante com essa questão, quando refletem sobre o grau de envolvimento das pessoas, a partir dos conceitos de identidade e autenticidade, proteção e compromisso, a partir dos estudos de Edward Relph, Yi-Fu Tuan e Anne Buttner.

Resgatando um pouco o sentido fenomenológico do lugar, de acordo como foi apresentado no capítulo II desse trabalho, pode-se conceituá-lo como a menor célula espacial, na escala do corpo, que se relaciona com a casa, o confinamento, a proteção e a identidade. Essa noção de lugar perpassa os níveis individuais e coletivos, em diversas escalas espaciais no âmbito dos fenômenos físicos, sociais e identitários (MARANDOLA; MELLO, 2009).

O poder público tem a capacidade de criar e produzir os lugares. Mas quando essa produção do espaço, gera descontinuidades em relação a historicidade da comunidade, há uma ruptura com a relação orgânica da produção da cidade e de construção de lugares. Isso gera uma atitude inautêntica, que se manifesta pela não preocupação com o sentido do lugar. A partir dessa produção de espaço, Edward Relph desenvolve os conceitos de *placeless* e *placelessness*. O primeiro, está associado aos processos de renovação e construção do espaço urbano capazes de gerar o desconforto da comunidade. O segundo representa a não relação das pessoas, da comunidade ou da cidade com a aquele lugar, ou seja, trata-se aí de uma relação inautêntica (MARANDOLA & MELLO, 2009).

A partir desses conceitos, pode-se identificar vários elementos resultantes da ação dos poderes locais que geram *placeless* e *placelessness*, como a construção da estrada Sudoeste-leste que liga Cariacica e Viana; as propostas de dragagem do canal fluvial do rio Formate, como uma das ações provenientes das obras do Programa de Aceleração para o Crescimento (PAC), do governo federal e os projetos de urbanização das margens sul do rio Formate proposto pelas prefeituras de Cariacica e Viana; a desapropriação dos terrenos, que margeiam o leito do rio Formate e a transferência da população mais carente para o conjunto residencial de casas populares Arlindo Vilaschi entre Morada de Bethânea e Vila Bethânea. Vale ressaltar que esse conjunto fica em uma área distante dos locais que suas populações originariamente desenvolveram suas relações de intimidade. Nos depoimentos é visível o desconforto desses moradores.

Imagine só! Eu chegar para as minhas crianças e dizer para elas... Filhos a partir de amanhã nós vamos ter que mudar para outra casa, viu? Cês vão ficar longe dos amiguinhos, da escola, dos seus priminhos... Eles vão ficar muito triste... eu não vou querer isso! Aqui é perto de tudo... de supermercado, de posto de saúde, de farmácia, de igreja, de escola... Esse pessoal quer que eu saia daqui pra um lugar que eu nem conheço! (DONA CLEUNICE, Moradora ribeirinha, Marcílio de Noronha, 2010).

Marandola & Mello (2009) afirmam que Anne Buttimer traz para o debate os conceitos de *insider* e *outsider*. Onde o primeiro se refere ao ponto de vista do residente que experiencia o lugar e o segundo, refere-se ao ponto de vista do observador que não têm uma vivência direta com o lugar. A partir desses conceitos, Anne Buttimer desenvolve os conceitos de lar (*home*) e o de horizontes de alcance (*horizons of reach*). Os horizontes de alcance permitem que se pense na associação da experiência dos lugares com as diferentes ordens de grandeza de envolvimentos das pessoas. Isto é, do mais imediato, a partir da casa, passando pela comunidade, pelo bairro, cidade, região, país, cultura, etnia até o globo. Ela salienta que nem todas as pessoas vivem os mesmo horizontes de alcance, alguns têm perspectivas mais limitadas e outros mais amplas.

Esses dois conceitos ajudam a compreender o significado dessa ruptura de pontos de vistas entre os integrantes dos movimentos ambientais populares e os povos ribeirinhos do rio Formate, mencionada anteriormente nesse trabalho. A dimensão que ambos possuem do mesmo rio e o seu papel são muito diferentes entre si, pois os primeiros possuem um modo de ver mais amplo, que ultrapassa os limites

territoriais dos bairros. Diferente dos segundos, que possuem uma ideia de lugar mais limitada e circunscrita pelas fronteiras da sua casa, rua ou bairro. São dois modos de ver uma mesma realidade, como o fenômeno das enchentes, que se conflituam nos debates realizados nas plenárias. Outro ponto de vista que pode ser acrescentado nesse cenário, é o do poder público materializado nas ações das prefeituras de Cariacica e Viana. Essas instituições podem ser comparadas ao *outsider* que pode considerar inautênticos lugares com os quais os *insiders*, a população residente nas áreas de risco de inundação, mantêm relações orgânicas.

Essa dissociação entre o *insider* e *outsider*, influenciarão diretamente a participação popular, provocando um desgaste político do comprometimento, tornando as ideias de proteção coletivos cada vez mais reduzidos. E é no plano fenomenológico e ontológico que a identidade serve de medida conceitual da noção de lugar. Esse lugar precisa de uma comunidade, ou de um bairro, para se consolidar como tal. Pois é dessa forma que as ações e as participações poderão ser estabelecidas. Sem esse envolvimento não há nem mesmo comunidade (MARANDOLA JR.; MELLO, 2009).

O *placelessness* pode afetar a identidade e o bem-estar da população, permitindo a produção do espaço de forma insurgente a partir dos interesses do grande capital, descaracterização as cidades tornando-as inautênticas, reduzindo a mobilização da população, que sem essa relação de afetividade e autenticidade com os espaços criados não se sente apegada ou responsável por eles (MARANDOLA JR.; MELLO, 2009).

A vida social efetiva e plena fundamenta-se nas organizações hierárquicas e institucionalizadas. Implica igualmente que os parceiros sintam-se pertencentes a um mesmo conjunto pelo qual cada um se sinta responsável e solidário, tomando de forma afetiva, a comunidade (CLAVAL, 2007a).

Foi possível constatar na maioria dos depoimentos a necessidade de um resgate da memória do rio Formate. A memória do rio, de algumas décadas atrás, vem à tona e revela uma espécie de desejo pela recuperação da identidade do rio Formate, como um elemento constituinte da vida das pessoas e do lugar.

[...]O rio Formate é um rio que **na década de 80, nós enquanto moradores tomávamos banho no rio**, porque a água era uma água que ainda podia ser utilizada. Onde **os moradores, as mulheres lavavam as roupas** e as pessoas tomavam banho [...] (GRIFO DO AUTOR, DEPOIMENTO 02, MEMBRO DA ASARFA).

O rio Formate aqui é apresentado, pelas narrativas, como mais um elemento espacializante da memória individual e de um grupo. Com certa dose de nostalgia, as lembranças de momentos do cotidiano dessas pessoas, vêm à tona. O rio é uma espécie de repositório de lembranças que foram esquecidas ou ignoradas por alguns moradores ribeirinhos, principalmente os que pertencem a uma nova geração.

Eu sou artesão, trabalho na área de artes, empenhado com a ASARFA há 14 anos mais ou menos, empenhado na luta contra... a favor do meio ambiente, porque **o rio Formate... eu conheci em 1987... dava pra gente beber a água desse rio** [...] (GRIFO DO AUTOR, DEPOIMENTO 08, MEMBRO DA ASARFA).

Esse rio pode ser visto como um dos cantos de uma casa. Onde nela reside um grande número de lembranças guardadas. Essa casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, para as lembranças e para os sonhos de um homem. É pelo espaço, é no espaço, que se encontram os fósseis mais belos, cuja duração foi consolidada por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais (BACHELARD, 2005).

Parece que é no rio Formate que reside o inconsciente de cada indivíduo. É nele que habitam as lembranças e os sonhos daqueles que o circundam.

[...] **há quarenta e quatro anos, e por várias vezes pesquei e tomei banho nesse rio... oh pra mim eu sou saudosista, de ter de falar isso aí. Eu gostaria que fizesse esse trabalho de imediato, pra que os jovens, os jovens e as crianças pudessem novamente... a pescar nesse rio, como era onde encontramos nesse rio Formate, se é que nós podemos chamar de rio** [...] (GRIFOS DO AUTOR, DEPOIMENTO 14, MEMBRO DA ASARFA).

Cabe aqui uma breve reflexão sobre o poder das memórias na constituição e consolidação das representações e das percepções relacionadas ao rio Formate. Claval (2007a) destaca que quando as ações humanas não são mais fundamentadas diretamente sobre o instinto, mas sobre o instinto contextualizado, normatizado e coordenado pela cultura, supõe-se que há aí uma memorização de esquemas de condutas, atitudes, práticas e conhecimentos. Dessa forma, a memória aparece rica em uma grande multiplicidade de facetas. Ele ainda identifica dois tipos de memórias, uma chamada de memória subjetiva e a outra chamada de

memória objetiva. A primeira é formada pelos reflexos, gestos, comportamentos, palavras e imagens que foram adquiridas de forma não verbalizada ao longo de gerações. A segunda está inscrita, nos utensílios, nas casas, nas paisagens, nas ruas, pois foram pensados e construídos para usos que foram condicionados pelo grupo social. Ambas se complementam. Nenhuma anula a importância da outra. Além disso, vale destacar ainda, que a memória se objetiva de fato com a chegada da escrita, do desenho, da pintura e dos meios de reprodução no espaço. Na modernidade, essa consolidação da memória se dá ainda através das novas tecnologias que possibilitam a sua difusão no mundo em qualquer distância e no menor tempo possível.

Bachelard (2005) afirma ainda que transcendendo as lembranças, a casa natal está fisicamente inserida nas pessoas e ainda compõe um grupo de hábitos orgânicos. Para que se possa experimentar o apego que se sente pela casa natal nas pessoas, é preciso sonhar, pois ele constitui o mais poderoso dos pensamentos. São os poderes do inconsciente que fixam as lembranças mais distantes.

Essas memórias são frutos de gestos, práticas e ideais que ainda sobrevivem no pensamento daqueles que viveram o rio daquela época. Mas, há indícios de que elas não foram repassadas para as novas gerações da região. Diante de tal realidade, vale concluir aqui que a busca pela preservação do rio é também a busca pelas memórias de tempos bucólicos, que ficaram para trás. Isso representa o desejo do retorno às identidades culturais, de tempos de outrora. Essas lembranças geram o sentimento de espaciosidade, de autenticidade e o desejo por um retorno às antigas relações sociais e culturais, que foram talvez suplantadas pelos novos paradigmas que coordenam os padrões de habitação, implícitos nas obras de urbanização que aos poucos estão chegando na região.

O rio, nesse presente estudo, que antes dava conta de uma forma de vida transitória, ainda campestre, hoje, tornou-se um obstáculo para as novas maneiras de viver. É por isso que o ato de preservar o rio está muito além da ideia de conservação da qualidade de suas águas, das matas ciliares e dos seus mananciais. Essa preservação representa, na verdade, a conservação de uma cultura que aos poucos vem sendo esquecida pelas novas gerações do lugar.

A ASIARFA desenvolve desde o ano de 2000 várias estratégias para envolver a comunidade, como palestras gratuitas nas escolas, igrejas e associações de moradores:

A Asiarfa é uma entidade que eu vejo de fundamental importância para nós moradores da Grande Vitória. Porque a Asiarfa ela tem uma filosofia muito interessante. **É uma entidade que desperta na população a consciência do quanto é importante a gente preservar a natureza**, porque é a partir daí que todo o nosso segmento, pode se desenvolver de uma melhor forma. Então hoje a Asiarfa, eu diria que **é uma entidade indispensável para a nossa sobrevivência. Além das palestras de conscientização a Asiarfa é ativa na luta pela melhoria, em defesa da despoluição, do rio Formate**. Todos os membros voluntários, participantes da Asiarfa são incansáveis lutadores na defesa dessa despoluição e na manutenção, de melhor qualidade de vida, para todos os moradores aqui dessa região (DEPOIMENTO Nº 01, Membro da Asiarfa, Grifo do autor).

Realiza manifestações nas ruas, como atos públicos e passeatas:

Acho que é muito importante, a preservação do rio Formate. **É uma campanha que vem de muitos anos, então a gente luta muito para preservar, envolver o público, a sociedade**. E eu quando fui o líder, quando era o bairro Marcílio de Noronha, moro perto do rio, mais ou menos perto, né...Então a gente vem lutando... e **dependendo da gente, dos moradores, quando tiver as reuniões, preservações, campanhas, passeatas... Nós estamos à disposição e vamos fazer de tudo pra preservar o rio e atender mais as pessoas que moram perto e fazer o melhor para todos**. Seria isso. (DEPOIMENTO Nº 13, Membro da Asiarfa, Grifo do autor).

Desenvolve trabalhos de educação ambiental e caminhadas ecológicas:

E nós somos parceiros da ASIARFA em ações ambientais, desenvolvemos vários **trabalhos de educação ambiental junto com as comunidades, caminhadas ecológicas** (DEPOIMENTO Nº 07, Membro do Grupo NOSSO AMBIENTE, parceiro da ASIARFA).

O grupo ecológico NOSSO AMBIENTE, que é um grupo que não tem poder pra fazer muita coisa... Agora **educa as crianças**, que eu acho através das criança, que você vai consegui, eu acho que melhorar, a qualidade de vida pra gente e pro futuro né, o futuro é a criança que vem aí... Então é isso... a gente trabalha muito em cima da criança... o dia da criança... o dia nacional do meio ambiente... a gente sempre ta trazendo um trabalho em cima disso... focado em educar a criança... pra preservar o meio ambiente (DEPOIMENTO Nº 12, Membro do grupo NOSSO AMBIENTE, parceiro da ASIARFA).

Aí gente fez um trabalho, umas caminhadas ao rio Formate até lá por lado de... pra cima do rio Formate... **Nós chegamos até lá**, nessa época... tava o João Neto com a família dele, e nós fomos até lá no final do rio... **onde que era a nascente...(..)** **Aí juntamos os alunos da escola Theodomiro, de Novo Brasil, de Vale dos Reis, aonde nós fizemos até uma gincana, quem tirasse mais lixo do rio, ganhava até um troféu**. E daí pra frente nós começamos a se unir...(..) (DEPOIMENTO Nº 15, Membro da ASIARFA, grifo do autor).

Todas essas ações refletem a dinâmica e a complexidade do envolvimento dos adeptos dos movimentos ambientais populares, na tentativa de solucionar os problemas das enchentes e, além disso, de resgatar a identidade do lugar, a partir da recuperação do rio e alcançar a legitimidade perante aos próprios moradores ribeirinhos. A concepção de lugar para eles tem uma dimensão também coletiva, relacionada com as relações históricas que a comunidade determina e delimita no espaço. Monumentos, ruas, edifícios, parques e especialmente rios podem constituir lugares, relacionados à historicidade, à memória e à identidade de determinado grupo de pessoas. São experiências históricas que são divididas entre os seus membros, através da religiosidade e através dos fatos (MARANDOLA JR.; MELLO, 2009).

Essas atitudes podem ser justificadas através da ideia de que os homens são inventivos. São capazes de reagir aos novos desafios, que são impostos pelo meio físico ou pela vida social, melhorando suas maneiras de agir através do aprimoramento das técnicas. Modificam suas práticas, criticam os velhos valores e adotam os novos. A dificuldade de muitos grupos humanos, não é proveniente da falta de imaginação, mas do freio constituído pelas normas, hábitos e instituições atuantes. No momento, quando há uma catástrofe de origem humana, as autoridades não se mostram à altura da situação. É assim que o prestígio dessas instituições fica abalado pela sua ineficácia ou pelo seu relaxamento (CLAVAL, 2007a).

O surgimento da ASIARFA é o resultado de uma espécie de crise que cerca as instituições públicas que deveriam se fazer presentes, nas situações de tragédias, como é o caso das enchentes do rio Formate. Mas que também deveriam estar presentes antes de forma preventiva. Para tanto, seria necessário que o planejamento territorial levasse em conta todas essas constatações que foram apresentadas até agora, sobre a noção do lugar e acerca da construção das identidades locais, oriundas das experiências daqueles que moram às margens do rio Formate.

Esse enfraquecimento das formas de enquadramento territorial, construído pelas sociedades, é uma premissa indispensável às mutações de mentalidades e à reestruturação sociocultural dos grupos humanos, porém as mudanças de fato só

ocorrerão se o questionamento for geral e não de um pequeno grupo (CLAVAL, 2007a).

É preciso que a população se reapropriar do espaço físico e simbólico da cidade, estabelecendo compromissos e pactos sociais e individuais que permitam que a cidade se reconstrua, com o propósito de alcançar a democracia participativa baseada na sintonia entre a governabilidade (Estado) e habitabilidade (sociedade) (MARANDOLA; MELLO, 2009).

Dentre os depoimentos apresentados, alguns chamam a atenção para a necessidade de se colocar nos cargos técnicos, ligados ao meio ambiente, pessoas qualificadas e que tenham a capacidade de ouvir os moradores e as entidades organizadas da região do rio Formate. Isso merece uma reflexão sobre o papel do estado ou do município nesse processo.

Gostaria que a administração pública de Viana, colocasse pessoas como secretário bem qualificado, para ver o lado dos moradores e da sociedade, para que se desenvolvesse um trabalho adequado que desenvolvesse o meio ambiente em nosso município (DEPOIMENTO Nº 03, Membro da ASIARFA).

Grande parte das mudanças socioespaciais e ambientais, registradas na história mais recente da humanidade, não ocorrem a partir do contexto em que as pessoas vivem ou decidem. Vive-se num mundo onde as ações sobre o espaço geográfico, ocorrem a partir de progressos globais e a partir da mundialização da economia, principalmente aqueles ligados aos interesses do mercado mundial para a reprodução do capital local e/ou regional onde o Estado e as organizações empresariais privadas são os principais agentes dessa transformação. As mudanças provenientes dos processos de produção do espaço geográfico acontecem porque o capital e o jogo do mercado, impõem interesses que são quase sempre relacionados a sua reprodução, dentro das empresas, do estado e até do próprio espaço geográfico. O capital se impõe aí de forma desigual sobre os menos organizados (ARAÚJO, 2007).

Portanto, a escolha de quem vai ocupar os cargos de confiança de uma administração pública, e no caso específico, das secretarias de meio ambiente, é o resultado de um debate político que leva em consideração esses interesses. Dessa

forma, o fato do poder público, não se colocar à disposição em ouvir as comunidades atingidas pelas enchentes, é um sintoma dessa lógica comandada pelo capital.

Muitas vezes também, as percepções que deveriam ser usadas como referências, como o primeiro passo para uma pré-compreensão dos interesses, das emoções, dos desejos dos indivíduos-sujeito pesquisados são apropriadas pelos discursos técnicos-científicos das empresas, da universidade e/ou estado. Nesse sentido, os discursos acadêmicos deveriam se colocar a serviço das camadas da sociedade menos organizada e mais fragilizada, com o propósito de possibilitar de fato, uma emancipação político-cidadã (ARAÚJO, 2007).

Apesar de tudo isso, os movimentos ambientais populares, não consideram essas atitudes como obstáculos. E é por isso que consideram o seu trabalho sinônimo de uma luta desigual. E mesmo diante dessa realidade se colocam à disposição para servirem de fiscalizadores do poder público, colocam-se na posição de cobrar ações que atendam aos seus interesses.

E essa verba de R\$11 milhões para Cariacica e R\$ 13 milhões para Viana, foi conquistada pela ASIARFA e outras parcerias ambientais. Queremos também que a população tanto cariaciquense, quanto vianense fiscalize essas obras. Que o poder público, cumpra o seu papel, porque afinal isso não seria nem um favor ... já tem embutido todas as nossas contribuições. (DEPOIMENTO Nº 10, Membro da ASIARFA).

Nós queríamos inclusive tá lembrando que pelo município de Cariacica, na última plenária do plano plurianual, nós conquistamos lá... foi aprovado naquela plenária, pra que o município de Cariacica, **implementar um projeto de monitoramento ao longo do rio Formate, um Centro de Educação Ambiental...** a implantação de um **parque temático**, ficou de se definir a região entre o bairro operário e Novo Brasil, ou Roda d'água, e também como prioridade da ASIARFA, ficou definido, da gente... **na renovação das licenças ambientais, na concessão que os municípios de Cariacica e Viana faz, junto a CESAN, que seja precedida de audiência pública, pra determinar, as obrigações da Cesan junto as comunidades que é atendida por ela.** Então é muito interessante que a gente... e a gente tá cobrando, **cópia digital desses programas... né... do PAC.** Por que todas essas verbas que nó já falamos, foi viabilizada em parceria, com a nossa entidade e com a pressão da sociedade civil organizada. Todo esse trabalho nosso... **tem como objetivo a revitalização do rio Formate, ou seja, revitalizar o rio, trazer dignidade, melhor qualidade de vida, pra população de Cariacica e Viana nessa região, é uma meta que nós vamos continuar lutando até realmente se transformar em realidade.** (JOÃO NETO, Membro da ASIARFA).

A capacidade de resistir aos choques culturais e a atitude de enfrentar novas situações são geralmente mais intensas nos grupos onde os indivíduos são pessoas capazes de reagir de maneira independente, mas em conformidade com os ideais da sociedade. A coletividade resiste assim às pressões a que é submetida, principalmente aquelas associadas aos interesses do capital (CLAVAL, 2007a). Essa postura de cobrar das autoridades mais transparência nos processos de licenciamento ambiental, de querer fiscalizar as ações dos municípios com o uso da verba federal, de cobrar o acesso aos projetos que serão realizados na região de estudo, são evidências da postura e do desejo de fazer parte das decisões. São indícios do desejo de tornar real a autenticidade do lugar, onde as famílias ribeirinhas moram e atuam.

Acerca do mundo vivido dos movimentos ambientais populares, do rio Formate, cabem as palavras de Claval (2007a) quando afirma que há sempre pessoas para questionar as ideias recebidas. Há sempre pessoas capazes de sugerir novas regras, de criar novas formas de viver o mundo. Alguns desses indivíduos são capazes de mudar profundamente o estilo e a base cultural que compartilham, mas suas mensagens só encontram um eco favorável quando correspondem às inquietudes latentes da população ribeirinha. Podem solucionar as dificuldades que as pessoas experimentam como tais. Esse homem inovador é frequentemente um intérprete da sociedade. Isto não tira em nada seu mérito por compreender o que os outros sentem sem conseguir exprimi-lo.

Nesse sentido, a abordagem humanista cultural, vem contribuir para o desvelamento dessas visões de mundo, escondidas e implícitas nas narrativas espontâneas de pessoas simples, cujos saberes, nasceram do próprio mundo cotidiano. A postura ética da geografia humanista cultural se aproxima da capacidade de dar voz aos sons e aos desejos dos mais simples. Interpretá-los é tarefa nobre que exige sensibilidade do pesquisador, mas não é impossível.

Seus ideais, suas atitudes para com o meio, podem ser encarados como imagens poéticas, criadas pela própria vivência do ser com a natureza. Nesse caso, a fenomenologia, base da abordagem humanista cultural, possibilita a reconstituição das imagens e das suas forças transubjetivas (BACHELARD, 2005). A ideia de transubjetividade aqui está associada à capacidade de transcender as

subjetividades individuais construídas pela intersubjetividade entre os personagens que experienciam o rio Formate.

De uma enchente a outra, resta um sentimento: a certeza de que dias melhores virão. Fica a esperança de que uma nova etapa de vida se inicia, pois para entre aqueles, que vivenciam suas enchentes de que “é tempo de pescar, plantar e colher, de abastecer a cidade. De extrair madeira para levantar o que a ‘água derrubou’ ou levou (casa, galinheiro, chiqueiro). Quando o rio desce, aos poucos se esquece o ‘estrageo’, não se olha para trás, as histórias do que aconteceu naquela cheia servem para que eles se preparem melhor para a próxima [...] (NOGUEIRA, 2001, p. 133).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais

A partir das articulações dos capítulos, a ideia principal foi mostrar que na história do pensamento geográfico, as abordagens culturais e humanistas sempre estiveram presentes. Mesmo que, em determinados períodos, elas não fossem consideradas como uma perspectiva da geografia.

Isso revela que a ciência geográfica é múltipla na sua essência, uma característica que as outras ciências não possuem. Para os críticos, isso constitui uma evidência da falta de autenticidade, mas o que é essa autenticidade? Autêntico para quem e para quê? São questionamentos que estão há muito tempo ultrapassados, principalmente quando se observa a grande quantidade de conhecimentos que foram produzidos pela geografia e que ainda servem de sustentação para as outras ciências.

Os vestígios da humanidade pré-histórica, das civilizações da antiguidade e suas heranças culturais, que resistiram os séculos, estão presentes nas atitudes de cada indivíduo para com o meio. Não apenas o meio natural em si, mas o meio visto numa dimensão social, cultural, política, jurídica e econômica.

A geografia, a partir do que foi exposto nos capítulos anteriores, demonstrou empenho em compreender esse mundo tão dinâmico e tão complexo. Todas as abordagens que se constituíram e ainda sustentam o arcabouço teórico da geografia não surgiram para se substituírem. Vieram para se complementarem, para que o geógrafo seja capaz de dar conta das múltiplas faces da natureza do planeta e da natureza do homem, indivíduo ou social.

No entanto, para a natureza do objeto de estudo dessa pesquisa, os aspectos quantitativos por si só, não seriam suficientes para compreender a riqueza das relações humanas, que se construíram às margens do rio Formate. São saberes que foram construídos por pessoas simples, submetidas às dificuldades financeiras e pela falta de recursos materiais. Saberes que por muito tempo foram ignorados por muitas ciências ou que foram relegados a segundo plano pelo discurso político e econômico.

Diante disso, o presente trabalho não tem a pretensão de dar plena voz a esses saberes ou de esgotar todas as reflexões acerca desse tema. Esse trabalho, assim como foi mencionado nos capítulos anteriores, tem o propósito de tentar estabelecer alguns critérios que permitam compreender a lógica, ou quase chegar a essência das relações entre as comunidades e o rio Formate.

Desses povos, a partir dos trabalhos de campo, foi possível visualizar através dos discursos dos mesmos, uma espécie de divisão, ou seja, de uma linha tênue entre os seus possíveis representantes nos movimentos ambientais populares e os moradores ribeirinhos. Duas visões de mundo, que emergiram desse cenário, e que ora se conflituam, ora se coadunam, com o propósito de melhorar, a partir de suas visões de mundo, o lugar onde moram.

Nesse contexto, a mídia local e os poderes públicos, de certa forma se comportam como agentes externos, com o olhar de um visitante recém-chegado, e que não possui a visão daqueles que vivenciam o rio Formate todos os dias. De que não enxergam beleza onde há, aparentemente, somente tristeza. Há vida nesses lugares. Vidas pensantes, vidas que existem.

É assim, a partir das narrativas, que se forma o mundo vivido dos povos ribeirinhos do Formate. Foi possível através delas, sob à luz dos teóricos da geografia humanista cultural, compreender parte desse mundo. Mas muito ainda deve ser feito a respeito. Por exemplo, um estudo mais detalhado e mais profundo sobre a participação popular nessa região. Que desdobramentos essa participação popular poderia gerar, na reprodução dos espaços no entorno do rio Formate. Qual seria a perspectiva de futuro, para os processos ligados ao planejamento urbano nessas áreas? Que intervenções deveriam ser realizadas nessas áreas a fim de promover a sensação de espacialidade e bem-estar dessa população? Como se processa especulação imobiliária nesses espaços e na vida dos ribeirinhos?

São questões que poderiam resultar em bons trabalhos geográficos e que poderiam servir de base para a consolidação dos territórios e a mitigação dos impactos negativos provocados pelas enchentes do rio Formate, ou em outros lugares com

problemas semelhantes a este.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Maria Luiza Grossi. **Ciência, fenomenologia e hermenêutica: diálogos da geografia para os saberes emancipatórios**. – 2007. Tese de doutorado em geografia – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto Geociências, 2007.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A pluralidade da Geografia e a Necessidade das Abordagens Culturais. In.: KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Syllvio Fausto. **Da Percepção & Cognição à Representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. – São Paulo: Terceira Margem; Curitiba:NEER, 2007.

ARCHELA, Rosely Sampaio; GRATÃO, Lucia Helena B. ; TROTDORF, Maria A. S.. O Lugar dos Mapas Mentais na Representação do Lugar. **Geografia**, Londrina, Volume 13, nº 01, Jan/Jun. p. 127-141, 2004

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.

BUTTIMER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In.: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da Geografia**.—São Paulo:DIFEL, 1985.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Husserl: Coleção os pensadores**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.

CLAVAL, PAUL. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In.: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

_____. **História da geografia**. Lisboa, Portugal: Ed. 70, 2006.

_____. **A Geografia Cultural**.3ª ed. Florianópolis,SC:Editora da UFSC, 2007a.

_____.A Contribuição Francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. In.: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL,Zeny.**Introdução à Geografia Cultural**. – Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2007b.

_____. Uma, ou algumas, abordage(ns) cultural(is) na geografia humana?.In.: SERPA, Angelo (org.). **Espaços Culturais: Vivências, imaginações e representações**.Salvador: Ed. UFBA, p.15- 29, 2008.

COELHO NETTO, Ana L. Hidrologia de Encosta na Interface com a Geomorfologia. In.: CUNHA, Sandra Baptista da. Geomorfologia Fluvial. In.: GUERRA, Antonio José Teixeira (orgs.). **Geomorfologia: Atualização de Bases e Conceitos**. – 8ª edição. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 93-144, 2008.

COELHO, Maria Célia Nunes. Impactos ambientais em áreas urbanas – Teorias, Conceitos e Métodos de Pesquisa. In: GUERRA, Antonio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista (Org.). **Impactos ambientais urbanos no Brasil**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, P. 19-45, 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia Cultural: Introduzindo a Temática, os Textos e uma agenda. In.: **Introdução à Geografia Cultural**. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. In.: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; _____. **Geografia: conceitos e temas** – 10ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2007.

CRUZ, Edimundo Almeida da. **Diagnóstico de Susceptibilidade a Enchentes na Sub-Bacia do Rio Formate-Es**. 2004. 82 f. Monografia (bacharelado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

CUNHA, Sandra Baptista da; GUERRA, Antônio José Teixeira. Degradação ambiental. In.: ____; _____ (orgs.). **Geomorfologia e Meio Ambiente**. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.337-379, 2004.

CUNHA, Sandra Baptista da. Geomorfologia Fluvial. In.: GUERRA, Antonio José Teixeira; _____(orgs.). **Geomorfologia: Atualização de Bases e Conceitos**. – 8ª edição. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 211-252, 2008.

DARDEL, Eric. O Homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica, Trad. Werther Holzer. – São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARTIGUES, André. **O que é Fenomenologia?**. 10ª ed. – São Paulo: Centauro editora, 2010.

DREW, David. **Processos Interativos: Homem-Meio Ambiente**. Trad.: João Alves dos Santos. 6ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FARENZENA, Deina; TONINI, Ivaine Maria; CASSOL, Roberto. Considerações Sobre a Temática Ambiental em Geografia. **Geografia: Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 11, n. 1, p. 1-8, 2001.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local**. – Petrópolis: Ed. Vozes. 8ª edição, 2006

GIRARDI, Gisele. **A cartografia Geográfica: Reflexões e Contribuições**. Boletim Paulista, São Paulo, n. 87, p.45-65, 2007.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário: Geológico e Geomorfológico**. – 7ª ed.— Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

HOLZER, Werther. O lugar da Geografia Humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano IV, nº 07, p.67-78. Jul./dez. 1999. P.67-78

_____. A influência de Eric Dardel na Construção da Geografia Humanista Norte-Americana. **Encontro Nacional de Geógrafos: Crises, práxis e autonomia: espaços de resistências e esperanças**, 16, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos do Brasil, 2010.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO URBANO E HABITAÇÃO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, IDURB. Vitória, 2011:1 folder.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES, IJSN. **Mapas do uso do solo**. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br>. Acesso em: 15 de junho de 2011.

KOZEL, Salete. Mapas Mentais: Uma forma de Linguagem, Perspectivas Metodológicas. In.: _____ (org); SILVA, Josué da Costa (org.); GIL FILHO, Sylvio Fausto (Org.). **Da Percepção & Cognição à Representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. – São Paulo: Terceira Margem; Curitiba:NEER, 2007.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**.—4ªed. revista – São Paulo: Cortez, 2077.

LYOTARD, Jean-François. **A Fenomenologia**.—Lisboa:Ed.70, 2008.

MARANDOLA, Eduardo; MELLO, Leonardo Freire de. Abordagem do lugar no Planejamento Urbano. **Revista Geografares**, Vitória, n.07, p.63-75, 2009.

MAYOL, Pierre. Morar. In.: **A invenção do Cotidiano.vol. II**. CERTEAU, Michel; Giard, Luce; _____.Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 6ª Edição.— Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

MERLEAU-POTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. – 2ª ed. – São Paulo:Martins Fontes, 1999.

MIRANDA, Ingrid Tononi. **Estudo das Áreas de Risco de Inundação da Bacia do Rio Formate, Viana-ES**. 114f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

MORIN, Edgard. **Introdução ao Pensamento Complexo**. – Porto Alegre: Sulina. 3ª edição, 2007.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Mapas Mentais: Recurso Didático no Ensino de Geografia no 1º Grau**. 1994. Dissertação de Mestrado em Geografia Física – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e Representação Gráfica: A “Geograficidade” nos Mapas mentais dos Comandantes de Embarcações no Amazonas**. 2001. Tese de doutorado em geografia – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. 3ª ed.Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008.

OLIVEIRA, Livia de. Ainda Sobre Percepção, Cognição e Representação em Geografia. In.: MENDONÇA, Francisco (org.); KOZEL, Salete (org.) **Epistemologia da Geografia**. – Curitiba:Ed. da UFPR, 2009.

OLIVEIRA, Ricardo Devides; VITTE, Antonio Carlos. A institucionalização da geografia no contexto da unificação e do imperialismo alemão: primeiras

considerações. In.: ENCONTRO Nacional dos Geógrafos. (16. : 2010. : Porto Alegre, RS). Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. / Org. por Alexandrina Luz Conceição; Cristiano Silva da Rocha Diógenes; Evelin Cunha Biondo. – São Paulo, SP : AGB, 2010.

Pratte-Santos, Rodrigo. **Estudo da Qualidade das Águas do rio Jucu, ES : Caracterização Limnológica e Análise da Comunidade de Macroinvertebrados bentônico**, 2010. Dissertação (mestrado em Ecologia de Ecossistemas) - Centro Universitário Vila Velha, 2010.

SAHR, Wolf-Dietrich. Ação e EspaçoMundos: a concretização de espacialidades na Geografia Cultural. In.: SERPA, Angelo (org.). **Espaços culturais: Vivências, imaginações e representações**. – Salvador: EDUFBA, 2008.

SILVA, Josué da Costa. O Mito e as Crenças como Constituintes do Espaço Ribeirinho na Formação do modo de vida Amazônico In.: KOZEL, Salette; _____; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). **Da Percepção & Cognição à Representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. – São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

SILVA, Wilson Pimenta. **Rio Marinho: A resposta Geomorfológica do Canal Fluvial às Intervenções Realizadas na sua Bacia Hidrográfica**. 2009. Monografia (bacharelado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. Difel, 1980.

_____. **Espaço e Lugar**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In.: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985.

VITTE, Antônio Carlos; SPRINGER, Kalina Salaib. A Ciência Humboldt na e a Gênese da Geografia Física Moderna. **Geografares**, Vitória, nº 07, p.123-129, 2009.

ZILLES, Edmund. **Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl**. Revista da Abordagem Gestáltica – XIII(2):p.216-221, jul-dez, 2007.

APÊNDICE

APÊNDICE I**PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS
[ESCOLA – FAMÍLIA DOS ALUNOS – ENSINO MÉDIO]**

[Para o jovem responder com a família os responsáveis]

01. NOME COMPLETO

*[ESCOLHA O MEMBRO RESPONSÁVEL PELA CASA QUE ESTÁ EM
CONDIÇÕES DE RESPONDER AS QUESTÕES]:*

02. QUAL É A SUA IDADE, HOJE ? _____

03. QUAL É A RENDA TOTAL DA SUA FAMÍLIA ?

04. QUAL É O SEU GRAU DE INSTRUÇÃO ?

() NÃO É ALFABETIZADO

() ENSINO FUNDAMENTAL (1ª ATÉ 4ª SÉRIE) INCOMPLETO

() ENSINO FUNDAMENTAL (1ª ATÉ 4ª SÉRIE) COMPLETO

() ENSINO FUNDAMENTAL (5ª ATÉ 8ª SÉRIE) INCOMPLETO

() ENSINO FUNDAMENTAL (5ª ATÉ 8ª SÉRIE) COMPLETO

() ENSINO MÉDIO INCOMPLETO

() ENSINO MÉDIO COMPLETO

OUTROS: _____

05. VOCÊ TRABALHA ?

() SIM OU () NÃO

SE RESPONDEU “SIM” ...

EM QUE VOCÊ TRABALHA? _____

EM QUE CIDADE VOCÊ TRABALHA ? _____

06. DE ONDE ERA A SUA FAMÍLIA ANTES DE VIR MORAR AQUI?

07. POR QUE SUA FAMÍLIA VEIO PARA ESTE LUGAR ?

08. HÁ QUANTO TEMPO (MESES OU ANOS) QUE VOCÊ MORA NESTE LUGAR ?

09. CONTE EM POUCAS PALAVRAS COMO FOI A PIOR ENCHENTE JÁ VIVEU ? QUANDO E COMO ?

10. FALE DE TRÊS COISAS, EXISTEM NO SEU BAIRRO QUE MAIS TE AGRADAM

1ª)

2ª)

3ª)

APÊNDICE II

Um breve perfil dos habitantes do rio Formate

A partir do questionário (APÊNDICE I) distribuído entre os pais dos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Novaes Pinheiro, em Vila Bethânea, foi possível traçar um breve perfil, de uma pequena parte dos moradores que se declaram ribeirinhos e que já testemunharam de forma direta ou indireta os efeitos das enchentes do rio Formate.

A partir da tabela 1, podemos observar três importantes variáveis, cujos dados estão ordenados em série na ordem crescente: a idade, a renda familiar e o tempo que os moradores ribeirinhos estão na região.

Idade	Renda Familiar	Tempo de Moradia (Anos)
28	R\$ 400,00	0,5
37	R\$ 512,00	13
38	R\$ 600,00	14
41	R\$ 850,00	18
41	R\$ 1.000,00	20
42	R\$ 1.315,00	22
45	R\$ 1.500,00	29
53	R\$ 1.800,00	33
54	R\$ 3.000,00	35

Médias Aritméticas		
42	R\$ 1.219,67	21

Tabela 1. Organizada pelo autor a partir das informações do questionário no anexo I.

A amostra de moradores pesquisados é formada por dez pessoas distribuídas entre os bairros de Vila Bethânea, Vila Rica e Morada de Bethânea. A partir dessas

informações, percebe-se que a média aritmética das idades é de quarenta e dois anos, uma população relativamente jovem a princípio. E a renda média familiar gira em torno de R\$ 1200,00 o equivalente a quase dois salários mínimos. Outro dado que chama a atenção é o tempo médio de moradia na região que está em torno de 20 anos. O que se pode concluir, é que essa amostra representa uma ocupação recente para o município.

A partir do gráfico 2 percebe-se que 67% dos entrevistados possuem o ensino fundamental incompleto ou completo. Ou seja, a grande maioria dos entrevistados integra uma massa de mão-de-obra sem qualificação profissional.

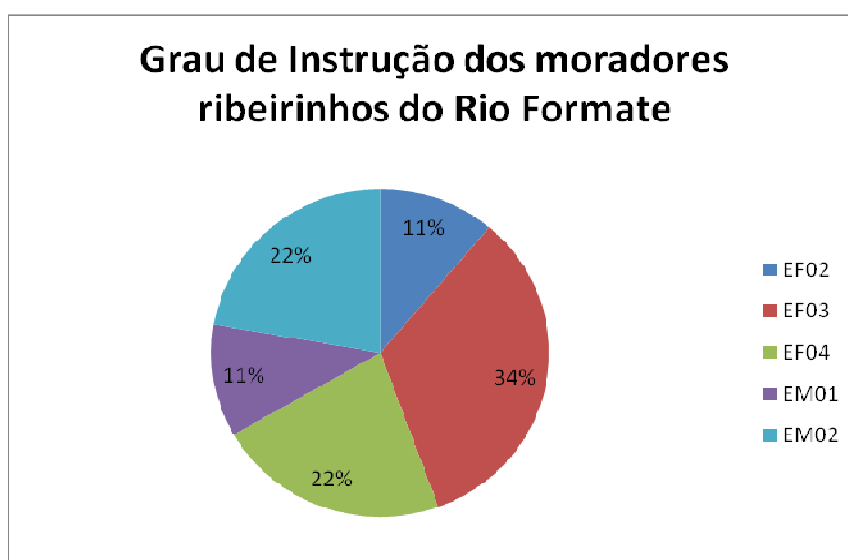


Gráfico 2. Grau de instrução dos moradores entrevistados. EF02 – Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries) completos; EF03 – Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) Incompleto ; EF04 – Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) Completos; EM01 – Ensino Médio Incompleto; EM02 – Ensino Médio Completo. Organizado por Ernandes de Oliveira Pereira.

No gráfico 3, é possível verificar também que 56% da amostra entrevistada atua no mercado informal. Uma massa de trabalhadores formados por pedreiros, mecânicos, empregadas domésticas, ambulantes e autônomos em geral, de acordo com as respostas que apareceram nos questionários.



Gráfico 3. Distribuição dos moradores por setor profissional. Organizado por Ernandes de Oliveira Pereira, 2010.

Outro fator que foi possível constatar é o local de origem da maior parte dos moradores ribeirinhos. Pelo gráfico 4 é possível perceber com clareza que a maior parte dos entrevistados vieram da Bahia e do interior do Espírito Santo.

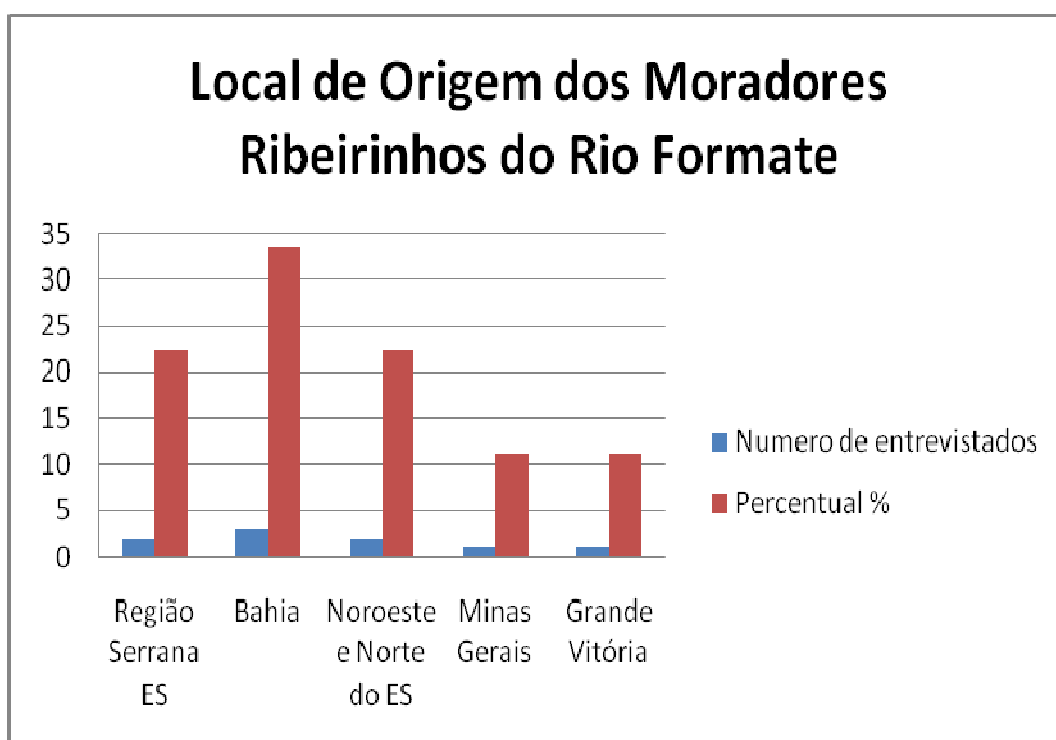


Gráfico 4. Locais de origem dos moradores ribeirinhos. Organizado por Ernandes de Oliveira Pereira

Quanto ao local de trabalho, o gráfico 5 revela ainda que a maior parte dos moradores ribeirinhos entrevistados, pelo menos 55%, exercem suas atividades fora do município de Viana.

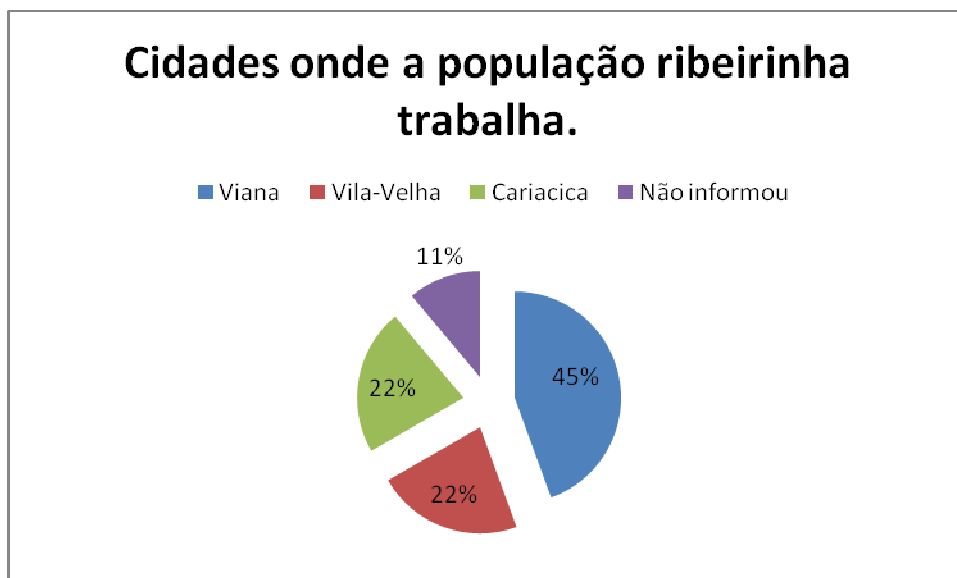


Gráfico 5. Distribuição dos trabalhadores ribeirinhos entre as cidades da Grande Vitória. Organizado pelo autor a partir dos questionários. Organizado por Ernandes de Oliveira Pereira.

O gráfico 6, revela que as relações interpessoais(35%) – ligadas ao vínculo de amizades e afinidades – representa a característica do lugar que mais gera a satisfação dos moradores, aqui representados pela amostra. E o item segurança é o segundo elemento mais citado (20%). Os menos citados, como atributos do lugar que mais geram satisfação, é o saneamento básico (10%) e os serviços de comércio local (5%).

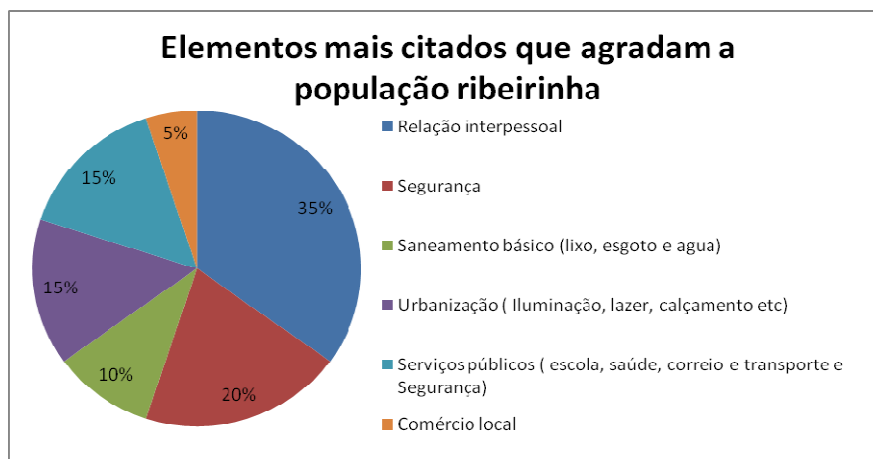


Gráfico 6. Os elementos que mais agradam à população ribeirinha. Organizado por Ernandes de Oliveira Pereira.

APÊNDICE III

Transcrição dos depoimentos dos moradores ribeirinhos integrantes dos movimentos ambientais populares do rio Formate

Introdução do DVD

Depoimento 01 – (Mulher)

A Asiarfa é uma entidade que eu vejo de fundamental importância para nós moradores da Grande Vitória. Porque a Asiarfa ela tem uma filosofia muito interessante. É uma entidade que desperta na população a consciência do quanto é importante a gente preservar a natureza, por que é a partir daí que todo o nosso segmento, pode se desenvolver de uma melhor forma. Então hoje a Asiarfa, eu diria que é uma entidade indispensável para a nossa sobrevivência.

Além das palestras de conscientização a Asiarfa é ativa na luta pela melhoria, em defesa da despoluição, do rio Formate. Todos os membros voluntários, participantes da Asiarfa são incansáveis lutadores na defesa dessa despoluição e na manutenção, de melhor qualidade de vida, para todos os moradores aqui dessa região.

Depoimento 02 – (Homem)

A nossa luta é pela preservação do meio ambiente e no momento pelo rio Formate. O rio Formate é um rio que na década de 80, nós enquanto moradores tomávamos banho no rio, por que a água era uma água que ainda podia ser utilizada. Onde os moradores, as mulheres lavavam as roupas e as pessoas tomavam banho. E fundamos a Asiarfa que é a entidade que sempre lutou, pela despoluição do rio Formate, e nós hoje enquanto moradores do bairro operário, e moradores do município de Viana, nós do Operário em Cariacica, nós continuamos com essa luta. Temos a organização dos movimentos populares de Vila independência de Roda D'água, aqui no município de Cariacica, juntamente com a Asiarfa, buscando os órgãos públicos com o objetivo de tá resgatando o rio Formate.

Depoimento 03 – (Sr. Célio)

Eu gostaria que esse projeto da revitalização do rio Formate, fosse uma coisa, bem projetada, que servisse para todos, não para alguns. Gostaria que a administração pública de Viana, colocasse pessoas como secretário bem qualificado, para ver o lado dos moradores e da sociedade, para que se desenvolvesse um trabalho adequado que desenvolvesse o meio ambiente em nosso município.

Depoimento 04 – (Homem)

Primeiramente agradecer a Deus, por esse projeto que deu certo e comunicar também que associação dos moradores apoiou sempre esse projeto desde o início, com acompanhamento, com as passeatas, com manifestação junto com a Asiarfa, que é a responsável por esse projeto ta acontecendo graças a Deus, aqui no município de Viana. E agradecer a todos principalmente a comunidade de São Pedro, a associação de moradores da Grande Marcílio de Noronha, e ficar atentos que a obra veio mas tem que ser fiscalizada, não só pelo poder público, mas sim pela sociedade. E obrigado aí pelo apoio.

Depoimento 05 – (Homem)

Falar da Asiarfa para nós é algo de suma importância visto que ao comemorar os dez anos de fundação de poucos dias atrás... Nós temos um histórico de luta extremamente significativo, no sentido da mobilização, sensibilização, e encaminhamentos das políticas públicas ao que refere ao rio Formate em especial no âmbito da sua bacia. Para isso, vários projetos, várias ações e atividades que foram desenvolvidas ao longo desses vinte anos e isso contribuiu , e tem contribuído, para que a ASIARFA, se legitime perante as pessoas que vivem no entorno da bacia do rio Formate e obviamente, pelo rio Formate e seus afluentes. Construir esses dez anos... ASIARFA, na sua história ... se legitimar a ASIARFA nas suas ações políticas em comunidade é algo que tem que ser ao máximo possível... todos os cantos do seu âmbito de representação, nós pudermos levar essa mensagem é uma obrigação nossa. E a Federação das Associações dos Moradores do Estado do Espírito Santo, a FAMOPES, eu como atual coordenador administrativo, venho nesse momento falar dessa importância e pedir as pessoas que essa luta, é uma luta de todas e todos. Que as bandeiras, portanto são de todas e todos, para que agente conquiste melhor condição de vida da nossa população.

Depoimento 06 (Presidente da associação dos Moradores de Vista Dourada)

Eu sou morador aqui de Vista Dourada, sou vice-presidente da Associação dos Morador, nós vamos participar aqui apoiando, essa luta do nosso amigo João Neto e junto com a ASIARFA. Um projeto importante que vem urbanizar a margem do rio... humanizar, dar condições de vida melhor para os moradores da região. E que vai trazer melhoria para a comunidade... para as comunidades ribeirinhas do rio.

Depoimento 07 (Márcio – Engenheiro Florestal)

Meu nome é Márcio Ferreira, sou formado em engenheiro florestal, um dos membros co-fundadores do grupo Nosso Ambiente, na região de Vila Bethânea, esse grupo foi formado no ano de 2002. E nós somos parceiros da ASIARFA em ações ambientais, desenvolvemos vários trabalhos de educação ambiental junto com as comunidades, caminhadas ecológicas... Enfim, a gente aproveita esta oportunidade, já que nós somos um parceiro, para parabenizar a ASIARFA, por essa conquista, que foi essa verba federal, de revitalização das margens do rio Formate, tanto nos municípios de Cariacica e Viana.

Depoimentos 08 – (homem – artesão).

Eu sou artesão, trabalho na área de artes, empenhado com a ASIARFA há 14 anos mais ou menos, empenhado na luta contra... a favor do meio ambiente, porque o rio Formate... eu conheci em 1987... dava pra gente beber a água desse rio... e hoje a gente não pode nem passar dentro do rio é arriscado pegar microse nos pés, vemos cachorro morto, fugão... Então eu tô empenhado junto com a ASIARFA nesse projeto do rio Formate, pra benefício do povo.

Depoimentos 09 – mulher

Eu sou moradora do Vale dos Reis, também de Novo Horizonte e do bairro Operário, lutando por esse movimento. Lutando por essa associação do rio Formate. Entendeu... E tudo que nós estamos querendo é que se resolva esse problema do rio Formate. Que ele se encontra muito... Tá se perdendo... né... Tá se perdendo coitado... É muita poluição... muitas coisas que tão acontecendo... muitas coisas que jogam dentro do rio... Então eles tão precisando de dá um chega pra lá, nesse negócio aí pra... pra melhorar né. Que essa água aí é muito importante. A água é muito boa. Hoje dia é uma coisa que não pode nem pegar um peixinho que eu acho que nem tem mais, né.

Depoimento 10 – Aurinéia

Meu nome é Aurinéia e to na ASIARFA desde de 2000, desde a fundação já há dez anos... A ASIARFA ela foi criada pelos moradores de Piranema encabeçada pelo saudoso José Luiz Araújo, que Deus já levou, em parceria com a associação dos Moradores de Morada Bethânea, que já é Viana. E essa verba de R\$11 milhões para Cariacica e R\$ 13 milhões para Viana, foi conquistada pela ASIARFA e outras parcerias ambientais. Queremos também que a população tanto cariaciquense, quanto vianense fiscalize essas obras. Que o poder público, cumpra o seu papel, porque afinal isso não seria nem um favor ... já tem embutido todas as nossas contribuições.

Depoimento 11 – Dona Israelita

Eu sou Israelita, moro no bairro de Flor de Piranema, e faço parte da associação de moradores e faço parte da entidade da ASIARFA. Hoje a gente tem uma luta de uns quase dez anos aí... e graças a Deus com essa luta agente tem conseguido... é... vários projeto... e esse projeto que a agente tem colocado e ta tendo uma grande novidade agora, foi essas verbas que o governo federal, liberando pra gente, pra essa obra do PAC, isso é uma luta da ASIARFA, com as entidades da região e que a gente ta, pedindo aos morador as outras entidade, que ajuda a agente nessa caminhada, por que é muito importante. Quando chegar as obras, quando chegar o PAC, que tiver dando... cobertura a essa população carente das margens do rio... e que outras coisa aí que te para acontecer, a população vê que é um trabalho, que é

feito das comunidades, que as comunidades vem reivindicando, e tem... e tá tendo um resultado um resultado agora no final.

Depoimento 12 - Homem

Eu como morador daqui de Vila Bethânea, que é um bairro do município de Viana, a gente sempre participou do movimento popular e do movimento ambiental. Tivemos aqui no movimento popular vários tempos, tamos agora acompanhando e fundamos aqui o grupo ecológico NOSSO AMBIENTE, que é um grupo que não tem poder pra fazer muita coisa... Agora educa as crianças, que eu acho através das criança, que você vai consegui, eu acho que melhorar, a qualidade de vida pra gente e pro futuro né, o futuro é a criança que vem aí... Então é isso... a gente trabalha muito em cima da criança... o dia da criança... o dia nacional do meio ambiente... a gente sempre ta trazendo um trabalho em cima disso... focado em educar a criança... pra preservar o meio ambiente e mostrar como é que a situação tá degrada, lixo na rua, lixo no rio. Nós estamos vendo ali, lixo pet aqui, obstruindo a passagem da água... No começo parecia...uma coisa... um grupo de sonhador... Ah... o pessoal, ninguém não dava muita bola pra gente, fazem encontro, era aquela coisa mais folclórica, parece... as pessoas não davam muito valor pra gente. Mas de uns três anos pra cá...a água passou a invadir a casa das pessoas, aí as pessoas passaram a dá valor a quem fala sobre o meio ambiente.

Depoimento 12 - Homem

Acho que é muito importante, a preservação do rio Formate. É uma campanha que vem de muitos anos, então a agente luta muito para preservar, envolver o público, a sociedade. E eu quando fui o líder, quando era o bairro Marcílio de Noronha, moro perto do rio, mais ou menos perto, né...Então a gente vem lutando... e dependendo da gente dos moradores, quando tiver as reuniões, preservações, campanhas, passeatas... Nós estamos à disposição e vamos fazer de tudo pra preservar o rio e atender mais as pessoas que moram perto e fazer o melhor para todos. Seria isso.

Depoimento 13 – Homem

Nós estamos esperançosos, pra que essa revitalização do rio Formate, comece de imediato, por que eu como morador de Vila Bethânea há quarenta e quatro anos, e por várias vezes pesquei e tomei banho nesse rio... oh pra mim eu sou saudosista, de ter de falar isso aí. Eu gostaria que fizesse esse trabalho de imediato, pra que os jovens, os jovens e as crianças pudessem novamente... a pescar nesse rio, como era onde encontramos nesse rio Formate, se é que nós podemos chamar de rio.

Depoimento 14 – diretora da ASIARFA

Como moradora de Marcílio de Noronha e diretora da ASIARFA, vejo essa conquista como resultado das nossas lutas.

Depoimento 15 – Homem

Como morador de Piranema, coordenador da ASARFA, vejo essas conquistas como positivo.

Depoimento 16 – Viúva do Fundador da ASARFA

Sou Ana do Vale dos Reis... o início da ASARFA, foi lá na minha casa, eu e meu esposo, o falecido Zé Luiz, né...Onde nós sentamos e se começamos a se organizar, depois se juntamos com as região que era, Beira Rio, Nova Campo Grande, daí nós formamos uma entidade, aonde teve seis pessoas, que participava de Cariacica e seis pessoas de Viana. Aí gente fez um trabalho, umas caminhadas ao rio Formate até lá por lado de... pra cima do rio Formate... Nós chegamos até lá, nessa época... tava o João Neto com a família dele, e nós fomos até lá no final do rio... onde que era a nascente... E fizemos um trabalho lá... e depois viemos e fizemos um outro trabalho, ali em Nova Campo Grande... nós fizemos um evento, que tiramos, um monte de lixo, de dentro do rio, tiramos carro, pedaço de carro... até animal morto nós tiramos dali nesse evento que nós tivemos ali. Aí juntamos os launos da escola Theodomiro, de Novo Brasil, de Vale dos Reis, aonde nós fizemos até uma gincana, quem tirasse mais lixo do rio, ganhava até um troféu. E daí pra frente nós começamos a se unir... E agora no final ... já tá... é ...aí fiquei uns tempos afastada... e agora retornei na diretoria... e tamos ali para continuar o trabalho no rio Formate.

Depoimento 17 – mulher

Me chamo Isabel, sou de Vista Dourada, Cariacica. Divisa do Vale dos Reis, desde 2000, que tô nessa luta, nós já fizemos caminhada do rio até o ponto final de Nova Campo Grande, já fez de lá até no Bairro Vila Bethânea com os alunos, só que quando eu mudei pra li... o rio a gente tomava banho e até usava a água... Hoje a gente não pode usar... tem muito lixo...todo segundo sábado do mês nós reúne, antes lá no Vale dos Reis...Depois foi pra paróquia, onde a gente está na igreja de São Pedro... a gente luta para ter aquele rio limpo, para renovar o rio...mas só que a população joga lixo... não Joda a gente...gente tira até o sofá lá de dentro... quando a gente vai falar pra eles, eles davam resposta a gente, e nós tamo nessa luta para ver se alguém ajuda ...a vim ver o rio... e porque o rio tá morrendo.Daqui há dez anos não tem mais rio... é lixo... é papel... é tudo dentro do rio, que eles tão jogando, nós luta pra ver se alguém da prefeitura ou do governo ajuda... diz que já mandaram... dinheiro da Brasília, mas só que nós não tamo vendo nada ainda e o rio só tá morrendo.

Depoimento 18 – João Neto

Quando nós se referimos a luta ambiental, a gente se identifica como fundador da ASARFA, uma entidade organizado, com o apoio de 14 bairros, sendo oito de Cariacica e 6 de Viana e que através dessa luta nossa, nós conseguimos viabilizar através de passeata, reuniões, caminhadas né... e outros formas de pressão, nós conquistamos junto ao governo federal... foram R\$13 milhões para Viana e R\$ 16 milhões para Cariacica, para ser investido da revitalização do rio Formate... né...

inclusive é importante citar que todas essas conquistas só foram possíveis, porque temos uma parceria com as associações de Morada de Bethânea, Grupo NOSSO AMBIENTE de Vila Bethânea, os companheiros da associação de Vila Rica, os companheiros do bairro Operário, os companheiros de Novo Horizonte, de Vista Dourada, e Vale dos Reis e os companheiros aqui de Marcílio de Noronha... né... A comunidade de São Pedro... que onde nós estamos fazendo essa plenária... são parceiros junto com a comunidade de Marcílio III... e em parceria com todas as entidades... a ORMOPE, a FAMOC, a FAMOPES, ASSIM COMO A FEMOPOV. Nós queríamos inclusive tá lembrando que pelo município de Cariacica, na última plenária do plano plurianual, nós conquistamos lá... foi aprovado naquela plenária, pra que o município de Cariacica, implementar um projeto de monitoramento ao longo do rio Formate, um Centro de Educação Ambienta... a implantação de um parque temático, ficou de se definir a região entre o bairro operário e Novo Brasil, ou Roda d'água, e também como prioridade da ASIARFA, ficou definido, da gente... na renovação das licenças ambientais, na concessão que os municípios de Cariacica e Viana faz, junto a CESAN, que seja precedida de audiência pública, pra determinar, as obrigações da Cesan junto as comunidades que é atendida por ela. Então é muito interessante que a gente... e a gente tá cobrando, cópia digital desses programas... né... do PAC. Por que todas essas verbas que nó já falamos, foi viabilizada em parceria, com a nossa entidade e com a pressão da sociedade civil organizada. Todo esse trabalho nosso... tem como objetivo a revitalização do rio Formate, ou seja, revitalizar o rio, trazer dignidade, melhor qualidade de vida, pra população de Cariacica e Viana nessa região, é uma meta que nós vamos continuar lutando até realmente se transformar em realidade.

APÊNDICE IV

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS MORADORES RIBEIRINHOS VEICULADAS PELA TV LOCAL.

Organizadas por ordem cronológica

O DIA EM QUE UMA RUA VIROU RIO. 24 DE NOVEMBRO DE 2008

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=hMOakgkY2AI> .
Acesso em 02 de junho de 2011.

REPÓRTER: A chuva deu trégua pela manhã mas o domingo foi de ruas alagadas, no bairro Vila Bethânea, em Viana. Do alto dava para ver a dimensão da enchente, que tirou o sono dos moradores. Dona Elza, passou a madrugada em claro, levantando os móveis. Pela manhã, a água tomou conta de todos os cômodos e subia sem parar.

DONA ELZA RODRIGUES: Eu acho que foi uns palmos de água, vai chegar aqui se o rio continuar enchendo.

REPÓRTER: A vizinha Elizabete, enfrentou água na altura do joelho para entrar em casa.

ELISABETH SERAFIM: Já morava em uma casa baixa, fiz outra casa, projetada pela água e cada vez que sobe, a água só atinge um nível cada vez maior.

REPORTAGEM A GAZETA 24 11 / 2008

Disponível em:
<http://www.youtube.com/user/gazetaonline#p/search/0/8KAD4VmtS1I>. Acesso em 31 de maio de 2011.

REPÓRTER: Os moradores da rua Belo Horizonte em Vila Rica, Cariacica ficaram ilhados. O rio Formate transbordou alagando a região. O filho ajuda a mãe e sogra a saírem de casa. Há mais de dez anos morando do local, ele nunca viu a situação mudar.

MORADOR: Fevereiro aqui, neste mesmo ano, aconteceu o mesmo problema e hoje tá aí.

REPÓRTER: Dona Edna repetiu um ritual que tem fazer toda a vez que chove. Eu sai antes de encher.

DONA EDNA: Tô voltando agora aqui para vê como é que tava aí e panhar a roupa. Eu já tinha panhado a roupa.

REPÓRTER: Neste trecho o pasto ficou totalmente alagado. No campo de futebol, só se via parte das traves. A construção de uma estrada que acontece na região, piorou uma situação que já é ruim sempre que chove.

MORADOR: O aterro impediu a água. A água espalhava todinha aqui. Então o aterro impediu que a água se espalhasse, então entrou nas casas. Mais rápido do que acontecia antes.

REPÓRTER: Na rua Aimorés os moradores retiravam, água das casas desde cedo. Baldes e mais baldes. Para dona Jacilda não teve jeito. Ela teve que sair do lugar onde mora com mais seis crianças. Está na rua.

JACILDA: Eu tive que sair com as crianças. Não tem como eu ficar com as crianças dentro de casa. Meu fogão tava quase tampando ele de água. A televisão já entrou água dentro. Minha cama não tem nem lugar pra botar nada. Tá tudo molhado. O guarda-roupa tá cheio d'água.

FOLHA VITÓRIA – JORNAL ONLINE

CHUVA: MORADORES FICAM ILHADOS NO MUNICÍPIO DE VIANA

30/10/2009

Disponível em: <http://www.folhavoria.com.br/videos/2009/10/moradores-ficam-ilhados-no-municipio-de-viana.html> . Acesso em: 01 de junho de 2011

REPORTAGEM: Aqui existia um campo de futebol e uma rua. Agora tudo virou água. Os moradores estão ilhados. Tem gente que arrisca passar com água na cintura.

Morador: Já perdi tudo... Então não tem mais o que perder. Nessa chuva a gente perde tudo toda a vez que chove.

REPORTAGEM: A situação está Crítica em Vila Bethânea no município de Viana. Muitas famílias não tem como sair de casa. Na rua Arthur Bernardes os moradores deixaram o local na quinta feira, de barco. Na rua Minas Gerais, muitos prejuízos. Nesta casa nem a contenção improvisada segurou a água. A proprietária conseguiu salva os móveis há tempo.

PROPRIETÁRIA DO IMÓVEL: De dois anos pra cá, que tá enchendo minha casa e não tem jeito. Tem que se abrigar na casa da minha filha, porque eu tô perdendo tudo, as portas da casa, as paredes... já tá tudo estragado.

REPORTAGEM: Esta senhora, perdeu móveis e eletrodomésticos, pela segunda vez.

SENHORA: Perdi dois guarda-roupas, perdi móveis, perdi afinal de contas tudo que tinha dentro de casa. Porque a água subia, com rapidez.

REPORTAGEM: Segundo os moradores o principal motivo das inundações é o rio Formate, que por estar assoreado, vem transbordando nos últimos dois anos, toda a vez que chove. Quem tem casa na beira do rio, também perdeu tudo.

JOÃO NETO: Antes levava dois a quinze dias para alagar. Hoje com três dias de chuva, já está em uma situação realmente de calamidade.

Veja o sofrimento dos moradores do município de Viana com a chuva 02/11/2009

Disponível em: <http://www.folhavoria.com.br/videos/2009/11/veja-o-sofrimento-dos-moradores-do-municipio-de-viana-com-a-chuva.html> . Acesso
01 de junho de 2011.

Repórter: Marco Túlio Victória

Atingidos: 3000 pessoas

Desalojadas: 250

Desabrigadas: 300

Imóveis comprometidos: 600 imóveis

REPORTAGEM: Acompanhamos os trabalhos da defesa civil. No bairro Industrial, a primeira meta é resgatar a idosa de 50 anos. Há três dias ela se recusa a sair de casa. Chegar lá só de barco. A nossa reportagem não pode acompanhar a equipe. Por causa da forte correnteza. Pela primeira vez a água do rio passou por cima da ponte. Ruas ficaram completamente alagadas. Atravessar só com a ajuda de corda. Revolta para essa dona de casa que pela primeira vez, Teve a casa alagada.

Moradora Industrial: Fazer o quê? Eu perdi tudo que eu tenho. Perdi tudo. Ninguém vai me dar o que eu perdi na minha casa. Daqui pra frente é lutar com a cara e a coragem e confiar em Deus.

REPORTAGEM: E a correnteza é tão forte que o coordenador da defesa civil resolve abortar o resgate da senhora. Mas não consegue o contato com a equipe.

Pedro Barbosa (coordenador da defesa civil): Atenção Patrício, correnteza forte. Patrício ! Recuar! Atenção equipe de resgate, recuar !... Ou dá dando interferência ou eles não estão podendo pegar no rádio mesmo. Representa insegurança e instabilidade no barco, pra nossa própria equipe, e nós não podemos colocar a vida da defesa civil em risco!

REPORTAGEM: Seguimos com a defesa civil. Ainda na madrugada de domingo, este barranco cedeu. Os moradores estão apreensivos.

Moradora: (Chorando) Eu não tenho o que dizer... Como explicar...Porquê... A situação é tão desesperador... Eu não sei... Eu sinto tanta, tanta angústia... Saber que ... a gente leva a vida toda para conseguir, e em poucos minutos.

Moradora 02: Eu comecei ficar desesperada, porque a casa de cima tem criança. Desesperei, gritei a rua toda, a vizinha do lado, que é um barraco também de telha. E gritei todo mundo pra sair da casa. Porque tava muito arriscado...Há tempo do barranco cair ematar a nossa vida aqui debaixo.

REPORTAGEM: Poucos minutos depois chega a equipe da defesa civil que saiu para resgatar a idosa.

Defesa civil: Nós retiramos uma senhora. Falta tirar ainda um cadeirante e uma deficiente que não querem sair de casa... Não querem sair do seu imóvel, né.

REPORTAGEM: Qual é o risco que as pessoas sofrem de continuar no imóvel?

Pedro Barbosa (coordenador da defesa civil): Os riscos são inúmeros, né?! Desde doenças infectocontagiosas, leptospirose, por exemplo, até o próprio desmoronamento parcial ou total do imóvel, levando à óbito os familiares.

REPORTAGEM: Dona Maria de longe mostra onde está a casa dela. Está com dois metros de água. A aposentada mora no primeiro andar. Qual que é a situação agora lá na sua casa.

DONA MARIA Gequel: A situação agora é esperar secar e joga tudo que tinha dentro de casa fora. Ficar com a casa pura. Comprar um colchão e dormir no chão. Porque não tem mais nada. Acho que nem a geladeira salvou.

REPORTAGEM: Na casa da filha dela os moradores colocaram tudo para cima. Pra levantar a cama a ajuda de um tambor. Dona Maria mostra também o nível onde água do rio chegou no banheiro. O quintal está completamente alagado. Como é que a senhora vai fazer daqui pra frente?

DONA MARIA: Não sei. Isso aí só Deus que sabe, pra consegui comprar alguma coisa de novo. Eu e os filhos só estamos com a roupa no corpo.

CHUVA: MORADORES FICAM ILHADOS EM VIANA

30/10/2009

Disponível em: <http://www.folhavoria.com.br/videos/2009/10/moradores-ficam-ilhados-no-municipio-de-viana.html> . Acesso em: 01 de junho de 2011

REPORTAGEM: Aqui existia um campo de futebol e uma rua. Agora tudo virou água. Os moradores estão ilhados. Tem gente que arrisca passar com água na cintura.

Morador: Já perdi tudo... Então não tem mais o que perder. Nessa chuva a gente perde tudo toda a vez que chove.

REPORTAGEM: A situação está Crítica em Vila Bethânea no município de Viana. Muitas famílias não tem como sair de casa. Na rua Arthur Bernardes os moradores deixaram o local na quinta feira, de barco. Na rua Minas Gerais, muitos prejuízos. Nesta casa nem a contenção improvisada segurou a água. A proprietária conseguiu salvar os móveis há tempo.

PROPRIETÁRIA DO IMÓVEL: De dois anos pra cá, que tá enchendo minha casa e não tem jeito. Tem que se abrigar na casa da minha filha, porque eu tô perdendo tudo, as portas da casa, as paredes... já tá tudo estragado.

REPORTAGEM: Esta senhora, perdeu móveis e eletrodomésticos, pela segunda vez.

SENHORA: Perdi dois guarda-roupas, perdi móveis, perdi afinal de contas tudo que tinha dentro de casa. Porque a água subia, com rapidez.

REPORTAGEM: Segundo os moradores o principal motivo das inundações é o rio Formate, que por estar assoreado, vem transbordando nos últimos dois anos, toda a vez que chove. Quem tem casa na beira do rio, também perdeu tudo.

JOÃO NETO: Antes levava dois a quinze dias para alagar. Hoje com três dias de chuva, já está em uma situação realmente de calamidade.

30/12/2010 - 14h30 - Atualizado em 30/12/2010 - 14h30

**RIO FORMATE SOBE E 500 PESSOAS FICAM DESABRIGADAS EM
VIANA
AS FAMÍLIAS QUE NÃO TÊM PARA ONDE IR ESTÃO SENDO
ACOLHIDAS EM ESCOLAS**

Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2010/12/734599-rio+formate+sobe+e+500+pessoas+ficam+desabrigadas+em+viana.html>

A GAZETA: *Outro ponto Crítico em Viana é aqui onde estou. Entre os bairros Operário e Industrial. O rio Format que deveria passar lá em baixo da ponte, está praticamente no mesmo nível da rua. Nem o parquinho escapou do alagamento. O lixo jogado no rio, atrapalhou o escoamento da água. O rio Formate subiu tanto, que os bueiros em vez de dar vazão, pareciam nascentes levando a água para a rua. Prejuízo para moradores e comerciantes.*

TV GAZETA ONLINE

31/12/2010 - 13h43 - Atualizado em 31/12/2010 - 13h43

**Virada do ano nada feliz para quem mora às margens do Rio
Formate em Viana e Cariacica
O PA de Viana Sede está alagado e o prédio foi interditado pela Defesa
Civil do município**

<http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2010/12/735170-virada+do+ano+nada+feliz+para+quem+mora+as+margens+do+rio+formate+em+viana+e+cariacica.html>

Âncora ESTV: *Para muitas famílias capixabas, a virada de ano está longe de ser feliz. De ser um dia de festa. É o caso de quem mora próximo do rio Formate em Viana e Cariacica. Muitos perderam tudo.*

Repórter: Roger Santana

Repórter: Depois de um ano de muita luta, Ângela encerra 2010, com água nos joelhos e muito prejuízo.

Ângela Maria dos Santos: A gente trabalhou o mês inteiro, pra pegar salário e pra pagar um objeto para dentro de casa, pra depois perder assim? Já não tenho mais guarda-roupa, Já não tenho mesa. Não tenho mais nada? Vou viver de caixote.

Repórter: Muitos moradores de Viana e Cariacica, não tem o que festejar. Afinal, pra sair de casa, eles precisam colocar os pés, na água. Sem nem saber onde estão pisando. E pra andar de bicicleta, é preciso se equilibrar, em ruas alagadas.

Sebastião Torezani: Todo o ano nós enfrenta essa enchente aqui. Todo ano. Aí o pessoal ia fazer, fizeram né? Um conjunto de casa nova em Arlindo Vilaschi, pra ajudar o pessoal do lado aí. Diz que ia limpar o rio... Até hoje não tomara essas providências... Eu moro logo lá na frente ali, minha casa tem um metro de água dentro de casa. Na época dessa a prefeitura não aparece qui pra ver nada.

Repórter: Esse aqui é o Rio Formate. Pela marca na parede daquela casa, agente percebe que o nível da água subiu muito e já abaixou bastante também. Mesmo assim, as casas continuam dentro d' água. E as ruas permanecem alagadas. Aqui por exemplo, não dá para saber onde termina o rio e onde começa a rua. Do outro lado do rio, encontramos alessandro... Como será o fim de ano, de quem não pode nem sair de casa, sem molhar os pés?

Alessandro Silva (Auxiliar de serviços gerais). *Nossa é péssimo. Perdemo tudo. As famílias desabrigadas, cheio de lamas, A casa toda inundada de barro, bichos, cobras...*

Repórter: *Muitos vizinhos de Alessandro, deixaram as casas. A residência, de Dídimo, está cheia de lama e vazia, porque ele perdeu quase todos os móveis.*

Dídimo de Miranda (Aposentado): Guarda-roupa, estante, televisão, geladeira... joguei tudo fora... o aparelho de som que tinha... acabou tudo. Eu tenho testemunha aí. Perdi tudo. Eu fiquei revoltado.

Repórter: No Bairro Novo Horizonte, Cariacica, a energia foi cortada, porque a água chegou perto dos padrões de energia elétrica.

Expedito Júnior (Vendedor): Tá dois dias sem energia. A Escelsa veio , mas não ligou porque, precisava da autorização da defesa civil, ou então de tá sem água aí. Né?.

ASIARFA (João Neto): Nós gostaríamos inclusive de cobrar, do Estado, junto com as prefeituras de Cariacica e Viana, uma ação integrada, para ampliar a calha do rio Formate, fazer a dragagem e reduzir esse impacto.

Repórter: Apesar de tanto sofrimento, existe esperança de que 2011, seja melhor.

Ângela Maria dos Santos: Espero que as coisas mudem daqui pra frente e que isso para d acontecer.

Âncora: É o que todo mundo esperança. Em Viana a prefeitura decretou situação de emergência e diz que tá tomando várias medidas, pra ajudar as pessoas afetadas com a enchente.

14/03/2011 - 13h44 - Atualizado em 14/03/2011 - 13h44 – ON LINE.

**Rio Formate transborda e nem carro
passa em vários bairros de Viana**

Muita gente ainda está com a casa cheia de água; a BR 262 alagou, vários carros ficaram no caminho e o trânsito parou

Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/ conteudo/2011/03/noticias/tv_gazeta/jornalismo/estv_1_edicao/797550-rio-formate-transborda-e-nem-carro-passa-em-varios-bairros-de-viana.html. Acesso em 03 de junho de 2011.

Dados das enchentes:

Cidades afetadas: 19 cidades

Atingidos: 153. 328

Desabrigados: +/- 6.300

Repórter(R): Do lado de cá em Vila Bethânea Viana, Dona Luzia tenta em vão falar com a cunhada e o irmão, criados nessa casinha de madeira, do lado de Vila Rica em Cariacica.

Dona Luzia: De repente pode até a casa cair, não sei como, a estrutura da casa... do barraco ali, não sei né, de repente né.

Repórter: Ela tá presa!

Dona Luzia: Ela tá presa, né. Não tem como ela sair por que ela é obesa ela vai se afogar.

Repórter(R): Ver uma cena dessas de perto realmente, mexe muito com a gente, emociona e até choca. Veja só essa situação. Isso aqui é uma casa, uma casa de madeira. Construída às margens do rio, e a gente percebe que a água, chegou, a essa altura, mais da metade da parede. Olha só, isso aqui era uma área de serviço. A gente vê um tanque, as torneiras. É impossível uma família ficar dentro de uma casa destas, durante uma enchente. Como essa que a gente está mostrando.

A dona da casa tem 83 anos. Há pouco tempo fez esse “puxadinho” para ficar livre da água. Não adiantou!

Dona Felismina Ferreira (DFF): Fiz esse puxadinho aí, mas sempre entra água dentro dele.

Repórter: Como que a senhora vê sua casinha inundada assim?

DFF: Ah... eu fico triste né. Eu não tenho nada. Tenho uma casa para dormir. Uma geladeira ali. Só! Uns troços véio ali!

R: A chuva já levou embora tudo!

DFF: Já acabou tudo. Guarda Roupa já caiu...

R: É a chuva que maltrata. Invade avenidas. Gente se arriscando para atravessar o que antes era uma rua. Esse trecho mostra de forma bem clara os estragos causados pela chuva. Eu estou exatamente em cima de uma ponte que foi invadida pela água. Aqui embaixo, passa o rio Formate. Este local é a divisa entre os municípios de Cariacica e Viana. Do lado de lá é Cariacica e do lado lá é Viana. Tem morador ilhado dos dois lados. Eu vou mostrar agora, olha só gente. Isso aqui era uma praça. Completamente tomada. Pelas águas da chuva.

Em meio à destruição essa mulher tenta mostrar, onde ficava a casa dela.

Margareth Mota: A casa tá alaga até na cintura. Não dá para ir no banheiro e não dá para ir na cozinha.

R: No Bairro Industrial em Viana, a chuva foi tanta que os bueiros não suportaram. Transbordaram. O povo fica na rua. Esperando a água baixar.

Isaura Silva: Tem que esperar esttiar né? Fazer o que? Tem que ficar na rua esperando. Pra ir pra casa. Tem que ficar sentado ali, né? Perto de casa. Na rua, com as crianças.

Âncora: Que situação complicada é essa. E essa chuva caiu com força ontem à tarde. Logo que começaram os alagamentos, chegou até Viana e mesmo com carro reforçado, de tração nas quatro rodas, não passou da entrada do bairro Marcílio de Noronha.

**TV TRIBUNA NOTÍCIAS
DESESPERO EM VIANA
15 de março de 2011**

Disponível em: <http://www.youtube.com/user/redetribunaes#p/search/0/1C9-Sxm9DnQ> .Acesso em 01 de junho de 2011.

TRIBUNA: Um dia após a chuva dar uma trégua, muitas ruas continuam alagadas em Morada de Bethânea, em Viana. Muitos quintais ainda parecem lagoas. Para entrar na casa dela, josilene enfrenta água na canela. A dona de casa preferiu sair da residência com um filho de dois meses de idade.

Moradora: Não tem como nem, ficar dentro de casa. Perdemos tudo dentro de casa. Não nem como entrar mais.

TRIBUNA: Dona marisete também teve problemas com a chuva. No ano passado ela perdeu a casa e teve que reconstruí-la. A cama feita de cimento, foi uma maneira de tentar vencer a água. O armário também foi suspenso. Mas mesmo assim a lama o invadiu. Dona marisete está cansada de perder o pouco que conquistou. Fica indignada com o descaso do poder público.

Marisete: Nós não temos aqui visita da prefeitura. A defesa civil nos orienta que qualquer problema é ligar... A gente liga e não consegue ser atendido... né... é muita ligação. E o nosso problema aqui não cesta básica e nem colchão, nosso problema aqui é que mexam no rio, por que beneficia todo mundo, né. Mas não é beneficiar um... cesta básica a gente come hoje e acabou amanhã.

TRIBUNA: Os moradores acreditam que o problema aqui no bairro morada de Bethânea, tem sido causado pelo assoreamento do rio Formate. Eles alegam que depois da construção do corredor sudoeste, que liga Cariacica à Viana, as enchentes tem sido mais frequentes e com mais intensidade.

João Neto: Os alagamentos aqui demoravam, era uma vez por ano. Depois desse corredor sudoeste, que liga Cariacica à Viana, daqui a partir de Vila Bethânea, ali recebeu um aterro muito forte, um exagero de aterro, que aí com qualquer chuva, o espaço que a água ocupava, o aterro ocupou e aí, naturalmente, o volume de água, transbordou e passou a afetar com mais intensidade a população ribeirinha.

TRIBUNA: Tânia mora há dez anos, no bairro. De três anos para cá começou a ter dor de cabeça com as enchentes. A casa dela fica ao lado do rio Formate, e toda vez que chove, precisa correr para suspender o que tem em casa.

TÂNIA: Foi só tempo da gente levantar as coisas. Chegar a levantar as coisas... e em uma hora já tinha entrado e chegou cada vez com mais força e é isso aí.

TRIBUNA: Já Alesandra, mora ao lado dessa lagoa, com a chuva a água transborda e invade a casa dela. Para não sofrer mais, ela paga R\$ 150,00 por dia, no aluguel de uma bomba, que elimina o excesso de água, da lagoa.

TÂNIA: Todas às vezes para não voltar água para minha casa, tem que alugar a bomba, colocar e conseguir uma pessoa pra tomar conta porque é perigoso roubar e dormir a noite para vigiar, porque se não a água volta toda

A gazeta online
17/03/2011
FAMÍLIA PERDE TUDO DEPOIS DAS CHUVAS

Disponível em:

<http://www.youtube.com/user/gazetaonline#p/search/0/ENCoIKpAU3s>. Acesse em 03 de junho de 2011.

Depoimento de Dona Elza Pagung:

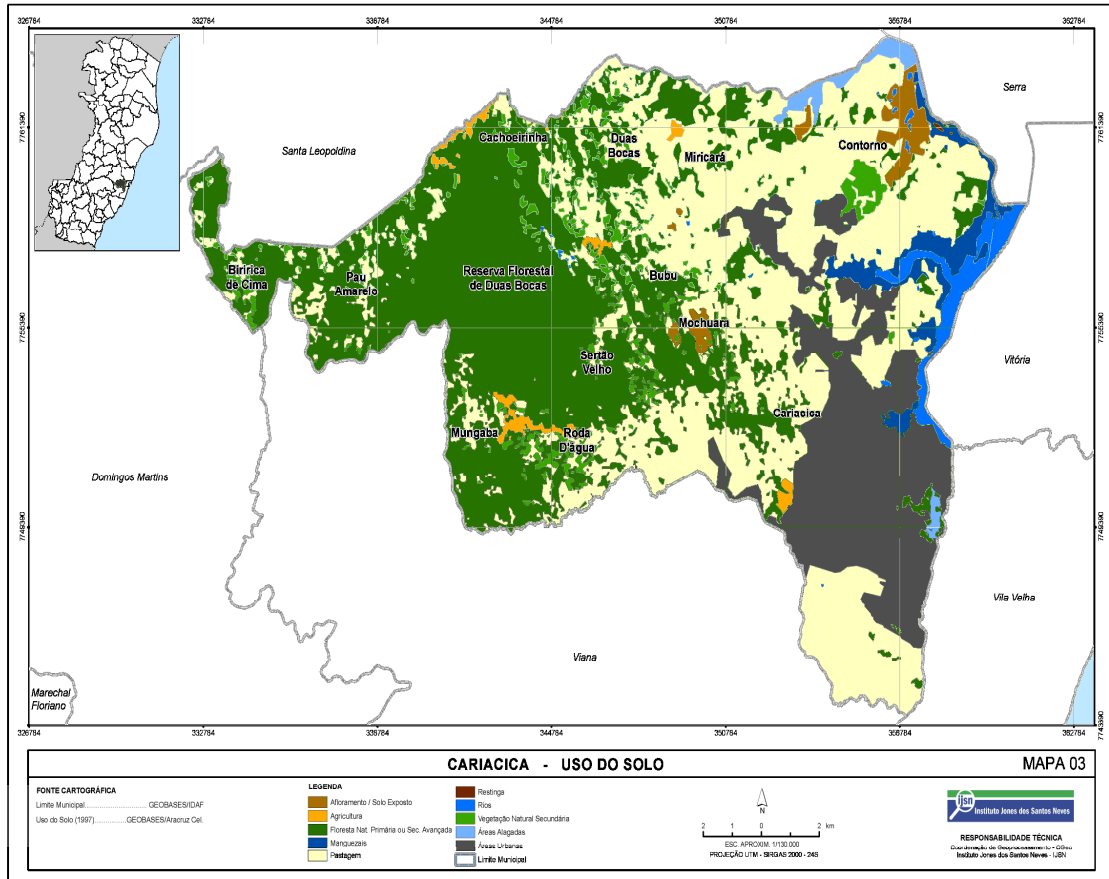
[Chorando]

Tenho de 23 anos que eu moro aqui. Já é a terceira vez. A primeira vez foi mais branda, Comecei a perder as coisas e agora a terceira vez quase que nós morre afogada. Sempre é isso aqui. Eu perco tudo já não tinha nada. Acabei de perder as últimas coisas que eu tinha. Tô recuperando algumas coisinhas aqui, com muita luta, muito trabalho... Mas eu não tenho nada... nada... Cês precisavam ter filmado aqui em casa, quando tava cheio de lama, e os trem tudo revirado aí... Eu penso em sair daqui... e muito... porque já não aguento mais eu nessa idade, 73 anos, com o meu pé desse jeito, todo inchado e nessa água aí e nessa luta, toda vez é essa luta. Não aguento mais... Fico com medo quando eu já olho pra lá, que eu vejo o tempo pra lá assim, já me dá até medo, quase não durmo de noite, pensando quando chove, pensando quando vim uma enchente, ela vem invadir minha casa aqui.

ANEXOS

ANEXO I

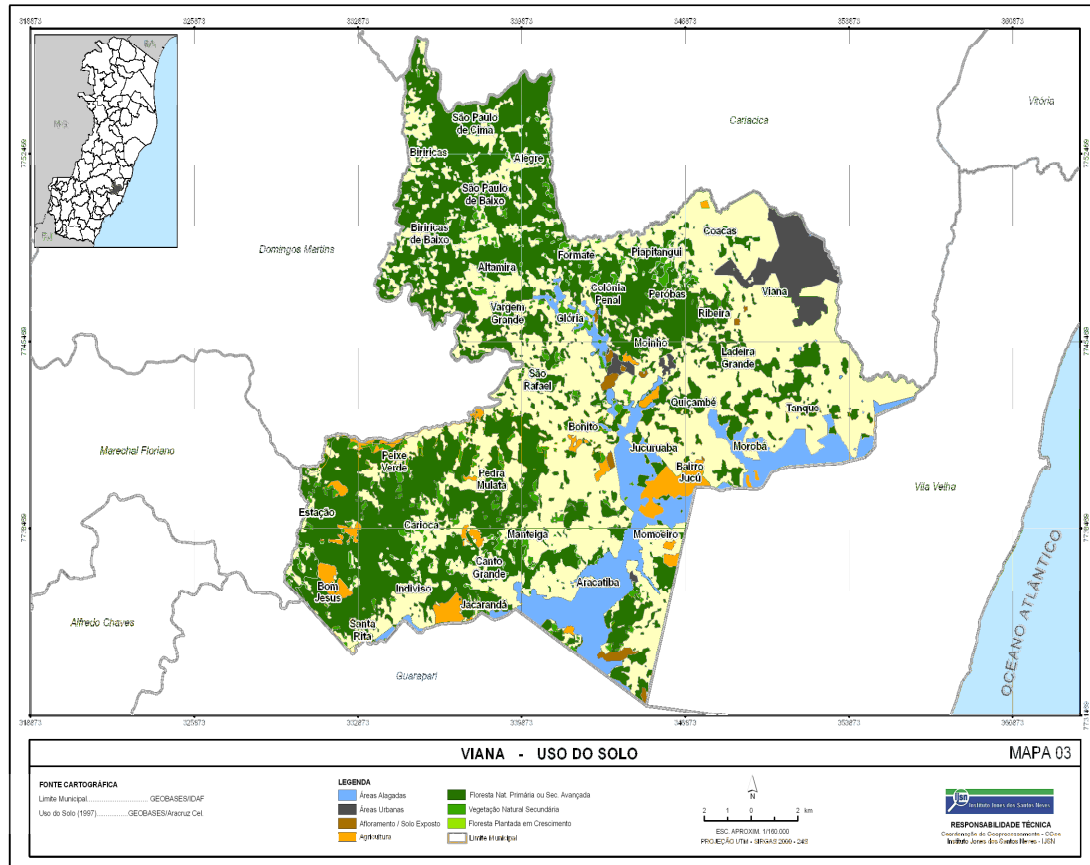
MAPA DO USO DO SOLO DO MUNICÍPIO DE CARIACICA



FONTE: IJSN (2011)

ANEXO II

MAPA DO USO DO SOLO DE VIANA



FONTE: IJNS (2011)

ANEXO III



**ASARFA – ASSOCIAÇÃO INTERMUNICIPAL AMBIENTAL EM DEFESA
DO RIO FORMATE E SEUS AFLUENTES**

RUA REI LUIZ XV, 201 – CX. POSTAL 63 CEP 29158-993 – VALE DOS REIS CARIACICA- ES.
END. P/ CORRESPONDÊNCIA: AV. DOMINGOS MARTINS, S/N - MORADA BETHÂNIA – VIANA – ES
CEP 29135-000 – E-mail: asiarfa@bol.com.br

CARTA ABERTA À POPULAÇÃO RIBEIRINHA DO RIO FORMATE

A luta iniciada formalmente em fevereiro de 2000, com a fundação da Associação Intermunicipal Ambiental em Defesa do Rio Formate e Seus Afluentes - ASARFA, pelo saudoso Companheiro José Luis Araújo, continuada por vários militantes e intensificada por nós, lideranças ambientais, componentes da ASARFA, com a participação de Companheiros das Associações de Moradores de: Morada Bethânia, Campo Verde, Marcílio de Noronha, Caxias do Sul, Areinha, Grupo Nosso Ambiente, em Viana: Piranema, Flor de Piranema, Vista Dourada, Novo Horizonte, Vale dos Reis, e mais recentemente, Vila Rica, em Cariacica. Além da participação das Paróquias: Santa Clara de Assis, em Viana, e Bom Jesus – do saudoso Padre Antônio, em Cariacica.

Através das nossas ações conseguimos:

- Participação nos Conselhos e Fóruns de Meio Ambiente;
- Influenciar no fortalecimento de grupos ambientais em diversos locais e entidades;
- Fortalecer a Caminhada Eco Cultural de Viana a Araçatiba;
- Realizar várias atividades – inclusive atos, manifestações, palestras e caminhadas ecológicas;
- Acionar diversos órgãos, entre os quais destacamos: Ministério Público, IBAMA, IEMA, prefeituras e secretarias de Meio Ambiente;
- Contribuímos de forma decisiva para que o Ministério das Cidades liberasse cerca de 11 milhões para Viana e 13 para Cariacica, além das contrapartidas dos respectivos municípios;
- Também conquistamos do COMDEVIT – Conselho Metropolitano de Desenvolvimento da Grande Vitória, a disponibilização de recursos para ser aplicado na Revitalização do Rio Formate.

Essas verbas devem ser utilizadas em diversos projetos que promovam a ampliação da consciência ambiental dessas comunidades; sustentabilidade dos recursos hídricos; recuperação dos mananciais e a progressiva ampliação da qualidade de vida.

Nossa brilhante atuação ao longo desses anos, transformaram a ASARFA em referência ambiental – garantindo participação dos Diretores nas diversas mídias existentes no Espírito Santo.

Portanto, como já é do conhecimento de expressiva parcela da sociedade, todas as ações desenvolvidas pelos poderes públicos constituídos em todas as esferas, é resultado das proposições e reivindicações da Diretoria da ASARFA, e demais entidades comunitárias e religiosas acima citadas.

